

CONEXÃO, PROTAGONISMO E ESPIRITUALIDADE

TOMO 3

PERSPECTIVAS E
OPORTUNIDADES PARA
O MINISTÉRIO COM
NOVAS GERAÇÕES



UNASPRESS

LUÍS HENRIQUE DOS SANTOS (ORG.)

CONEXÃO, PROTAGONISMO E ESPIRITUALIDADE

PERSPECTIVAS E OPORTUNIDADES PARA
O MINISTÉRIO COM NOVAS GERAÇÕES

TOMO 3



Engenheiro Coelho - SP

UNASPRESS

Editora Universitária Adventista



Igreja Adventista
do Sétimo Dia



Educação
Adventista

Presidente da Divisão Sul-Americana: Stanley Arco

Diretor do Departamento de Educação para a Divisão Sul-Americana: Antônio Marcos da Silva Alves

Presidente do Instituto Adventista de Ensino (IAE), mantenedora do Unasp: Maurício Lima

Secretário do Instituto Adventista de Ensino (IAE), mantenedora do Unasp: Charles Rampanelli

Tesoureiro/CFO do Instituto Adventista de Ensino (IAE), mantenedora do Unasp: Telson Vargas

UNASP

Reitor: Martin Kuhn

Vice-reitor administrativo: Claudio Knoener

Vice-reitor para educação superior e diretor do campus São Paulo: Afonso Ligório Cardoso

Vice-reitor e diretor do campus Engenheiro Coelho: Carlos Alberto Ferri

Vice-reitor para a educação básica e diretor do campus Hortolândia: José Prudêncio Jr.

Pró-reitor financeiro: Paulo Ricardo Monarin

Pró-reitor de graduação: Edilei Rodrigues de Lames

Pró-reitor de pesquisa e desenvolvimento institucional: Allan Macedo de Novaes

Pró-reitor de gestão integrada: Mauricio Guimarães Lima

Pró-reitor de pós-graduação lato sensu: Luis Henrique dos Santos

Pró-reitor de desenvolvimento espiritual: João Brito Netto

Pró-reitor de educação a distância: Jonas Rafael Nikolay

UNASPRESS

Editora Universitária Adventista

Editora-chefe: Jéssica Lisboa Pereira Neto

Editor-assistente: Gabriel Alves da Costa

Responsável editorial pelo EAD: Regiane Cardoso de Oliveira

Conselho editorial e artístico: Dr. Martin Kuhn; Esp. José Prudêncio Jr.; Dr. Afonso Cardoso; Dr. Carlos Ferri; Me. Claudio Knoener; Dr. Allan Novaes; Esp. Jéssica Lisboa; Dr. Edilei Lames; Dr. Evandro Fávero; Dr. Vanderlei Dorneles; Dr. Adenilton Tavares; Dr. Fabio Alfieri; Dra. Sílvia Quadros; Dra. Lizbeth Kanyat; Esp. João Brito Netto; Dr. Jonas Nikolay; Esp. Regiane Cardoso de Oliveira; Esp. Carlos Gil; Esp. Henrique Gonçalves; Dr. Jônatas Leal; Me. Diogo Cavalcanti

UNASPRESS

Editora Universitária Adventista

Caixa Postal 88 – Reitoria Unasp
Engenheiro Coelho, SP CEP 13448-900
Tels.: (19) 3858-5171 / 3858-5172

www.unasp.com.br

Coordenação editorial: Gabriel Costa

Edição: Acsa Mirele e Ygor Lebrank

Diagramação e projeto gráfico: Rodrigo Neto

Conexão, Protagonismo e Espiritualidade:

Perspectivas e Oportunidades Para o Ministério com Novas Gerações.

Tomo 3

1ª edição – 2026

Pareceristas *ad hoc*

Dr. Eduardo Lopes

Ma. Sâmela Lima

Esp. Heron Santana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Conexão, protagonismo e espiritualidade [livro eletrônico] : perspectivas e oportunidades para o ministério com novas gerações / Luís Henrique dos Santos (org.). – Engenheiro Coelho, SP : Unasp, 2026. – (Conexão, protagonismo e espiritualidade ; tomo 3)
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5405-089-0

1. Adventistas do Sétimo Dia - Doutrinas
 2. Crianças e adolescentes
 3. Fé (Cristianismo)
 4. Jovens - Aspectos religiosos - Cristianismo
 5. Ministério cristão
 6. Vida cristã - Adventistas do Sétimo Dia
- I. Santos, Luís Henrique dos.
II. Série.

26-360394.1

CDD-248.83

Índices para catálogo sistemático:

1. Jovens : Adventistas do Sétimo Dia : Vida cristã
248.83

Eliane de Freitas Leite - Bibliotecária - CRB 8/8415

Editora associada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

OP 00303.3

Todos os direitos de tradução e publicação em língua portuguesa reservados à Unasp
- Editora Universitária Adventista. Proibida a reprodução por quaisquer meios, *sem prévia
autorização escrita da editora*, salvo em breves citações, com indicação da fonte.

Sumário

• Prefácio.....	6
<i>Luís Henrique Dos Santos</i>	
• Introdução.....	10
<i>Carlos Campitelli</i>	
SEÇÃO I - Liderança, discipulado e missão com as novas gerações	14
01 Esta é minha igreja, é a sua igreja?.....	16
<i>Alejandro Brunelli</i>	
02 O perfil de liderança da geração Z: desafios e características essenciais.....	25
<i>Anderson Carneiro dos Santos</i>	
03 Um chamado à liderança: o diretor do Ministério Jovem nas pequenas congregações	36
<i>Eliomar Santos Trindade</i>	
04 Conectando a nova geração: estratégias para a formação espiritual dos jovens na era digital.....	49
<i>Flávio Pereira Ramos</i>	
05 A relevância da tríplice mensagem angélica no ministério jovem adventista	60
<i>Forlan Fernandes de Oliveira</i>	
06 Aprender, desaprender e reaprender com as novas gerações	75
<i>Roque Etienne Díaz Herrera</i>	
07 O jovem na missão transcultural: preparo para o ide.....	86
<i>Rodrigo Oséias Assi</i>	
08 Filosofia de liderança e visão de discipulado para as novas gerações	100
<i>Carlos Campitelli</i>	
09 Adoração e sua relevância nas novas gerações	114
<i>Christian Marcelo Montiveros</i>	
10 Sete características fundamentais para uma igreja intergeracional na Igreja Adventista do Sétimo Dia na Argentina	125
<i>Federico Lucas Harillo, Gary Eduardo Utz e Maximiliano Porto Giménez</i>	

11 Apreciação sobre as motivações dos jovens da Divisão Sul-Americana adventista entre 18 e 30 anos para servir como missionários religiosos voluntários 136
Mathias Mosconi

12 O problema do conflito de gerações em relação à música na IASD 145
Gustavo Marques Pereira

SEÇÃO II - Cultura, comportamento e desafios contemporâneos das novas gerações 156

13 Ellen White e a ficção: aproximações e distanciamentos..... 158
Éveni Agostinho Silveira de Souza

14 Oito maneiras de exterminar o programa OYiM em minha associação/missão: um estudo comparativo sobre as características saudáveis das missões a curto prazo e sua respectiva contextualização ao movimento OYiM no Chile..... 166
Fernando Ruiz Baier

15 Os limites do uso da ficção para levar as novas gerações à Bíblia..... 176
Sueli Nunes Ferreira de Oliveira

16 O efeito Dunning-Kruger em influencers adventistas sul-americanos de língua hispânica..... 189
Pablo Ale

17 A tendência de crescimento dos “sem religião” entre os jovens brasileiros e o posicionamento dos jovens adventistas nesse contexto..... 202
Lelis Souza da Silva

18 Depressão em alunos universitários: uma abordagem de uma problemática crescente.....207
Lucas Daniel Muñoz

Prefácio

Luís Henrique Dos Santos

Coordenador Acadêmico do MBA e Organizador da Coletânea

Data: 14 de maio de 2018

Hora: 8h00

Local: Sala Frankfurt, Centro de Convenções do Hotel Slaviero Aeroporto, em Guarulhos, Brasil

Presentes: 55 estudantes, 4 convidados externos, 1 convidado online (via videoconferência)

Começava assim, em 2018, a primeira aula da primeira turma do MBA em Liderança com Ênfase no Estudo das Novas Gerações, uma iniciativa oficial da Igreja Adventista do Sétimo Dia no território da Divisão Sul-Americana, idealizada para capacitar os líderes a frente dos ministérios com novas gerações – Crianças, Adolescentes, Aventureiros, Desbravadores e Jovens – das Uniões e Associações. A ação foi operada academicamente pelo UNASP - Centro Universitário Adventista de São Paulo, e contou com a colaboração de professores e palestrantes de diferentes instituições do Brasil e do exterior. A ideia central era promover atualização em temas emergentes, reforçar fundamentos bíblicos e denominacionais, promover a troca de experiências entre os participantes e encontrar, em conjunto, formas inovadoras e responsáveis de enfrentar os novos desafios sociológicos e espirituais os quais enfrentavam as novas gerações na Igreja Adventista no contexto contemporâneo.

Hoje, oito anos, uma pandemia e três turmas depois (e uma quarta em andamento), mais de 150 alunos já passaram pelo curso e aplicaram o conhecimento e experiência adquiridos em novos e antigos projetos, no relacionamento com suas equipes de trabalho, e na interlocução com as novas e antigas gerações.

O material ao qual você está tendo acesso, nesse momento, é a materialização das reflexões pessoais de parte significativa desse grupo (um total de 127 autores). São ensaios – uma modalidade de escrita mais reflexiva e pessoal, sem a obrigatoriedade de vinculação a alguma pesquisa científica com metodologia mais rigorosa – nos quais os autores tratam de temas como comportamento, música, tendências sociais, grandes

movimentos culturais e fazem reflexões sobre o papel da Igreja e de suas iniciativas como uma possível resposta à parte das perguntas mais urgentes das novas gerações.

Como em qualquer reflexão pessoal, muito da visão de mundo, das experiências particulares de cada autor e do espírito do tempo são expressas nos textos. Portanto, ainda que seja um material produzido por colaboradores em posições formais de liderança da Igreja Adventista selecionados para cursarem o MBA, não refletem, necessariamente, as posições oficiais da Igreja a respeito de todos os temas, ainda que não tenham sido identificadas dissensões doutrinárias ou organizacionais. É, assim, um material seguro, criado por líderes realmente engajados em fazer o melhor pelas novas gerações e pela causa do Mestre.

A equipe editorial desta coleção também optou pela preservação máxima dos textos originais, aplicando somente as correções ortográfico-gramaticais, ajustando formatações de referências e atualizando outras, ou incluindo a supressão quando identificadas inconsistências que não foram possíveis de serem esclarecidas com os autores. O resultado é um mosaico de estilos, de abordagens, de profundidades, de rigor metodológico e de propostas que não são comuns em obras com linhas editoriais mais formais, mas que, nesse caso, conferem uma riqueza única a todo esse material. E é assim que recomendamos a leitura: uma imersão em diferentes pontos de vista para diferentes cenários e desafios das novas gerações. Alguns serão mais próximos a sua realidade como leitor; outros, menos familiares ou com os quais não haverá unanimidade, mas todos, certamente, contribuirão para uma construção mais extensa do conhecimento sobre o trabalho da Igreja Adventista do Sétimo Dia com as novas gerações.

Esse material completo é composto por 3 tomos, separados por grandes áreas de afinidade – Crianças & Adolescentes, Aventureiros & Desbravadores, e Jovens – e suas temáticas diversas. Recomendamos a leitura deste tomo que você tem em mãos e dos outros dois, em conjunto, para uma percepção mais realista de como os temas foram tratados

em conjunto, em um ambiente único de cooperação e troca de experiências, o que certamente inspirou e influenciou mutuamente os autores.

Encerro este prefácio com uma citação de Ellen G. White sobre a importância do trabalho com as novas gerações. Escreve ela, no livro “Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes”, na página 165:

“Se há tempo em que devemos trabalhar com ardor, é hoje. O inimigo está atacando de todos os lados, semelhante a uma inundação. Unicamente o poder de Deus pode salvar nossos filhos de serem varridos pela maré do mal. A responsabilidade que repousa sobre os pais, professores e membros da igreja, de fazerem sua parte em cooperação com Deus, é tão grande que não pode ser expressa por palavras.” (White, E. 1987)

Este material é parte de um esforço conjunto e dedicado em cumprir a responsabilidade de fazer a nossa parte em cooperação com Deus.

Boa leitura.

Introdução

Carlos Campitelli

Ministério Jovem, Música e Universitários Adventistas – Divisão Sul-Americana

Escrevo este texto com a convicção de que refletir sobre as novas gerações não é apenas uma necessidade estratégica da igreja, mas uma responsabilidade espiritual que define o presente e o futuro da missão. Ao longo da sua história, a Igreja Adventista do Sétimo Dia tem reconhecido o valor dos ministérios voltados às crianças, adolescentes e jovens, entendendo que o discipulado intencional dessas faixas etárias é essencial para a continuidade da fé e para o cumprimento da missão. Nesse contexto, o papel dos departamentais e líderes relacionadas a estas áreas se torna fundamental, pois são eles que articulam visão, formação e ação nos diferentes níveis da igreja. São líderes que atuam como pontes entre a mensagem eterna do evangelho e os desafios concretos enfrentados pelas novas gerações, traduzindo princípios bíblicos em práticas relevantes e contextualizadas para o tempo presente. A criação de um MBA voltado às novas gerações surge, portanto, como uma resposta madura a essa necessidade, oferecendo formação qualificada, reflexão crítica e ferramentas práticas para líderes que desejam servir com relevância, profundidade e intencionalidade.

Ao acompanhar a jornada de aprendizagem deste grupo ao longo dos últimos anos, percebo que não se trata apenas de um processo acadêmico, mas de uma experiência formativa integral. Cada participante não apenas adquiriu conhecimento, mas também ampliou sua compreensão sobre os desafios contemporâneos, desenvolveu sensibilidade pastoral e fortaleceu sua identidade missionária. Estudar as novas gerações é, antes de tudo, reconhecer que elas vivem em um contexto complexo, marcado por rápidas transformações culturais, tecnológicas e sociais, o que exige líderes preparados para compreender, dialogar e, acima de tudo, discipular. Nesse sentido, o percurso formativo deste MBA contribuiu para formar líderes mais conscientes, mais preparados e mais comprometidos com uma missão que não pode ser improvisada.

Os temas abordados ao longo do programa e agora registrados neste e-book refletem essa riqueza de perspectivas e experiências. Este material não é apenas uma coletânea de textos, mas um repositório de reflexões que integram teoria e prática, fé e contexto, princípios bíblicos e desafios

contemporâneos. Cada capítulo expressa o esforço de conectar fundamentos sólidos da cosmovisão cristã com perguntas e demandas reais enfrentadas pelas novas gerações dentro e fora da igreja. Há, portanto, uma preocupação não apenas acadêmica, mas também pastoral e missionária em cada contribuição aqui apresentada. Ao organizar esses conteúdos em formato de e-book, amplia-se significativamente o alcance dessas contribuições, permitindo que outros líderes, em diferentes realidades, tenham acesso a ideias, caminhos e ferramentas que podem fortalecer seus ministérios. Trata-se de um recurso valioso para a igreja, especialmente em um tempo em que formar discípulos exige intencionalidade, criatividade e fidelidade aos princípios do evangelho. Além disso, a democratização desse conhecimento por meio de um material acessível favorece o desenvolvimento contínuo de líderes locais, professores, pastores e voluntários que atuam diretamente na linha de frente do discipulado das novas gerações.

Minha expectativa para o leitor é que, ao percorrer estas páginas, não apenas adquira novos conhecimentos, mas também seja desafiado a uma prática mais profunda e comprometida. Que cada ensaio provoque reflexão, inspire ações concretas e fortaleça a convicção de que trabalhar com as novas gerações é investir no cumprimento da missão de fazer discípulos. Mais do que isso, espero que este material contribua de maneira significativa para que líderes e comunidades de fé avancem no propósito de formar jovens que não apenas permaneçam na igreja, mas que se tornem discípulos maduros em Cristo, comprometidos com a missão e preparados para viver e proclamar o evangelho em seu tempo.

Por fim, expresso minha sincera gratidão a todos os autores que, com dedicação e generosidade, contribuíram para esta obra. Cada texto aqui presente carrega não apenas conhecimento, mas também experiência, oração e compromisso com a missão. Reconheço também o papel do UNASP, na pessoa do coordenador do curso, Prof. Luis Henrique, por sua liderança, visão e empenho na formação de líderes preparados para servir às novas gerações. O esforço conjunto de todos os envolvidos evidencia uma igreja que pensa, que aprende e que se move intencionalmente para cumprir seu

chamado, e este e-book se apresenta como fruto concreto desse compromisso coletivo, com potencial significativo para fortalecer o ministério com as novas gerações. Que esta obra possa inspirar novas iniciativas, fortalecer ministérios já existentes e contribuir para que a igreja continue preparando líderes comprometidos em anunciar o evangelho de maneira relevante, fiel e transformadora às futuras gerações.

Seção I

**Liderança,
discipulado e
missão com as
novas gerações**



Esta é minha igreja, é a sua igreja?

A RELAÇÃO DAS NOVAS GERAÇÕES COM A INSTITUIÇÃO ECLESIASTICA

Há aproximadamente um ano, minha filha de quatorze anos chegou da escola e me fez uma pergunta: “Por que a sua igreja quer expulsar do colégio meu colega por ser transgênero?”. Em uma conversa de quase meia hora, dialogamos sobre diversos temas, como liberdades individuais, o que a Bíblia menciona com relação à sexualidade, os comportamentos cristãos aprovados por Deus e o princípio do amor. Porém, o que mais me chamou a atenção (para não dizer que me desesperou) foi o fato de que, durante a discussão, ela usou repetidas vezes a expressão “sua igreja”.

Juliana é uma adolescente que estuda em um colégio adventista, frequenta os cultos todos os sábados (voluntariamente e com felicidade), tem amigos que são membros da igreja e mantém um comportamento cristão alinhado aos padrões eclesiais. Quando ela fala da igreja local e de seus amigos, ela se refere à “minha igreja”. No entanto, quando percebeu que a organização agiria de uma maneira contrária à sua visão de realidade, ela não teve dificuldade em dissociar a “comunidade eclesial” onde é feliz (a sua igreja) da “estrutura eclesial” que dá nome àquela comunidade (a sua igreja).

Há aproximadamente uma década, a Igreja Adventista do Sétimo Dia – por meio de documentos, programas e ênfases nas pregações – tem alertado que a denominação está perdendo a sua identidade histórica, especialmente entre os mais jovens, e que recuperá-la é assunto de extrema urgência. De certo modo, a ênfase da igreja e os questionamentos de minha filha fazem-me refletir sobre o tema: a que nos referimos quando falamos de identidade? A um senso de pertencimento, a uma comunidade ou a uma organização? Refere-se a um comportamento ético fundamentado em princípios bíblicos ou a tradições mantidas por muito tempo sem justificativas? Como compreender a filosofia de vida das novas gerações, profundamente afetadas pela cultura atual e pela revolução midiática, e a sua cosmovisão do que significa ser adventista?

Conforme afirmam Dias e Follis (2017, p. 96):

Ser adventista é mais do que dizer que temos crenças em comum. É entender que os valores comuns geram diversidade de expressões culturais. Isso significa que nossa identidade como adventistas não deve ser primariamente baseada no que fazemos ou deixamos de fazer [...] o que importa é a razão por trás dessas decisões e o fato de que devem estar alinhadas com a cosmovisão bíblica.

Esse pensamento leva-nos a refletir sobre a ênfase comportamental que a igreja tem aplicado nos últimos anos, e se essa abordagem não tem influenciado diretamente o movimento massivo de abandono da comunidade de fé pelas novas gerações.

O CONTEXTO ATUAL: MUDANÇAS NA COSMOVISÃO SOCIAL

É inegável que a cosmovisão da sociedade mudou drasticamente nos últimos anos. A influência do individualismo, o relativismo, a ênfase no respeito à liberdade de expressão (incluindo identidade e comportamento sexual) e a perda de confiança nas instituições cristãs devido à incoerência entre mensagem e estilo de vida (como os escândalos de abuso em diversas denominações) fizeram com que as fontes de autoridade mudassem. Instituições como a família, a escola e a igreja perderam autoridade para definir a ética e foram substituídas por *influencers*, pelos meios de comunicação e, em última instância, pelo pensamento individual. De alguma maneira, voltamos à cosmovisão e ética do período dos Juízes: “Cada um fazia o que bem lhe parecia” (Juízes 21:25).

No livro *Geração Perdida*, baseado em um vasto estudo do Grupo Barna sobre costumes, comprometimento religioso e pertencimento eclesialístico de jovens maiores de 18 anos, menciona-se que cerca de 60% desses jovens deixaram de frequentar e de se comprometer com alguma igreja, embora mantenham uma imagem positiva de Cristo e a consciência da necessidade de um relacionamento pessoal com Ele. Nas palavras de Kinnaman (2013, p.

28), autor da obra, “os jovens cristãos estão batalhando menos com sua fé em Cristo do que com sua experiência na Igreja”.

Os dados dessa pesquisa são facilmente aplicáveis à igreja adventista. Há 25 anos, 61% dos membros da igreja na União Austral (Argentina) tinham menos de 35 anos (União Austral, 2000). Hoje, esse percentual caiu para 48% (Sistema ACMS, 2026). Esse declínio dos jovens é motivo de profunda preocupação. Há, contudo, uma grande discussão quanto às causas e responsabilidades. Muitos advogam por uma mudança nas estruturas e na liturgia que aproxime as novas gerações do culto, adaptando certas formas em função das mudanças socioculturais. Outros argumentam que a igreja “não deve perder sua identidade nem deixar que a cultura mundana entre na igreja”. Sob esse âmbito destacam-se três aspectos que estão provocando forte tensão entre a cosmovisão das novas gerações e a visão tradicional da igreja adventista: as crenças, a identidade e o pertencimento.

CRENÇAS: O RELATIVISMO E O PLURALISMO RELIGIOSO

Um dos aspectos que distinguem a sociedade atual é o relativismo e o conseqüente pluralismo cultural e religioso. Newbiggin (2016, p. 13), em seu livro *O Evangelho em uma Sociedade Pluralista*, menciona que:

[...] em tempos anteriores, havia uma doutrina pública aceita, moldada pelo cristianismo, estabelecendo normas pelas quais toda crença e conduta deveriam ser julgadas. O pluralismo é concebido como sendo uma característica própria da sociedade secular, na qual não há oficialmente aprovação de crenças ou condutas. Por isso, é concebido como uma sociedade livre, não controlada por dogmas, mas caracterizada pelo espírito crítico disposto a submeter todos os dogmas a um exame rigoroso.

O mesmo autor, referenciando a obra de Graf Reventlow sobre a autoridade da Bíblia e o surgimento do mundo moderno, explica que o pluralismo atual tem sua origem na “forte tradição humanística que enfatizava a importância de que cada indivíduo tenha direito ao pensamento livre e em formular para si mesmo as verdades pelas quais vive” (Newbiggin, 2016, p. 14).

Nesse contexto, a sociedade pluralista desafia o entendimento tradicional da verdade absoluta. Para Tomás de Aquino, por exemplo, “a verdade é a conformidade entre o intelecto e a realidade” (*adaequatio rei et intellectus*). Porém, para o mundo atual, a compreensão de uma verdade única é incompatível com uma cosmovisão pluralista na qual coexistem múltiplas “verdades”. Isso tem afetado dramaticamente a forma como as pessoas (especialmente as novas gerações) entendem a verdade religiosa, desafiando a igreja adventista a comunicá-la de forma relevante.

Ingram (2015, p. 39), em *Choque Cultural*, expressa que vivemos em um período da história em que “as afirmações de verdade absoluta estão sendo substituídas pela relatividade da verdade pessoal e pela liberdade de consciência”. Isso é demonstrado por pesquisas recentes: de acordo com o Barna Group, a descrença em Deus cresceu consideravelmente na última década (Barna Group, 2017) e, em levantamentos do *Pew Research Center*, evidencia-se que, “na maioria dos países investigados, as gerações jovens são significativamente menos religiosas que as gerações mais velhas” (Pew Forum, 2018).

A Igreja Adventista, em seu método de pregação e ensino, tem enfatizado as “crenças” e as “verdades” com as quais doutrina os novos membros. Contudo, ao observar o método de ensino de Jesus nos evangelhos, nota-se que Ele frequentemente fazia perguntas e provocava reflexão, instigando Seus discípulos a pensarem (Kinnaman, 2013). Jesus não apenas fornecia respostas, mas formulava novos questionamentos que levavam o interlocutor a ponderações profundas.

O ponto em questão não é argumentar que a igreja não deve ter ou ensinar crenças, mas sim que, no contexto do relativismo pós-moderno, transmitir apenas um conjunto engessado de verdades – sem facilitar uma experiência vivencial de fé – não será suficiente para reter as novas gerações. Um

problema adicional é que, frequentemente, a igreja realiza um “batismo de crenças” sem que tenha havido um “batismo de conversão”, ou seja, o indivíduo adquire conhecimento intelectual das doutrinas, mas sem uma experiência transformadora com Deus que ressignifique a sua vida.

IDENTIDADE: DO COMPORTAMENTO PARA A COSMOVISÃO

Quando falamos de identidade adventista, tradicionalmente temos nos referido a um conjunto de comportamentos permitidos ou não. A igreja construiu sua narrativa em torno de regras como “nós não fazemos isto” ou “nós não vamos àquele lugar”. Esse enfoque é bem resumido na expressão de que “ser adventista significa não fumar, não beber, não dançar, não ir ao cinema”. Não há nada de intrinsecamente errado na abstenção dessas práticas como parte de um estilo de vida saudável, mas o problema é quando a identidade adventista é reduzida a um conjunto de “não fazeres”.

As novas gerações, moldadas pelo pluralismo, questionam o porquê de não deverem fazer certas coisas. Quando a resposta é simplesmente “porque a igreja diz” ou “porque está na Bíblia” (sem profundidade exegética e aplicação), o argumento perde força para uma geração treinada a questionar autoridades e pensar por si mesma. Nesse sentido, White (2007, p. 201), expressa que:

não é agradável a Deus que o caminho de nossas vidas seja determinado por preceitos humanos, por tradições religiosas, ou por práticas mundanas que satisfazem o desejo de ganhos pessoais. Mas por meio da oração e da pesquisa nas Escrituras, cada pessoa deve alcançar uma firme convicção de qual é a verdade.

Portanto, a identidade adventista necessita ser reformulada. Ao invés de uma base estritamente restritiva (o que não fazemos) para uma postura baseada em uma cosmovisão bíblica coerente (o que acreditamos, quem somos, o porquê de fazermos o que fazemos e como isso se reflete nas ações diárias). Isso não significa adotar a cosmovisão pluralista ou relativista, mas ser capaz

de articular de forma inteligível o sustento teológico, histórico, científico e experiencial de nossas crenças.

Um segundo aspecto da identidade é a forma como a própria denominação se autopercebe. Uma pesquisa realizada pela DSA revelou que, quando questionados sobre o principal atributo identitário da igreja, “68% dos membros responderam que era a guarda do sábado ou as leis de saúde, e apenas 5% afirmaram ser o tipo de relacionamento com Jesus ou com a comunidade de fé” (Pesquisa Adventista, 2018). Isso é alarmante; embora o sábado e as orientações alimentares sejam distintivos da tradição, reduzir a identidade da igreja a práticas externas e negligenciar a sua verdadeira razão de existir (a missão de Cristo) representa uma perda considerável da identidade histórica adventista.

PERTENÇA: UMA QUESTÃO DE COMUNIDADE E ESTRUTURA

Um terceiro aspecto que marca tensão entre as novas gerações e a estrutura institucional da igreja é o conceito de pertencimento. Na obra *Geração perdida*, nota-se que uma das razões mais significativas pelas quais os jovens abandonam as congregações é o fato de não sentirem que pertencem àquele lugar.

Jovens que deixaram a igreja costumam citar razões como: “a igreja é hipócrita”, “a igreja não tolera minhas dúvidas” ou “a igreja é excludente e não me aceita pelos meus traços de identidade”. Kinnaman (2013, p. 32) acrescenta que “uma proporção muito maior de jovens cristãos está deixando a Igreja, não porque foram expulsos, mas porque se sentiram desconectados”, resultando não apenas no abandono do banco da igreja, mas no desenvolvimento de ceticismo e hostilidade com relação ao próprio Deus.

O fator do pertencimento ganha ainda mais peso ao observar a sensibilidade das novas gerações em relação à inclusão e à aceitação de grupos tradicionalmente marginalizados. Quando a igreja transmite (por meio de suas estruturas, políticas ou mensagens implícitas) que certos perfis não são bem-vindos, a juventude reage com desconfiança e, frequentemente, afasta-se. Isso não implica que a igreja deva comprometer sua ética, mas exige

uma reflexão profunda sobre como a forma de comunicar sua fé pode estar alienando o futuro da denominação.

O PAPEL DA IGREJA LOCAL

Um aspecto interessante na experiência de minha filha é a diferença que ela percebeu entre a “comunidade eclesiástica local” (a *sua* igreja, onde ela sente pertencimento e aceitação) e a “estrutura eclesiástica institucional” (a organização da igreja, que lhe parece distante e desentendida em relação aos seus valores).

Isso sugere que a igreja local tem um papel insubstituível. Enquanto as estruturas administrativas focam em políticas e diretrizes, são os pastores locais, professores da escola sabatina e líderes do Ministério Jovem que desenvolvem relacionamentos reais e diretos com as novas gerações, sendo capazes de comunicar de forma muito mais autêntica e efetiva os valores do evangelho.

CONCLUSÃO: RECUPERANDO A CONFIANÇA E O SENTIMENTO DE PERTENÇA

O desafio que a igreja adventista enfrenta com relação às novas gerações é complexo e não se resume a “modernizar” a liturgia ou “desculturalizar” a fé. Trata-se de refletir intensamente sobre como a igreja pode comunicar a sua mensagem de uma forma que ressoe com uma geração cuja cosmovisão e vivência são drasticamente diferentes daquelas dos seus pais e avós.

A recuperação da confiança e do pertencimento por parte das novas gerações requer que a instituição tome medidas concretas em diversas frentes. É preciso que ela facilite uma experiência vivencial e transformadora de fé, superando a mera transmissão técnica de crenças ou a imposição de comportamentos. Ao mesmo tempo, deve articular a sua identidade com base em uma cosmovisão bíblica coerente e propositiva, capaz de responder de maneira intelectualmente honesta às preocupações contemporâneas. Isso implica também criar espaços seguros onde as novas gerações se sintam aceitas, onde as suas dúvidas sejam validadas e a diversidade de pensamento seja respeitada. Não menos importante é o alinhamento entre as estruturas

e a comunicação da igreja e os valores que ela proclama, evitando casos de hipocrisia ou incoerência entre o que se prega e o que se vive. Por fim, é fundamental empoderar os líderes locais para que atuem como portadores do amor e dos valores da igreja de forma genuinamente relacional.

A permanência das novas gerações na igreja não está garantida. A dicotomia entre “a sua igreja” e “a minha igreja” funciona como um severo aviso. As estruturas institucionais só terão relevância contínua se a experiência proporcionada aos membros refletir genuinamente uma fé viva, um amor inclusivo e uma missão que os inspire e os empodere a fazer a diferença no mundo.

REFERÊNCIAS

- BARNA GROUP. **The rise of atheism**. Disponível em: <https://www.barna.com/rise-of-atheism/>. Acesso em: 2017.
- NOVAES, A.; CARMO, F. **O adventista e a cultura pop**. Engenheiro Coelho: Unaspress, 2017.
- INGRAM, C. **Choque cultural: uma resposta bíblica a los temas actuales más conflictivos**. El Paso: Mundo Hispano, 2015.
- KINNAMAN, D. **Geração perdida: por que os jovens estão abandonando a igreja... e repensando a fé**. Pompeia: Editora Universidade da Família, 2014. NEWBIGIN, Leslie. **O evangelho em uma sociedade pluralista**. Viçosa: Ultimato, 2016.
- PESQUISA ADVENTISTA. **Relatório da pesquisa realizada pela DSA**. [S.l.]: Divisão Sul-Americana, 2018.
- PEW FORUM. **The age gap in religion around the world**. Disponível em: <https://www.pewforum.org/2018/06/13/the-age-gap-in-religion-around-the-world/>. Acesso em: 29 abr. 2026.
- SISTEMA ACMS. **Dados de secretaria da Igreja Adventista do Sétimo Dia**. [S.l.]: [s.n.], 2026.
- SMITH, Timothy. **O clamor dos jovens**. São Paulo: Casa Criação, 2004.
- UNIÃO AUSTRAL. **Informe de secretaria apresentado no Congresso Administrativo**. Buenos Aires: União Austral, 2000.
- WHITE, Ellen G. **Obreiros evangélicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

O perfil de liderança da geração Z: desafios e características essenciais

Quando alguém é nomeado para assumir um cargo de liderança de jovens na igreja, logo imagina os muitos eventos que precisará realizar: acampamentos, congressos, tardes de louvor, cultos jovens criativos, promoções, entre outros. No entanto, nada disso fará sentido se esse novo líder não se questionar, antes, sobre os seguintes pontos: para quem falará? O que chama a atenção desses jovens? Por que são identificados como pertencentes à Geração Z? Como alcançá-los de forma que abracem a causa missionária da igreja? Quais características o líder dessa geração precisa ter para alcançá-los, cativá-los e conquistá-los de verdade?

É com base nesses questionamentos que este trabalho foi pensado. A cultura está em constante mudança, e é preciso aceitar que novas gerações estão surgindo em curtos intervalos de tempo. Entre estudiosos do assunto, é amplamente reconhecida a existência de cinco gerações: os Veteranos, os Baby Boomers, a Geração X, a Geração Y e, por fim, a Geração Z – objeto de estudo desta pesquisa. Essa transformação acelerada imprimiu à cultura contemporânea um caráter midiático e imagético que exige do líder formas diferenciadas e cada vez mais adaptadas de conduzir pessoas.

A GERAÇÃO Z E OS DESAFIOS DA LIDERANÇA

Se antigamente as famílias dispunham de mais tempo para conversar, trocar ideias, transmitir ensinamentos e consolidar valores, hoje, na era da mídia, pais e filhos convivem sob o mesmo teto ocupados com smartphones, computadores, televisão e games, sem que haja, muitas vezes, diálogo real entre eles. Assim, vive-se em um mundo extremamente conectado onde parece que as fases da vida se antecipam; paradoxalmente, porém, os filhos permanecem mais tempo em casa, adiando o casamento e a constituição da própria família.

Essas são algumas das características da Geração Z – pessoas nascidas entre os anos de 1990 e 2010. Mas, qual o significado do termo “gerações”? Para Domingues (2002, p. 70), “gerações se definem primeiramente por compartilhar uma posição biológica – nascimento e morte”. No entanto, essa definição não pode ser reduzida apenas ao aspecto biológico, pois, como o

próprio autor pondera, esse ponto de vista soa estranho na contemporaneidade, “uma vez que a construção social das identidades é fenômeno amplamente estabelecido nas ciências sociais” (2002, p. 77).

A Geração Z colhe um fruto amargo da fraca presença dos pais, sendo, em muitos casos, órfãos de pais vivos, o que acaba gerando distanciamento físico e emocional. Educados por parentes ou vizinhos, muitos não estão aprendendo a desempenhar, na vida adulta, os papéis de cônjuges, de pais ou de mães. Ora, enfrentam ainda dificuldades de serem profissionais ou até mesmo exercerem uma vida digna e moral. Conectados à internet com diversos tipos de dispositivos que parecem fazer parte do corpo, vivem como seres alheios, muitas vezes, a tudo o que está acontecendo à sua volta. Borges e Silva endossam esta ideia ao afirmar que essa geração

[...] tem muita facilidade e domínio das novas tecnologias e senso de urgência em conhecer e se conectar a todas as possibilidades de intercâmbio virtual. Com toda esta interação tecnológica a Geração Z passa boa parte do tempo encerrada em seu mundo particular, muitas vezes sem conversar com ninguém, nem mesmo com os pais, o que causa carência dos benefícios decorrentes das relações interpessoais (Borges; Silva, 2013, p. 4).

Como afirmou o sociólogo Bauman (2013, p. 52): “o espírito pós-moderno é bastante humilde para proibir e bastante fraco para banir os excessos da ambição moderna”. Nesse contexto, de acordo com White (2017), em sua obra *Meet Generation Z*, 74% da Geração Z aceita o casamento entre pessoas do mesmo sexo como algo inegociável, embora apenas 4% considerariam casar-se nessa condição. Mesmo defendendo esta ideologia não bíblica, não representam uma geração que está rompendo com grandes mudanças. Eles estão buscando uma liberdade individual e esse é o grande valor que está por trás da Geração Z.

Essa geração recebeu mais espaço que qualquer outra geração dos últimos mil anos, o que os torna predominantemente autodirigidos. É também mais sensível às desigualdades sociais, engajando-se em causas coletivas e cultivando o que se convencionou chamar de *vibes do bem*. Ao mesmo tempo, White (2017, p. 66) alerta que esses jovens “são ansiosos, imediatistas, desprovidos de paciência, incapazes de adiar seus desejos, o que acaba fazendo de cada um deles presas fáceis do consumismo capitalista”.

Eles estão inquietos para ingressar no mundo do trabalho, aparentemente mais maduros que a Geração Y e com ambição declarada de “mudar o mundo”. Aprenderam que as escolhas tradicionais não garantem o sucesso e, por isso, assumem uma postura empreendedora como traço constitutivo de sua identidade. Buscam educação e conhecimento por meio das mídias sociais, utilizadas como ferramentas permanentes de pesquisa. Ao distribuírem sua atenção por cinco telas simultaneamente, contudo, sua capacidade de concentração tende a diminuir – fenômeno explicado por estudos neurocientíficos como uma resposta natural do cérebro à sobrecarga de estímulos.

A esse respeito, Morin (1999, p. 70) oferece uma perspectiva relevante: aprender “não é somente reconhecer o que, virtualmente, já era conhecido; não é apenas transformar o desconhecido em conhecimento. É a conjunção do reconhecimento e da descoberta. Aprender comporta a união do conhecido e do desconhecido”. Essa compreensão é particularmente significativa para os líderes que atuam com essa geração, pois os jovens da Geração Z valorizam profundamente a experiência: querem sentir antes de entender. Nesse sentido, fazer com que os jovens experimentem o amor de Deus antes de receber sua proclamação e explicação teológica faz muito mais sentido para essa geração do que o caminho inverso – e há inúmeros exemplos de Jesus seguindo exatamente esse modelo nos evangelhos.

Na fase das grandes decisões, entre os vinte e os trinta anos, esses jovens tendem a querer encurtar a infância e prolongar a juventude, adiando responsabilidades como o casamento e a saída da casa dos pais. O momento das escolhas essenciais para a vida está sendo progressivamente postergado. Esse dado é tanto mais relevante quando se considera que as grandes ideias que

marcaram a história foram gestadas por personagens jovens: Nelson Mandela, aos 23 anos, mudou-se para Joanesburgo para iniciar a luta contra o Apartheid; Martin Luther King Jr., aos 26, liderou boicotes e fundou a Conferência de Liderança Cristã do Sul; Steve Jobs criou a Apple aos vinte anos, na garagem da casa do pai; Sérgio Moro tornou-se juiz federal do Brasil aos 24.

Diante desse panorama, surge uma questão central: estariam os jovens da Geração Z sem direção, iludidos por uma cultura que não lhes oferece substância? Muitos ainda são dependentes financeiros da família e demonstram incerteza quanto ao próprio futuro. É precisamente essa geração, porém, que os líderes cristãos precisam aprender a acompanhar e a conduzir. Deus tem confiado a esses líderes o aperfeiçoamento dos jovens para o Seu serviço (Ef 4:12), “até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus” (Ef 4:13). Para tanto, é necessário conhecer os princípios que norteiam a liderança eficaz na cultura da Geração Z.

AUTENTICIDADE

Atualmente, muito se fala sobre as *fake news*. Tratam-se de notícias falsas que são publicadas em aplicativos de mensagens de texto, veículos de comunicação e redes sociais como se fossem informações verdadeiras. A percepção do que acontece nem sempre está alinhada aos fatos, e quando essa dissociação ocorre, criam-se realidades alternativas “que não se baseiam em fatos, mas em emoções. Realidades alternativas que se baseiam na percepção, não em dados” (Medrán, 2017, p. 33). Esse fenômeno, por sua vez, viabiliza a distorção dos acontecimentos reais e constitui uma das formas pelas quais as *fake News* são produzidas e disseminadas. A Folha de São Paulo, a título de exemplo, realizou um levantamento abrangendo o período de 2006 a 2017 e constatou que as *fake news* alcançam mais seguidores do que o conteúdo jornalístico nas redes sociais (Folha de São Paulo, 2018).

O tema, no entanto, não é novidade para os cristãos. Há um inimigo que há séculos proclama que Deus não é justo, espalhando mentiras e semeando dúvidas sobre o Seu caráter. O líder da Geração Z precisa, portanto, legitimar as verdades bíblicas no coração dos jovens – e, para isso, a autenticidade é

indispensável. Essa geração espera dos seus líderes envolvimento genuíno, escuta ativa diante de seus desafios e dúvidas, e atenção às suas incertezas quanto ao futuro. Líderes que se importam com os sonhos dos jovens, que os respeitam como indivíduos e que são sinceros nos relacionamentos constroem o tipo de vínculo que essa geração necessita.

É preciso considerar, ainda, que essa geração raramente encontra proximidade emocional no ambiente doméstico, o que gera um abismo afetivo capaz de afastá-la de tudo e de todos. Construir uma ponte de autenticidade entre os jovens e Deus é, portanto, uma das tarefas mais urgentes do líder. Mais do que alguém engraçado ou popular, a Geração Z valoriza o que é real. Está desapontada com ídolos que desmoronam, com heróis que se revelam falsos. Surge aí uma oportunidade singular para o líder demonstrar que a Bíblia não oculta os erros de seus personagens, e que ser transparente – “ele mesmo”, disposto a abrir o coração quando necessário – é a essência do que significa ser autêntico.

EXERCER A EMPATIA

O conceito comumente definido para empatia é o de “se colocar no lugar do outro para saber o que ele está sentindo”. No entanto, do ponto de vista neurobiológico, é impossível saber o que o outro está sentindo. Para que isso ocorresse, de acordo com o psicólogo e neurocientista Pedro Calabrez (2017), seria necessário que os cérebros das duas pessoas estivessem literalmente abertos e seus neurônios conectados. Desta forma, as sinapses ocorreriam entre os neurônios e então as sensações poderiam ser trocadas e/ou duplamente sentidas, ou seja, biologicamente impossível de ocorrer.

Do ponto de vista da Psicologia, a discussão sobre empatia tem uma longa trajetória. Titchener, em 1909, a descrevia como a capacidade de conhecer a consciência de outra pessoa e de raciocinar de maneira análoga a ela por meio de um processo de imitação interna, pelo qual pessoas com níveis semelhantes de desenvolvimento intelectual e moral poderiam compreender umas às outras (Wispé, 1987). Décadas depois, Rogers (2001) ampliou esse entendimento, propondo que a empatia não é apenas uma resposta reflexa

ao comportamento do outro, mas uma habilidade desenvolvida que envolve o estabelecimento de vínculos cognitivo-afetivos, durante os quais alguém se permite, deliberadamente, sensibilizar-se e envolver-se com a experiência de vida de outra pessoa.

Exercer empatia exige, portanto, disposição genuína para construir esses vínculos. O líder da Geração Z precisa internalizar essa necessidade, pois são os laços afetivos que manterão o grupo unido em torno de uma causa – seja ela social ou espiritual. Uma vez estabelecidos esses vínculos, o próximo passo é contar, cotidianamente, com o poder de Deus. Se os jovens não perceberem esse poder nos seus líderes, um encontro que se anuncia como experiência com o divino perderá sentido. Por meio de um líder verdadeiramente empático, os jovens podem compreender que o sucesso real tem origem em Deus.

Quando vidas são valorizadas e transformadas, o engajamento nos cultos e projetos naturalmente cresce. Quando tudo der certo, é o poder de Deus que merece o crédito – não o líder. Paulo, inclusive, aconselha em 1 Coríntios 1:31 que “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor”. O ser humano, sozinho, não tem participação na transformação da vida terrena para a eterna dos jovens; apenas aponta o caminho para que os jovens encontrem essa fonte de poder. A Geração Z precisa de um líder que exerça empatia e esteja dominado pela fé com uma paixão contagiante. O poder de Deus acontecerá quando Ele encher seu coração de amor pelos jovens e devolver um coração aberto para a atmosfera celeste, purificando tudo dentro dos seus sonhos e desejos.

PROXIMIDADE E EXEMPLO

Na década de 90, para explicar o mundo no cenário pós-Guerra Fria, foi criado o termo VUCA – acrônimo das palavras inglesas *Volatility*, *Uncertainty*, *Complexity* e *Ambiguity* (volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade). O conceito foi desenvolvido pelo U.S. Army War College e, embora originalmente aplicado ao contexto militar, rapidamente migrou para o mundo dos negócios, onde o ambiente também se revelou agressivo, desafiador, competitivo e veloz.

Esse mesmo cenário é o pano de fundo da Geração Z. Vivemos em um mundo fluido, onde aquilo que hoje é considerado certo amanhã já foi superado. As tecnologias, preferências, tendências e certezas são inconstantes e altamente mutáveis (Elias, 2019). A imprevisibilidade torna-se, assim, o elemento central que dificulta tanto a aplicação de novas soluções quanto a consolidação de referenciais estáveis de vida.

É nesse contexto de instabilidade que os jovens da Geração Z buscam um porto seguro – uma referência, um guia, alguém que se aproxime e demonstre na prática, e não apenas no discurso, como enfrentar os desafios da vida. Essa proximidade e coerência entre fala e ação constituem a segunda característica essencial do líder eficaz para essa geração. Trata-se de um grupo que aceita desafios com relativa facilidade, mas que precisa sentir que tem companhia para cumpri-los. Quando percebe que a liderança é participativa, coerente e cumpre o que promete, a tendência é que os jovens aceitem responsabilidades cada vez maiores.

Nesse sentido, a capacidade de comunicação do líder é igualmente decisiva. Como observa Maxwell (2000, p. 19), “os educadores pegam algo simples e complicam; os comunicadores pegam algo complicado e simplificam”. O líder deve ser capaz de transmitir conhecimento e visão com clareza. Comunicar bem não é apenas o que se diz, mas como se diz – e simplificar a mensagem é sempre mais eficaz do que impressionar com jargões ou conceitos filosóficos inacessíveis.

Na prática, o discurso do líder precisa contemplar três dimensões complementares. A primeira é o conteúdo que os jovens *sentem*: histórias reais, dramas, milagres e ilustrações pessoais que tocam o coração e criam identificação. A segunda é o conteúdo que eles *lembram*: princípios sólidos, versículos bíblicos e frases com conceitos marcantes que permanecem na memória muito além do momento em que foram ditos. A terceira é o conteúdo que os move a *agir*: a visão, as metas, os projetos e os caminhos concretos para alcançar outras pessoas. Ao articular essas três dimensões com habilidade, a liderança amplia seu alcance e abre novas possibilidades de impacto.

FLEXIBILIDADE COM A EQUIPE

Nenhum líder consegue executar projetos sozinho. Quem conta com uma equipe capacitada e motivada possui os recursos fundamentais para dar vida à sua visão. Por isso, envolver os jovens na criação, no processo e na execução dos projetos é um dos caminhos mais eficazes para o sucesso coletivo.

Nesse processo, a flexibilidade ao delegar é indispensável. É preciso deixar que os jovens realizem o que lhes foi proposto, mesmo que cometam erros ao longo do caminho – e isso faz parte do aprendizado. O erro não deve ser visto como uma sentença definitiva, mas como uma oportunidade de refletir sobre o que precisa ser reorganizado e recomeçado. O erro, nessa perspectiva, é um caminho já percorrido rumo ao acerto, e não um desvio sem retorno.

Além disso, o bom líder sabe valorizar o feedback da sua equipe. Considerando que a Geração Z é apontada como a mais criativa da história, ouvir as sugestões desses jovens sobre o que pode ser melhorado é um investimento genuíno na qualidade do trabalho coletivo. É evidente, porém, que eles só se sentirão à vontade para expressar suas opiniões se perceberem abertura real por parte do líder e disposição efetiva para incorporar mudanças.

Parte fundamental do papel de um bom líder é também a formação de novos líderes. Quando a equipe é composta por jovens da Geração Z, o desafio torna-se duplo: identificar as habilidades individuais de cada membro e adequá-las às necessidades da missão, ao mesmo tempo em que se preparam sucessores para uma posição de crescente escassez na igreja. Para isso, é necessário criar um ambiente motivador, alegre e seguro, no qual todos se sintam encorajados a participar das decisões, a contribuir com ideias e a respeitar a diversidade de perspectivas que inevitavelmente emerge de qualquer grupo humano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As leituras realizadas e a escrita deste artigo suscitaram inúmeras reflexões acerca do que é liderança, além de maior compreensão sobre a Geração Z, um tema não muito conhecido em nossa realidade. Um líder servidor é aquele

que valoriza ideias, contribuições e regularmente busca opiniões com seus pares, estabelecendo um ambiente de confiança e respeito.

A preocupação em formar novos líderes, ensinando outros jovens a liderar e oferecendo oportunidades para o crescimento também merece destaque, pois a posição de liderança nem sempre é almejada e por vezes faltam pessoas para assumir tais responsabilidades na igreja.

O perfil do líder eficaz para a Geração Z é o de um servidor: alguém que demonstra autenticidade e empatia, que se importa genuinamente com as pessoas, que faz junto o que propõe, que dá o exemplo, que é flexível quando os planos precisam ser revistos e que sabe ouvir e conduzir sua equipe com sabedoria. Quem cultiva essas características é naturalmente encorajador e possui grande poder de persuasão, não pela imposição de sua autoridade, mas pela consistência entre discurso e prática.

O líder da Geração Z não se apoia em títulos para afirmar seu comando; não se coloca acima dos outros e age com cuidado e coerência, sendo capaz de realizar as mesmas tarefas que solicita à equipe. Conhece suas próprias competências e limitações, e tem clareza sobre os objetivos que pretende desenvolver no grupo.

Conclui-se que o melhor modelo de liderança para qualquer geração continua sendo Jesus Cristo. Ele foi um dos maiores líderes de que se tem registro na história humana. O que ensinou há dois mil anos ainda orienta, hoje, cerca de dois bilhões de pessoas no mundo. Suas ideias sobreviveram ao tempo porque eram mais do que ideias — eram vida transformada em exemplo. Essa é a grande essência da liderança eficaz: influência que permanece mesmo depois que o líder parte.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O mal-estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BORGES, M.; SILVA, A. Implicações de um cenário multigeracional no ambiente de trabalho. *In: IV Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*, 4, 2013, p. 1–13. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/admin/pdf/EnGPR250.pdf>>. Acesso em: 29 de abr. 2026.

- DOMINGUES, J. M. Gerações, modernidade e subjetividade. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, v. 14, n. 1, p. 67-89, 2002. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ts/a/kKMZtsKWrr-tpPHk5bYssTJx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 29 abr. 2026.
- ELIAS, M. Mundo VUCA. **Administradores**, [s. d.]. Disponível em: <https://administradores.com.br/artigos/o-que-e-o-mundo-vuca>. Acesso em: 29 de abr. 2026.
- FILHO, C. B.; CALABREZ, P. **Em busca de nós mesmos**. Porto Alegre: Citadel, 2017.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Fake News. **Folha de São Paulo**, 8 mar. 2018. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/03/fake-news-apelam-e-viralizam-mais-do-que-noticias-reais-mostra-estudo.shtml>. Acesso em: 26 de abr. 2026.
- MAXWELL, J. C. **As 21 indispensáveis qualidades de um líder**. São Paulo: Mundo Cristão, 2000.
- MEDRÁN, A. No reino da pós-verdade, a irrelevância é o castigo. **UNO**, São Paulo, n. 27, p. 33-35, 2017. Disponível em: <https://tinyurl.com/y9knxgaz>. Acesso em: 29 de abr. 2026.
- MORIN, E. **O método III: o conhecimento do conhecimento**. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- ROGERS, C. **Tornar-se pessoa**. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- WISPÉ, L. History of the concept of empathy. *In*: EISENBERG, N.; STRAYER, J. (ed.). **Empathy and its development**. New York: Cambridge University Press, 1987. p. 17-37.
- WHITE, J. E. **Meet generation Z**. Washington: Baker Books, 2017.

Um chamado à liderança: o diretor do Ministério Jovem nas pequenas congregações

É notável o crescimento numérico da Igreja Adventista do Sétimo dia (IASD) nas diversas regiões do Brasil e, conseqüentemente, o estabelecimento de novas congregações é uma realidade cada vez mais comum no cenário religioso brasileiro. O cuidado dessas congregações adventistas é supervisionado pelos escritórios regionais (associações e missões) e dirigidos, em linhas gerais, pelos pastores distritais que geralmente têm algumas congregações sob seus cuidados e um núcleo de líderes voluntários que são responsáveis diretos pelo dia a dia da congregação. Distribuem-se entre eles as principais atividades, das quais destacamos, neste artigo, a função de diretor do Ministério Jovem Adventista (JA) da igreja local.

O Ministério Jovem da IASD, por sua vez, nasceu com o propósito de trabalhar a filosofia cristã da salvação e do serviço em favor de si mesmo e do semelhante. Os jovens entre dezesseis e trinta anos fazem parte desse ministério e trabalham unidos para ajudar a transformar o próprio local em que vivem (Rossi, 2018, p. 60). Em 2021, a IASD contabilizava aproximadamente um milhão e oitocentos mil membros no Brasil, distribuídos em pequenas, médias e grandes congregações. Algumas características são observadas nas pequenas congregações em relação ao ministério jovem, dentre as quais se destacam para o nosso estudo o pouco tempo de conversão da maioria dos membros, os recursos financeiros e profissionais escassos na igreja local e a falta de parâmetro e modelo de trabalho para pequenas congregações isoladas.

A igreja local é o centro de convivência e evangelização para onde convergem todos os esforços da organização adventista e o lugar em que líderes voluntários assumem a responsabilidade de cuidado, pastoreio e desenvolvimento dos membros. Observa-se que a figura do diretor do ministério jovem da igreja local das pequenas congregações é fundamental no crescimento da igreja adventista. Não poderia ser diferente, uma vez que, na história do adventismo, destacam-se líderes de jovens que influenciaram positivamente e geraram mudanças duradouras em nossa estrutura organizacional.

Neste artigo, definiremos o termo “pequenas congregações” no contexto da IASD no estado do Ceará e discutiremos quais são as características comuns aos diretores do ministério jovem, seus desafios no pastoreio das novas gerações e apresentaremos uma proposta sobre como instrumentalizar esse grupo para o desenvolvimento do ministério jovem na igreja local com recursos que facilitem o trabalho e produzam resultados duráveis.

MINISTÉRIO JOVEM NAS PEQUENAS CONGREGAÇÕES

DEFINIÇÃO

Roberts (2012, p. 122) diz que “O que precisamos não é de uma nova definição de igreja, mas recuperar a definição que Jesus nos deu. A igreja se resume simplesmente nos seus seguidores vivendo a fé na prática: discípulos engajados na sociedade. Essa é a igreja.” Não buscamos aqui encerrar a questão sobre o que é igreja, mas, sim, definir, para fins metodológicos, o que seria uma pequena congregação. Antes, porém, de prosseguir com essa definição, gostaria de chamar a atenção acerca do Reino de Deus, conforme descrito por Roberts Jr, é relevante entender o que é igreja e qual o seu papel final da propagação do Reino de Deus:

Precisamos lembrar que o reino de Deus não se expande por meio de instituições, de programas ou de igrejas novas e melhoradas, mas por meio de algo muito mais simples e orgânico: a atividade de discípulos comprometidos. Se queremos uma igreja diferente, precisamos mudar nossa maneira de fazer discípulos. Focar no crescimento da igreja não é a resposta. O foco precisa estar no crescimento do nosso povo num discipulado verdadeiro (Roberts, 2012, p. 122).

É nessa busca pelo discipulado verdadeiro, focado no desenvolvimento de pessoas, que precisamos voltar nossos olhares para aqueles que lideram as novas gerações nas pequenas congregações. Entende-se por “pequenas

congregações”, em nosso território de estudo, os grupos de pessoas com no máximo 50 membros ativos e regulares, desconsiderando o tempo de abertura das congregações. Segundo o sistema de gerenciamento de membros da IASD no estado do Ceará, os 46.541 membros estão distribuídos em 625 congregações ativas, das quais 276 contam com até 50 membros ativos, em um total de 8.838 membros nas referidas congregações (Igreja Adventista do Sétimo Dia, 2022) – dado que representa 44% do total de congregações ativas no estado. Essas congregações recebem semanalmente 18% do total de membros adventistas no Ceará. Ademais, essa é uma realidade que pode ser análoga em outras regiões administrativas da IASD, e considerando o potencial de crescimento das pequenas congregações, o acompanhamento, o treinamento e a motivação dos voluntários que os lideram mostram-se uma decisão necessária.

Essa definição numérica, no entanto, não pode nos levar a um pensamento uniforme sobre as pequenas congregações. Logicamente, teremos desafios diferentes para cada perfil de igreja com o mesmo número aproximado de membros. Ao leitor cabe identificar em que grupo sua congregação melhor se enquadra.

É comum que uma igreja nova e pequena apresente um crescimento acentuado, sendo esperado que esse fenômeno ocorra nos primeiros anos. No entanto, também é natural que, com o passar dos anos, uma igreja pare de crescer (Rode; Rode, 2007, p. 97). Apesar de não ser o plano de nenhum plantador de igrejas, algumas congregações médias e grandes entram em declínio, perdendo membros e influência na sociedade. Esse fenômeno ocorre, geralmente, devido a problemas na liderança, limitações financeiras e pouco ou nenhum cuidado com as novas gerações. No Quadro 1, podemos observar as diferenças entre congregações nas suas respectivas fases de desenvolvimento:

Quadro 1: fases de desenvolvimento das congregações e suas características

Fase de desenvolvimento	Principais características
Crescimento	Poucos lugares, estrutura limitada e em constante mudança, adaptação aos recém-convertidos e relevantes na comunidade.
Estagnação	Lugares suficientes, estrutura concluída e em ordem, recebem bem os poucos recém-convertidos (crescimento orgânico) e irrelevantes na comunidade.
Declínio	Lugares sobrando, estrutura decadente, pouco ou nenhum batismo durante o ano, brigas internas e liderança desanimada e desprestigiada na comunidade.

Fonte: elaborado pelo autor.

A ESCOLHA DO LÍDER DO MINISTÉRIO JOVEM

Em um cenário ideal, um diretor do Ministério Jovem deve ser alguém que tenha três características principais: ser líder espiritual, ser mentor e ser amigo dos jovens da sua congregação. Todos os anos, a liderança da igreja indica e confirma nomes que se aproximem desse ideal. Infelizmente, nas pequenas congregações existem muitas dificuldades para encontrar pessoas adequadas para todas as funções e o cuidado com as novas gerações é comprometido. Os líderes de jovens das pequenas congregações em geral não recebem ensino algum sobre como liderar a partir de uma posição de dependência de Deus, e isso não acontece naturalmente (Macl, 2014, p. 17). Precisamos considerar, primariamente, uma definição mais concisa e direta sobre liderança cristã. Nesse sentido, Means (apud MacArthur Jr., 2004, p. 59) define que:

[...] liderança espiritual é o desenvolvimento de relacionamentos com as pessoas de uma instituição ou de um corpo cristão de tal maneira que os indivíduos e o grupo sejam capazes de formular e atingir alvos que sejam compatíveis com a Bíblia e que preencham suas verdadeiras necessidades. Por sua influência ética, os líderes espirituais servem para motivar e capacitar os

outros para que alcancem o que, de outra forma, talvez não fosse alcançado.

Ao conversar com diretores do Ministério Jovem, a pergunta “como você se tornou líder?” é respondida prioritariamente com frases como: “me disseram que precisavam de alguém e me perguntaram se eu poderia ajudar”, “me indicaram” e, até mesmo, o clássico “ninguém queria e sobrou para mim”. Raríssimas são as respostas que ligam esse líder jovem a um chamado de Deus à liderança ou até mesmo a uma vontade pessoal de servir nessa área da congregação. Não se produzem líderes de jovens sem que eles escutem em seu coração um claro “segue-me” de Jesus. Assim, o primeiro desafio da liderança é o senso de chamado que causa propósito e trabalho eficaz.

Utilizando a divisão das congregações entre crescimento, estagnação e declínio, encontraremos características na formação do grupo de jovens e, conseqüentemente, encontraremos um caminho na indicação e escolha do líder da juventude.

Nas congregações em crescimento, com vários recém batizados e liderança relevante na comunidade, a maioria dos novos crentes é composta por adolescentes e jovens. Apesar da pouca experiência, o ambiente de confiança e desenvolvimento encoraja o preparo dos novos líderes. O núcleo da liderança tem bons nomes à disposição, mas não podem ignorar a necessidade de treinamento e orientação.

Nas congregações estagnadas, por sua vez, as quais não conseguem romper a barreira dos 50 membros de média, mas já são estabelecidos na comunidade há vários anos, observa-se a repetição da liderança, pouca inovação e irrelevância comunitária. As atividades até funcionam bem, contudo, não há vibração e nesse grupo de pequenas congregações encontramos menos jovens na liderança e resistência à mudança.

Um grupo menor de pequenas congregações em declínio chega a esse status ao experimentar constante diminuição no número de membros acompanhada de problemas na liderança e até escândalos na comunidade. Nessa fase, jovens nas grandes cidades migram para outros lugares com o ministério

jovem ativo, deixando essas pequenas congregações sem ao menos uma indicação para a liderança.

PERFIL DA LIDERANÇA JOVEM NAS PEQUENAS CONGREGAÇÕES

O Ministério Jovem Adventista da igreja local trabalha para cumprir a ordem divina de preparar as pessoas para o breve retorno de Cristo. Em outras palavras, opera em função da salvação da salvação do próximo, do discipulado e do serviço comunitário (General Conference Youth Ministries Department, 2018). Logicamente, as diferentes fases serão um fator de diferenciação do crescimento e relevância de uma congregação. A respeito dos efeitos do tradicionalismo presente das igrejas estagnadas e em declínio, destaca-se que:

Cerca de 50% dos membros das igrejas decrescentes disseram: “considero a nossa igreja tradicionalista”. Mas só 8% disseram o mesmo nas igrejas em crescimento. As tradições são boas quando estão de acordo com a Palavra de Deus. O que traz dano à igreja não são as tradições cristãs, e sim o tradicionalismo. O tradicionalismo consiste numa atitude negativa que nos impede de fazer as mudanças necessárias para continuar crescendo (Rode; Rode, 2007, p. 48).

O bom ambiente nas pequenas congregações parece propiciar crescimento e atenção às novas gerações enquanto o tradicionalismo e a resistência a mudanças geram problemas de conflito geracional e consequente prejuízo ao cuidado e pastoreio dos jovens.

LÍDERES MOTIVADOS, PORÉM DESPREPARADOS

As congregações em crescimento contam com líderes em potencial que necessitam de orientação e apoio. Eles geralmente são motivados e estão felizes em fazer parte de uma pequena congregação. A referência de líderes que eles têm é positiva e entusiasmada. Nesse contexto, Mack (2014, p. 15)

ressalta a importância de não esquecer do principal na condução de novos (e pequenos) grupos de crentes:

A primeira coisa que você deve aprender para evitar o esgotamento como líder de grupo pequeno é que Deus é o verdadeiro líder, o centro de cada grupo cristão. Seu grupo pertence a Deus, mas ele o confiou a você como seu representante e embaixador. Ele designou os membros do grupo para o seu cuidado, para serem guiados e ministrados até a volta de Cristo.

De fato, a percepção de que o grupo de jovens não lhe pertence é algo que novos líderes de pequenas congregações precisam entender como base para o seu trabalho. Valorizar não é possuir. O grupo pertence ao Senhor e ocupar o lugar de cooperador traz a satisfação do dever cumprido enquanto também alivia o peso sobre os ombros. Nesse sentido, Madaleno (2017, p. 29) aponta que uma pessoa apta a servir não é aquela que vive para si, que tem um plano de poder, que deseja aparecer ou que vive em busca de *views*, concluindo que: “ser popular não deve ser o requisito de sua liderança e de seu ministério”.

LÍDERES ADAPTADOS E ACOMODADOS

A estagnação ou acomodação de uma igreja se dá por diversos fatores, dos quais se destacam a ausência de projetos com foco na juventude e o pouco ou nenhum investimento na capacitação da liderança. Entre os líderes de jovens dessas congregações, há o risco de irrelevância comunitária e pouca influência sobre os jovens que são frequentes, sem falar da inoperância na evangelização. O pouco crescimento é experimentado por meio de transferências de membros de outras congregações e de esporádicas decisões pelo batismo. Um diretor do ministério jovem nessas condições precisa encontrar um núcleo de confiança para retomar o trabalho com a juventude.

Como há pouco movimento na recepção de recém-conversos nessa congregação, as funções de liderança são sempre distribuídas entre as mesmas

pessoas, o que dificulta a implantação de mudanças positivas. Líderes de jovens adaptados e acomodados geralmente mantêm um rígido planejamento, sem espaço para inovações e centrado em atividades “de dentro para dentro”.

LÍDERES ESGOTADOS E DESANIMADOS

Mack (2014, p. 39) discorre sobre a possibilidade de liderar em segundo plano, treinando e capacitando outros para compartilhar os desafios do pastoreio em grupos pequenos, evitando o esgotamento do líder principal. O mesmo conceito é defendido por Ferguson (2018, p. 60), ao fazer um alerta aos líderes que tentam levar o fardo sozinhos: “quando os líderes de igreja mudam do modelo aditivo para o modelo multiplicativo, eles de repente têm, em pouco tempo, o potencial para alcançar todas as pessoas na terra.”

É motivadora a ideia de compartilhar responsabilidades no cuidado com os poucos jovens que restaram nas pequenas congregações em declínio. Contudo, na prática, a própria liderança já está em um processo de desmotivação causado pela escassez de recursos, pelo pouco ou nenhum engajamento da juventude em seus projetos e, em alguns casos, por uma gestão apegada ao tradicionalismo doentio e pouco interessada em mudanças.

PRINCIPAIS DESAFIOS NO PASTOREIO DAS NOVAS GERAÇÕES NAS PEQUENAS CONGREGAÇÕES

Diante dos dados apresentados na primeira seção e da proposta de divisão para fins didáticos das pequenas congregações em três grupos (crescimento, estagnação e declínio), espera-se de um líder de jovens local que ele tenha a capacidade de avaliar qual é a realidade de sua igreja, quais características negativas ou positivas nela estão e como se posicionará para exercer um ministério produtivo.

Destacam-se entre os desafios no pastoreio das novas gerações nas pequenas congregações, os poucos recursos materiais e intelectuais, a liderança resistente a mudanças e a falta de compreensão do que se espera do líder local. Como recursos práticos para esses líderes, surgem três principais ênfases que fazem a diferença na evolução do ministério jovem local: conectividade,

exclusividade e transformação social (CET). Vale ressaltar que esses conceitos não excluem os itens principais que devem estar presentes em qualquer ministério jovem, como estudo da Bíblia, oração e testemunho.

CONECTIVIDADE

Ao falar sobre a cultura do supérfluo, Lima (2010, p. 125) afirma que qualquer coisa destrutível é irreal e que não deveríamos confiar nelas para suprir as nossas necessidades emocionais ou espirituais. Só as coisas que permanecem é que são reais e são justamente essas coisas que nos parecem abstratas, que realmente perduram. O que é abstrato e relativo para a sociedade atual? A fé, os princípios religiosos e morais e a verdade certamente estão nesse grupo. Há um Reino a servir e ele não é deste mundo, mas, paradoxalmente, já está no mundo. Um Reino que desenvolve uma realidade acima do que a lógica de consumo propõe. Madaleno, nesse sentido, aponta que:

[...] para as gerações mais novas dispositivos com conectividade não são mais algo que simplesmente carregam, mas funcionam como uma verdadeira extensão do corpo. A comunicação, o entretenimento e o consumo passam necessariamente por esse ambiente conectivo (Madaleno, 2017, p. 41).

Pequenas congregações que trabalham bem a sua imagem nas redes sociais, mantém encontros virtuais para quebrar as barreiras físicas e mantém uma comunicação rápida e eficaz com todos os jovens envolvidos experimentam não apenas crescimento numérico, mas também qualitativo. Quando não há conectividade, eles até podem permanecer na congregação, mas já não se sentem representados e pastoreados.

Um outro efeito positivo de investir em conectividade é de parecer maior do que é. Grandes igrejas sem conectividade parecem menores e são irrelevantes na comunidade, enquanto pequenas igrejas que promovem, documentam

e incentivam seus jovens ao ambiente virtual são mais relevantes, despertam interesse e, ainda, evangelizam num outro ambiente de maneira constante.

EXCLUSIVIDADE

Ao desenvolver um ministério jovem voltado para os jovens, diversos problemas podem surgir entre os demais membros da congregação, porém, o foco geracional é uma necessidade para que o jovem possa desenvolver a fé de maneira prática, em uma linguagem mais atual e direcionada.

Se um ministério jovem de uma pequena congregação resolve fazer o seu momento de escola sabatina em uma sala ou ambiente exclusivo, a objeção da igreja será de que o restante da igreja ficará mais vazia, como se os jovens estivessem desprestigiando o esforço da direção local em ter um programa bem frequentado. Na realidade, a única razão que sustenta uma classe de jovens separada é a contextualização do assunto e do ambiente, para que o estudo da Bíblia, por meio da lição, seja mais eficaz e produtivo. Esse é um exemplo das dificuldades que surgem quando o diretor jovem busca exclusividade.

Um diretor de jovens de uma pequena congregação deve estar atento a qualquer oportunidade de gerar momentos exclusivos com seus jovens, a fim de que fortaleçam a amizade, desenvolvam relacionamentos e tragam seus amigos não adventistas.

TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Temas sensíveis à sociedade, como aborto, ideologia de gênero, pobreza, moradores de rua e analfabetização, não estão excluídos do debate entre os jovens. Devido à conectividade, o que se discute em um lado do mundo chega instantaneamente ao jovem adventista, onde quer que ele esteja. Se o Ministério Jovem local não desenvolver ações de aproximação da comunidade que deem a esses jovens a satisfação de que estão sendo úteis, eles encontrarão em outros ambientes de debate e ação a resposta aos seus anseios. Madaleno (2017, p. 12) pontua que “os mais jovens estão interessados e sensíveis ao sofrimento e às desigualdades. Estão mais conscientes em relação ao meio-ambiente”. Assim sendo, se um diretor de jovens busca o envolvimento

deles nos diversos projetos da igreja – para que compreendam que ela não é meramente uma entidade social –, precisamos avaliar que tipo de igreja atrai a juventude atual.

De acordo com Maier (2015), a atratividade da igreja para as novas gerações não reside em estratégias de entretenimento, mas na capacidade da organização de oferecer desafios práticos voltados ao serviço ao próximo. Para o autor, o jovem é impulsionado por um idealismo inerente que busca agência em transformações sociais e justiça em um contexto de vulnerabilidade mundial. Todavia, para que tais ações não encontrem resistência por fugirem ao escopo eclesial tradicional, o desafio é transformar toda e qualquer ação social em uma atividade intencional de aproximação missionária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período é de crescimento para a IASD, e grande parte desse avanço ocorre nas pequenas congregações. Ao fragmentarmos o tema da liderança, focada no pastoreio das novas gerações nas congregações com até 50 membros, estamos dando atenção a 44% das igrejas e dos líderes do Ministério Jovem no estado do Ceará, uma realidade que tende a refletir o cenário nacional.

Eis a oportunidade perfeita para que se desenvolvam projetos voltados ao cuidado desses diretores, capacitando-os a liderar os jovens de uma maneira mais feliz e produtiva. Embora as congregações possam ser categorizadas em três grupos principais (crescimento, estagnação e declínio), a retomada ou a manutenção do discipulado passará, invariavelmente, pelo tripé: conectividade, exclusividade e transformação social.

As novas gerações dessas pequenas localidades possuem necessidades semelhantes às dos jovens das grandes igrejas. Porém, a forma como os líderes conseguirão atendê-las é diferente: eles não dispõem de tantos recursos e enfrentam uma maior resistência a mudanças em locais estagnados ou em declínio. Ao mesmo tempo, aqueles que atuam em igrejas em crescimento precisam lidar com o próprio despreparo prático para a função.

Não existem respostas prontas para todos os desafios, mas o caminho seguro é a busca constante pelo desenvolvimento pessoal, pela compreensão

do chamado e pela aplicação de atividades intencionais. Finalmente, vale a pena lembrar que a IASD já foi muito pequena, e hoje conta com milhões de membros. Se há um conselho bíblico fundamental para nortear o coração de um jovem chamado à liderança local, é este: “Não desprezem os pequenos começos, porque os homens se alegram vendo o início desta obra” (Zc 4:10).

REFERÊNCIAS

- FERGUSON, D. **Formador de heróis**: 5 práticas para líderes multiplicarem líderes. 1. ed. Brasília, DF: Palavra, 2018.
- GENERAL CONFERENCE YOUTH MINISTRIES DEPARTMENT. **Senior Youth Leader**: A leadership curriculum for ambassador and young adult leaders. Silver Spring, MD: General Conference Publishing, 2018.
- IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA. **Adventist Church Management System (ACMS)**: Relatórios de Igreja. Disponível em: <https://www.acmsnet.org/Report/Church/ChurchReports>. Acesso em: 20 jul. 2022.
- LIMA, V. A cultura do supérfluo. In: NOVAES, Allan; KUHN, Martin (org.). **O Universitário Cristão na Sociedade de Consumo**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2010. p. 125.
- MACARTHUR JR., J. **Ministério Pastoral**: alcançando a excelência no ministério pastoral. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2004.
- MACK, M. C. **Líderes livres de esgotamento**: como formar uma equipe cerne e liderar em segundo plano. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2014.
- MADALENO, M. **Ministério com jovens**: eleve a nova geração ao extraordinário. 1. ed. São José dos Campos, SP: Inspire, 2017.
- MAIER, R. **Church and Society**: Missiological Challenges of the Seventh-day Adventist Church. 1. ed. Berrien Springs, MI: Andrews University, 2015.
- ROBERTS, B. **Conexões em tempo real**: conectando sua vida profissional à obra global de Deus. 1. ed. Curitiba, PR: Ministério Igreja em Células, 2012.
- RODE, D.; RODE, I. **Crescimento**: chaves para revolucionar sua igreja. 1. ed. Engenheiro Coelho, SP: Unaspress, 2007.
- ROSSI, R. (org.). **Esperança Viva**: nossa missão é servir. 11. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2018.

Conectando a nova geração: estratégias para a formação espiritual dos jovens na era digital

A geração atual de jovens enfrenta desafios únicos em sua jornada espiritual. Com o advento da tecnologia e o aumento exponencial do tempo gasto online, é essencial que líderes religiosos desenvolvam estratégias eficazes para se conectarem com eles. Este estudo explora a relação entre a juventude e a espiritualidade, destacando como o mundo digital pode ser tanto uma distração quanto uma ferramenta poderosa. Examinamos também a importância do convívio presencial e como as práticas espirituais tradicionais podem coexistir com o uso consciente da tecnologia.

IMPACTO DO TEMPO DE CONEXÃO DOS JOVENS

A tecnologia tem transformado a forma como os jovens interagem, aprendem e se conectam com o mundo. O tempo de conexão diária em dispositivos eletrônicos apresenta aspectos positivos e negativos que influenciam suas relações interpessoais e seu desenvolvimento emocional e espiritual.

A internet tem o potencial de aproximar pessoas geograficamente distantes. Segundo um estudo do Pew Research Center (2023), os jovens podem manter contato com familiares e amigos que estão longe, fortalecendo laços que seriam difíceis de manter sem a tecnologia. Redes sociais e aplicativos de mensagens instantâneas oferecem uma oportunidade única de criar e nutrir relacionamentos globais.

Além disso, a conexão facilita o acesso a comunidades de fé e grupos religiosos online. Deus usa diferentes ferramentas para alcançar aqueles que estão distantes; a internet pode ser uma ponte, quando usada com sabedoria.

Embora aproxime pessoas distantes, o uso excessivo da tecnologia pode criar barreiras entre aqueles que convivem diariamente. A Common Sense Media aponta que o tempo excessivo em dispositivos eletrônicos reduz frequentemente o tempo de qualidade gasto com familiares e amigos próximos. Muitos jovens relatam que, mesmo estando fisicamente presentes, suas interações são interrompidas por notificações e distrações digitais.

Isso se aplica não apenas a relacionamentos humanos, mas também ao nosso relacionamento com o Criador. Tudo o que nos afasta do convívio real e do propósito divino é uma distração que deve ser vencida.

POSSIBILIDADES DE CRESCIMENTO

A internet é uma ferramenta poderosa para o crescimento intelectual e espiritual. Plataformas como YouTube, programas como podcasts e aplicativos de leitura bíblica oferecem acesso a materiais de qualidade. O estudo do Pew Research Center também destaca que jovens que utilizam a tecnologia para aprendizagem e desenvolvimento pessoal têm maior probabilidade de alcançar seus objetivos educacionais e espirituais.

Grupos online também possibilitam debates e estudos bíblicos que ampliam a visão dos jovens sobre a fé. Provérbios 27:17 reforça: “Assim como o ferro afia o ferro, o homem afia o seu companheiro”, e as plataformas digitais podem ser o espaço para esse tipo de edificação.

Por outro lado, o uso descontrolado da tecnologia pode gerar consequências prejudiciais. O mesmo estudo do Pew Research Center afirma que o uso excessivo das redes sociais pode levar à ansiedade e à depressão, especialmente quando os jovens se comparam constantemente a outras pessoas. Além disso, o acesso irrestrito à internet pode expor os jovens a conteúdos inadequados, prejudicando seu crescimento moral e espiritual.

A mente que absorve constantemente distrações do mundo perde de vista as coisas do alto. Precisamos guiar nossos jovens a usar suas energias e atenções em algo que edifique.

Assim, nota-se que o impacto do tempo de conexão dos jovens na internet é multifacetado, trazendo tanto oportunidades quanto desafios. Cabe aos líderes e pais orientar os jovens a respeito do uso equilibrado da tecnologia, aproveitando suas potencialidades enquanto minimizam os efeitos negativos.

O PAPEL DA COMUNIDADE PRESENCIAL NA ERA DIGITAL

Na era digital, é essencial que os jovens não percam o contato com o convívio presencial. Embora a tecnologia ofereça diversas ferramentas para conexão e crescimento, ela nunca substituirá a profundidade das relações face a face. Hebreus 10:25 (NVI) nos lembra: “não deixemos de nos reunir como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar uns aos outros”.

O distanciamento físico e emocional, causado pelo uso excessivo da tecnologia, tem sido uma fonte de sofrimento para muitos jovens. Apesar de serem hiperconectados digitalmente, muitos se identificam com sentimentos de solidão e falta de pertencimento. De acordo com um estudo da Harvard Graduate School of Education (2021), 61% dos jovens entre 18 e 25 anos relatam sentir-se solitários frequentemente, mesmo com amplo acesso às redes sociais. Essa desconexão emocional pode levar a problemas de saúde mental, como ansiedade e depressão.

Por outro lado, os jovens que participam de comunidades presenciais relatam maior satisfação emocional e espiritual. Uma pesquisa realizada pelo Barna Group (2022) revelou que 76% dos jovens que frequentam regularmente grupos de apoio ou comunidades religiosas presenciais sentem-se mais acolhidos e confiantes em relação ao futuro. Esses dados destacam a importância de um ambiente onde os jovens possam ser ouvidos e compreendidos.

A convivência em grupos presenciais oferece uma série de benefícios para o desenvolvimento integral dos jovens:

1. Sentimento de pertencimento: A comunidade presencial cria um senso de inclusão e pertencimento que é dificilmente replicado no ambiente digital. Jovens que se sentem parte de algo maior tendem a desenvolver uma autoestima mais saudável.

2. Apoio emocional e espiritual: Grupos de jovens oferecem um espaço seguro para partilha de experiências, desafios e vitórias. Esse apoio emocional e espiritual fortalece a resiliência dos jovens diante das adversidades.

3. Crescimento coletivo: Atividades em grupo, como estudos bíblicos, ações missionárias e projetos sociais incentivam o aprendizado e o crescimento em conjunto, promovendo valores como cooperação e empatia.

INTEGRAÇÃO ENTRE TECNOLOGIA E COMUNIDADE

A integração entre tecnologia e convívio presencial também pode ser estratégica. Grupos de estudo bíblico, por exemplo, podem utilizar ferramentas digitais para planejar e organizar encontros. Entretanto, durante esses encontros, é imprescindível que haja um esforço intencional para que o foco

se mantenha na interação humana. O contato pessoal é insubstituível no trabalho de evangelização.

A fusão de ferramentas digitais com o convívio presencial é essencial para equilibrar as necessidades da era moderna com os valores tradicionais de uma vida espiritual autêntica.

A INFLUÊNCIA DA LIDERANÇA NA FORMAÇÃO ESPIRITUAL DOS JOVENS

A liderança é um fator crucial no desenvolvimento espiritual dos jovens, especialmente em um contexto marcado por distrações digitais e desafios sociais. Líderes espirituais desempenham um papel fundamental ao fornecer orientação, apoio emocional e exemplos de vida que inspiram a juventude a cultivar uma relação mais profunda com Deus.

Ellen G. White (2021) sublinha que os jovens necessitam de um exemplo positivo e constante, que os inspire a buscar a verdadeira retidão. Líderes que demonstram integridade, empatia e espiritualidade tornam-se referências indispensáveis para os jovens.

Estudos apontam que jovens que têm mentores espirituais em suas vidas apresentam maior probabilidade de envolverem-se intensamente na fé. Segundo uma pesquisa do Grupo Barna (2021), mais de 70% dos jovens engajados em comunidades de fé relatam ter ao menos um mentor espiritual ativo. Essa relação não apenas fortalece a conexão com a fé, mas também promove o desenvolvimento emocional e social.

O modelo de liderança servidora, extremamente destacado no livro *Liderança espiritual*, de J. Oswald Sanders, é essencial no contexto da juventude. Sanders (2001) argumenta que a liderança espiritual é demonstrada no servir, não no dominar; na humildade, não no orgulho. Esse princípio ecológico é o exemplo de Cristo, que liderou por meio do amor e do serviço.

Líderes espirituais eficazes guiam os jovens com base na Palavra de Deus. Como descrito em Josué 1:8: “Não cesse de falar deste Livro da Lei; medite nele dia e noite, para que tenhas cuidado de fazer conforme tudo o que nele está

escrito. Assim, prosperarás o teu caminho e serás bem-sucedido”. Esse versículo reforça a necessidade de uma liderança ancorada em princípios bíblicos.

A influência da liderança espiritual na vida dos jovens é inestimável. Por meio de exemplos pessoais, mentoria e serviço, líderes podem ajudar a nova geração a enfrentar os desafios da era digital enquanto fortalecem sua relação com Deus e com a comunidade de fé.

DESAFIOS CULTURAIS E ESPIRITUAIS NA ERA DIGITAL

A era digital trouxe um contexto cultural e espiritual complexo para os jovens, desafiando sua identidade e valores. Essa geração enfrenta uma mistura de oportunidades e perigos, pois navega por um mundo conectado e, ao mesmo tempo, dividido. É dever dos líderes e da comunidade ajudar os jovens a enfrentar esses desafios e superar essas barreiras.

O acesso ilimitado a conteúdo virtual expõe os jovens a uma diversidade de valores e ideologias que, muitas vezes, entram em conflito com princípios bíblicos. Ellen G. White (2004) adverte que, se a mente é constantemente preenchida por ideias mundanas, ela se afasta de Deus. A influência do relativismo moral nas redes sociais pode levar os jovens a questionar a fé e a verdade absoluta, atualizando valores espirituais pela busca por validação social.

Estudos mostram que o consumo frequente de conteúdos negativos pode prejudicar a saúde mental e espiritual dos jovens. De acordo com o Barna Group (2022), 65% dos jovens cristãos relatam dificuldade em equilibrar o consumo de conteúdos edificantes com o de entretenimento não produtivo. Isso reforça a necessidade de um discipulado intencional, onde os jovens sejam incentivados a buscar o que é edificante e verdadeiro.

Infelizmente, a cultura das redes sociais promove uma busca incessante por aprovação e “curtidas”, muitas vezes às custas da desvantagem e do bem-estar emocional. Filipenses 4:8 oferece uma solução espiritual para esse problema: “Tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento”. Esse versículo orienta os jovens a focar no que é espiritualmente saudável.

ESTRATÉGIAS PARA SUPERAR OS DESAFIOS

1. Discipulado intencional: Líderes podem criar programas que guiem os jovens a refletir sobre seus valores e decisões digitais.

2. Comunidade como apoio: A vivência em grupos de fé pode proporcionar um espaço seguro para que os jovens discutam seus desafios e encontrem apoio mútuo.

3. Educação sobre consumo digital: Ensinar os jovens a identificar conteúdos edificantes e evitar o consumo excessivo de materiais tóxicos é essencial para o equilíbrio espiritual.

Os desafios culturais e espirituais da era digital são complexos, mas não insuperáveis. Com o apoio de líderes espirituais, discipulados intencionais e vivência comunitária, os jovens podem encontrar um equilíbrio entre o mundo digital e os valores eternos da fé.

ABORDAGENS PARA O CRESCIMENTO ESPIRITUAL

O crescimento espiritual dos jovens na era digital requer estratégias claras e intencionais que integrem os desafios modernos com os valores eternos da fé cristã. Esta seção aborda práticas específicas que podem ser aplicadas por líderes, comunidades e os próprios jovens para fortalecer sua jornada espiritual.

Embora a tecnologia seja uma ferramenta poderosa para a comunicação e o aprendizado, o convívio presencial permanece insubstituível no fortalecimento dos laços comunitários e no desenvolvimento espiritual dos jovens. Na era digital, onde muitos se conectam virtualmente, os encontros presenciais oferecem uma profundidade relacional que é essencial para a formação de indivíduos equilibrados emocional, social e espiritualmente.

Os jovens vivem em um mundo hiperconectado, mas muitos declaram sentir-se mais isolados do que nunca. Segundo uma pesquisa realizada pela Harvard Graduate School of Education (2021), 61% dos jovens entre 18 e 25 anos relataram sentir solidão frequentemente, apesar de terem amplo acesso às redes sociais. Isso evidencia que a conexão digital não substitui a presença física e emocional de uma comunidade. Ellen G. White (2007) enfatiza que

o contato pessoal é o meio mais eficaz de alcançar os corações e ajudar as pessoas a compreenderem o amor de Cristo. Grupos presenciais criam um ambiente onde os jovens possam experimentar empatia, compartilhar seus desafios e encontrar apoio genuíno.

OS BENEFÍCIOS DO CONVÍVIO PRESENCIAL

1. Fortalecimento do sentimento de pertencimento: Envolver-se em comunidades presenciais ajuda os jovens a se sentirem incluídos e valorizados. A sensação de pertencimento é essencial para o desenvolvimento de uma identidade espiritual sólida e uma autoestima saudável.

2. Apoio emocional e espiritual: Em tempos de dificuldades, a comunidade presencial atua como um porto seguro, oferecendo conselhos práticos, oração intercessora e um espaço para compartilhar cargas emocionais. Hebreus 10:24–25 (NVI) nos encoraja: “Importemonos uns com os outros para nos incentivarmos ao amor e às boas obras. E não deixemos de nos reunir como igreja, segundo o costume de alguns, mas procuremos encorajar uns aos outros”.

3. Aprendizado e crescimento coletivo: A troca de experiências em encontros presenciais enriquece o aprendizado e ajuda os jovens a enxergar a fé em ação. Atividades como estudos bíblicos, ações missionárias e debates promovem um crescimento mútuo, fortalecendo os valores cristãos.

4. Desenvolvimento de habilidades sociais: Participar de atividades presenciais ensina aos jovens a se relacionarem com empatia, respeito e cooperação. Essas habilidades são fundamentais para a vida cristã e para o impacto positivo no mundo.

COMUNIDADES COMO AGENTES DE TRANSFORMAÇÃO

As comunidades presenciais desempenham um papel transformador na vida dos jovens, não apenas no âmbito espiritual, mas também social e emocional. O Grupo Barna (2022) constatou que 75% dos jovens que frequentam regularmente grupos comunitários relatam maior satisfação espiritual e emocional, bem como um senso mais claro de propósito na vida. Os líderes

espirituais devem favorecer essa dinâmica para criar ambientes inclusivos e acolhedores, onde os jovens possam crescer em sua fé e desenvolver um compromisso mais profundo com Deus e com os outros. Ellen G. White (2021) reforça que onde quer que haja um esforço sincero para promover a comunidade cristã, a presença de Deus será manifestada.

Embora o convívio presencial seja fundamental, a tecnologia pode servir como um complemento útil. Ferramentas digitais podem ser usadas para planejar encontros, compartilhar reflexões entre os membros e alcançar jovens que estão distantes. No entanto, o foco deve permanecer no fortalecimento das relações humanas por meio de interações presenciais. O convívio presencial é mais do que uma tradição; é um pilar indispensável para a formação espiritual e relacional dos jovens. Em uma era marcada por isolamento e superficialidade digital, os encontros presenciais oferecem profundidade, propósito e comunidade. Combinando o poder da presença física com o uso consciente da tecnologia, líderes e comunidades podem criar ambientes transformadores, onde os jovens encontrem apoio, pertencimento e oportunidades de crescer na fé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação espiritual de jovens na era digital é um desafio complexo, mas também uma oportunidade única de impactar profundamente uma geração em busca de propósito e pertencimento. Este trabalho explorou aspectos fundamentais para líderes espirituais que desejam entender, alcançar e transformar a vida dos jovens, considerando tanto os riscos quanto as oportunidades do mundo digital.

Os tópicos apresentados destacaram a importância de equilibrar o uso da tecnologia com práticas espirituais tradicionais e o convívio presencial. A dualidade da conexão digital mostrou que, embora a tecnologia ofereça ferramentas valiosas, ela também pode gerar isolamento e superficialidade emocional. É essencial que líderes e comunidades orientem os jovens a utilizarem a tecnologia de forma consciente, buscando aquilo que é edificante e verdadeiro.

O convívio presencial foi apontado como um pilar insubstituível no desenvolvimento emocional, social e espiritual. Em um mundo onde muitos jovens se sentem desconectados e solitários, as comunidades de fé oferecem um espaço de acolhimento e transformação. Os benefícios de viver em comunidade, como o fortalecimento do senso de pertencimento, o apoio espiritual e o aprendizado coletivo, são essenciais para que os jovens cresçam em sua fé e encontrem propósito em suas vidas.

Outro ponto crucial foi a influência da liderança espiritual, que era como um norte para os jovens em um contexto de relativismo moral e excesso de informações. Líderes autênticos, que vivem os princípios que ensinam, tornam-se referências poderosas, inspirando os jovens a buscarem uma conexão mais profunda com Deus. A liderança servidora e o discipulado intencional demonstram que é possível guiar os jovens por um caminho de crescimento e maturidade espiritual.

Os desafios culturais e espirituais da era digital exigem uma abordagem equilibrada e estratégica. O consumo de conteúdos tóxicos, a busca pela validação social e o relativismo moral são barreiras que podem ser superadas por meio de práticas espirituais consistentes, como a meditação na Palavra de Deus, a oração, o jejum e a participação em ações missionárias. Essas disciplinas ajudam os jovens a manter uma identidade sólida em Cristo e a resistir às influências negativas do mundo digital.

Por fim, as abordagens para o crescimento espiritual integraram todos esses elementos, oferecendo estratégias práticas para líderes e jovens. A intencionalidade no uso da tecnologia, o discipulado e a vivência comunitária são ferramentas que, quando alinhados à Palavra de Deus, transformam vidas e constroem uma geração espiritual e emocionalmente saudável.

Este estudo ressalta que, apesar dos desafios, o trabalho com os jovens é uma oportunidade divina para moldar o futuro da igreja e da sociedade. Ellen G. White (2004) afirma que a juventude, se devidamente dirigida, pode ser poderosamente usada por Deus. Cabe aos líderes e comunidades acolherem esse chamado, criando ambientes onde os jovens possam crescer em sua fé, encontrar apoio genuíno e se tornarem agentes de transformação no mundo.

REFERÊNCIAS

- BARNA GROUP. **The Connected Generation**. 2022. Disponível em: <https://theconnectedgeneration.com/>. Acesso em 30 abr. 2026.
- BARNA GROUP; AWANA. **Children’s Ministry in a new reality**: building church communities that cultivate lasting faith. 2022.
- COMMON SENSE MEDIA. **The Common Sense Census: Media Use by Tweens and Teens**. 2023. Disponível em: https://static1.squarespace.com/static/5d77e56c1fc5e024160affa9/t/64f8af3ff-2923440d217cb96/1694019393591/8-18-census-integrated-report-final-web_0.pdf. Acesso em 30 abr. 2026.
- MISSION AUSTRALIA. **Youth Survey Report**. Disponível em: <https://www.missionaustralia.com.au>. Acesso em: 29 dez. 2024.
- PEW RESEARCH CENTER. **Teens, Social Media and Technology**. Disponível em: <https://www.pewresearch.org>. Acesso em: 29 dez. 2024.
- RAINER, T.; RAINER, J. **The Millennials**: Connecting to America’s Largest Generation. Nashville: B&H Publishing Group, 2011.
- SANDERS, J. **Liderança Espiritual**. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- WEISSBOURD, R. BATANOVA, M.; LOVISON.; TORRES, E. Loneliness in America: How the Pandemic Has Deepened an Epidemic of Loneliness. **Making Care common**, p. 1–13, 2021.
- WHITE, E. **A Ciência do Bom Viver**. Ellen G. White Estate, Inc, 2021.
- WHITE, E. **Caminho a Cristo**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- WHITE, E. **Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes**. Ellen G. White Estate, Inc, 2021.
- WHITE, E. **Mensagens aos Jovens**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- WHITE, E. **Obreiros Evangélicos**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- WHITE, E. **Testemunhos para a Igreja**, v. 2. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

A relevância da tríplice mensagem angélica no ministério jovem adventista

Quando Harry Fenner e seu amigo Luter Warren se reuniram para orar sob uma árvore numa tarde de sábado, ninguém poderia imaginar que aquela iniciativa de dois rapazes, de dezesseis e catorze anos (DSA, 2019), se transformaria num movimento que em 2022 comporta 465.293 jovens adventistas somente na América do Sul e quase três milhões de rapazes e moças adventistas em todo mundo no último relatório de 2021¹.

O Ministério Jovem, uma área de apoio a missão da Igreja Adventista do Sétimo Dia para seus membros nas idades entre dezesseis e trinta anos, foi oficialmente estabelecido em 1901 pela igreja mundial (DSA, 2019). O logo do ministério mostra a Cruz, trombetas/anjos, o mundo e a sigla “JA” que significa Jovens Adventistas. A mensagem que ele quer trazer é: “Por meio da cruz de Cristo, os Jovens Adventistas levam as três mensagens angélicas ao mundo” (DSA, 2019, p. 15). A tríplice mensagem é o assunto que os jovens devem pregar. Está na marca do Ministério Jovem, de forma visível para que não seja esquecido, de modo que é natural espera que exerça influência e afete a vida dos jovens adventistas.

A PRIMEIRA MENSAGEM ANGÉLICA

“E vi outro anjo voar pelo meio do céu, e tinha o evangelho eterno, para o proclamar aos que habitam sobre a terra, e a toda a nação, e tribo, e língua, e povo, Dizendo com grande voz: Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo. E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas” (Ap. 14:6-7).

O “outro anjo” é uma referência aos santos de Deus envolvidos na tarefa de proclamar o evangelho eterno. Anjos também ajudam na proclamação, mas essa não é a ideia principal nesse trecho (Nichols, 2014). Então esse o papel é do povo de Deus.

A expressão “evangelho eterno” chama a atenção por que esse é o conteúdo da proclamação do primeiro anjo para todos os habitantes da terra. O termo vem do grego e significa “proclamar as boas novas” (Coenen; Brown, 2000). Logo, o conteúdo das três mensagens é um conteúdo de bênçãos. De acordo

¹ Informações extraídas da Secretaria do Ministério Jovem da DSA, em 26 jul. 2022.

com Borba (2020), “o objetivo da tríplice mensagem não é aterrorizar pessoas, mas lhes dar esperança e salvá-las pela fé no sacrifício expiatório de Jesus Cristo” (Ap 1:5; 14:12).

A primeira mensagem pode ser subdividida em duas partes: 1) “Temei a Deus, e dai-lhe glória; porque é vinda a hora do seu juízo”. 2) “E adorai aquele que fez o céu, e a terra, e o mar, e as fontes das águas”.

Na primeira parte, o motivo do temor reverencial é o início do juízo investigativo pré-advento, iniciado em 1844 e ensinado em Daniel 7:9–14 e 8:14 (Dederen, 2011). Isso quer dizer que o juízo já começou e nomes estão sendo julgados agora.

JUÍZO X CULTURA CARPE DIEM

O termo *carpe diem*, “aproveite o momento”, “aproveite o dia” ganhou relevância ao ser usado pelo poeta romano Horácio, na obra Odes, ao aconselhar sua amiga Leuconói a *carpe diem, quam minimum credula póstero*. Traduzido para o português quer dizer “aproveite o dia de hoje e confie o mínimo possível no amanhã” (Vicente). A expressão em voga recebeu ênfase no filme “A Sociedade dos Poetas Mortos”. A ideia principal é de viver o presente sem se importar com suas consequências. O pensador grego Epicuro cria uma forma de aproveitar a vida sem o medo da morte: valer-se dos prazeres.

A geração que mais foi afetada por esse pensamento são os millenials, ou a geração Y. Essa geração são os nascidos entre 1982 a 1994, aproximadamente (Iberdola). Pode se dizer que o foco desse grupo não é trabalhar para se manter ou sobreviver, mas para custear os prazeres.

Considerando a sede de prazer da geração presente, é muito provável que desenvolvam um estilo de vida baseado puramente na empolgação. A probabilidade de resistir as tentações se torna menor, visto que, por terrível que seja o pecado, a princípio ele se apresenta como algo gostoso para o momento e só para aquele momento, como a duração curta de um stories do Instagram. Uma geração que se acostumou a venerar a superficialidade, o prazer do agora, encontra dificuldades para aguardar a profunda alegria da eternidade. Viver de forma extraordinária é ter a coragem de alcançar um

equilíbrio. Vivemos num mundo de pessoas desequilibradas, que não conseguem conter os próprios impulsos e dispensar o efêmero para se embriagar do que planta em nós sementes de eternidade.

O chamado da primeira mensagem angélica é um convite a viver a vida aqui de forma extraordinária, mas sem tirar os olhos do que é correto. Essa mensagem incentiva a tomar a decisão correta, mesmo que não seja a mais prazerosa ou a mais fácil. No filme “O Gladiador”, Máximus Decimus Meridius diz que o que fazemos em vida ecoa na eternidade. A intenção dessa mensagem não é tirar a alegria da “vida presente”, mas sim garantir a alegria da vida que dura para sempre.

CRIADOR, CRIAÇÃO X CRIATURA, EVOLUÇÃO

A segunda parte da primeira mensagem angélica fala sobre adoração ao Criador e não a criatura. O motivo da adoração é o que o Criador realizou. Ele é o Personagem central, não o ser humano. O oposto do pensamento que coloca Deus no centro é o antropocentrismo. Essa ideia filosófica coloca o homem como o indivíduo central para o entendimento do mundo (Sena, 2020). Esse conceito ressalta o homem como um ser pensante e livre, capaz de tomar decisões racionais por si mesmo, independentemente de qualquer ser ou força (Bezerra). O movimento iniciado por volta dos séculos 15 e 16 tirou Deus de sua posição principal. Bezerra chega a citar que o “sagrado ainda fazia parte da vida das pessoas, no entanto, passou a não ser a única fonte da verdade”.

Chamar a atenção para o Deus verdadeiro faz parte do “evangelho eterno” a ser pregado. Deus está dando essa mensagem a João e à sua igreja porque o homem tirou de Deus sua divina importância, substituindo-O ou até dando uma coparticipação a alguém. Na situação em que Deus não é totalmente retirado de seu trono de Criador, esse trono passa a ser dividido com outra pessoa ou ideia: Darwin/Evolucionismo.

O Jornal Folha de São Paulo reportou que 59% dos brasileiros creem que a vida humana resultou de milhões de anos de evolução, mas guiado por um ente supremo, Deus. Essa pesquisa do Datafolha mostra que o homem crê em Deus e Darwin trabalhando juntos. E o número é maior entre os jovens

de 16–24 anos. Borges (2010) diz que o criacionismo e o Darwinismo não são conciliáveis e apenas 25% creem que somente Deus fez os seres humanos como são hoje (Datafolha, 2010). Não pode haver esperança no acaso. Saber que Deus criou tudo é também confiar que Ele cuida de tudo.

Deus é o Criador da vida, segundo Gênesis 1:27. Desse modo, entende-se que a vida deve correr seu curso natural, diminuindo ao máximo interferências externas a existência do ser. O aborto, por exemplo, é um assunto delicado e cheio de nuances. Embora esse assunto não seja o foco do trabalho, ultimamente têm se levantado tantas vozes a favor dessa prática que a tríplice mensagem angélica realça a autoridade de Deus sobre a vida. A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), não servindo de consciência, mas dando uma orientação moral, declara que o aborto, por motivo de controle natalício, escolha de sexo ou conveniência não é aprovado pela igreja (Associação geral IASD, 2005). Além disso, a igreja afirma que qualquer tentativa de obrigar a mulher, quer a manter ou a interromper a gravidez, deve ser rejeitada como violação a liberdade pessoal (Associação geral IASD, 2005).

Esse tópico também está relacionado com a perspectiva sobre a família, presente nessa mensagem angélica. Visto que, conforme a Bíblia, essa instituição teve origem no Éden, pelo próprio Deus, ao criar o primeiro casal. O livro de crenças da IASD, o “Nisto Cremos”, diz que o “casamento foi divinamente estabelecido no Éden e confirmado por Jesus como união vitalícia entre um homem e uma mulher, e amoroso companheirismo” (Associação Ministerial da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia, 2017, p. 360). Essa citação declara que o casamento criado por Deus possui três características: é vitalício, heterossexual e monogâmico. Situações que se afastem dessas características devem ser profundamente estudadas à luz da Bíblia e analisadas em espírito de amor.

Entretanto, alguns números expõem a triste desvalorização desses três predicados na atualidade. Casamentos que deveriam durar até o “que a morte os separe” estão durando apenas 13,8 anos, em média (Saraiva, 2020). Entende-se que há vários fatores para o fim de um matrimônio, percebe-se, porém, uma falta de esforço para a manutenção do enlace. Sobre o aspecto da

heterossexualidade, dados da Arpen (Associação dos Registradores de Pessoas Naturais) mostram que até o mês de outubro de 2021 foram registrados 8.607 casamentos homoafetivos (Nexo, 2021). Outra pesquisa, realizada em janeiro de 2022, mostra que, no Brasil, 45% da população se diz a favor do casamento entre pessoas do mesmo sexo, e 39% declaram-se contra. Outros 16% não souberam responder. A obra original, o primeiro casal, saída das mãos do Criador nos é uma referência do ideal a ser vivido, um relacionamento de amor entre um homem e uma mulher.

No nosso país a bigamia é crime, conforme o art. 235 do Código Penal Brasileiro. Mas já existem movimentos para que deixe de ser um delito. A primeira mensagem angélica vem para reforçar a vontade de Deus, fazendo com que, mesmo deixando de ser uma infração penal, a bigamia continue sendo vista por Deus como pecado. Como ocorreu como o adultério, que deixou de ser um crime em 2005 (Daniel, 2022). O padrão a que Deus convoca seus filhos a viverem está acima de qualquer código, decreto ou lei humana.

Tais são os embates e obstáculos que nossos jovens enfrentam na sociedade atual. Questões sobre antropocentrismo e teocentrismo, juízo e prazer, criacionismo e evolucionismo, família, aborto, sexualidade, casamento e outros, afetam diariamente os jovens, colocando-os em situação de constante alerta para defender a mensagem do primeiro anjo. Por isso que a primeira mensagem angélica é tão importante.

A SEGUNDA MENSAGEM ANGÉLICA

“Um segundo anjo o seguiu, dizendo: ‘Caiu! Caiu a grande Babilônia que fez todas as nações beberem do vinho da fúria da sua prostituição!’” (Ap14:8).

Em Apocalipse, capítulo 17, Babilônia é representada por uma mulher. Mulher é uma figura que a Bíblia usa como símbolo da igreja (Belvedere, 1987). Uma mulher é a virtuosa, a igreja pura, e a outra mulher é desprezível, a igreja apóstata (White, 2013). Em Isaías 14, o rei da Babilônia é o representante de Lúcifer (Isaías 14:4, 12-14). A “taça de veneno que ela oferece ao mundo representa as falsas doutrinas que aceitou, resultantes da união ilícita com os poderosos da Terra” (White, 2013, p. 388).

A igreja prostituída é culpada por liderar um movimento que “fez todas as nações se embriagarem”. Ela se tornou referência. Seja de forma impositiva ou intuitiva, a grande Babilônia se tornou um tipo, um modelo para as demais nações, que a seguiram. A segunda mensagem angélica é um aviso para não seguir Babilônia. E essa mesma admoestação pode ser aplicada à juventude de hoje, de não seguir certas orientações e de não ser influenciada pelo “vinho da sua prostituição”.

A segunda mensagem instiga o questionamento: a quem estamos seguindo? Quem são as nossas referências?

“Os pais são a primeira referência comportamental da criança, portanto é comum que copiem deles não só o falar e andar, como também atitudes e hábitos de vida” (Faria, 2016). Contudo, chega um momento na adolescência em que ocorre o redescobrimiento do indivíduo. Martins (2018) diz que é na puberdade que essa busca por novas referências acontece. À medida que o corpo se transforma, o indivíduo passa também por uma fase de instabilidade comportamental. A inconstância, nesse caso, é sinônimo de ajuste. Eles não são mais crianças mas ainda não são considerados adultos. Isso faz com que precisem construir uma nova identidade e afirmar seu lugar no mundo. Novas referências, além da materna e paterna, são adicionadas (Martins, 2010). Essa busca por referências é profundamente impactada pela quantidade de celulares, que viraram uma extensão do corpo, carregados das redes sociais e influencers.

A popularização da internet após o ano 2000 não só aumentou, mas modificou os tipos de interação e as redes sociais ganharam força (DAquino, 2012). Das 7,83 bi de pessoas da população mundial, em janeiro de 2021, 5,22 bi possuem celular. E 89% delas estão conectadas às redes (Amper). No Brasil, 93% dos que têm um smartphone possuem, no mínimo, um aplicativo de mídia social (Kemp, 2021). Uma pesquisa mostrou que o Brasil é o 3º colocado em consumo de internet no mundo, com uma média de 10h08m por usuário/dia na internet (Kemp, 2021) e o 1º em ranking mundial no qual influencers são mais relevantes para decisão de compra. Influencers são pessoas que tem um perfil em alguma ou múltiplas redes sociais, que estabeleceram credibilidade

em um nicho de mercado específico e, por ter acesso a um grande público nessas plataformas, possuem a capacidade de influenciar outros usuários, ditar tendências, comportamentos e opiniões, podendo monetizar essa influência em ganhos financeiros (Hotmart, 2024). Segundo Castro (2024), um influencer é quem tem mais 10 mil seguidores. No Brasil temos mais de 500.000 perfis com esse número ou mais de seguidores, falando sobre todo tipo de assunto, quer de maneira correta ou equivocada, e falando o que é certo ou errado. Proibir o acesso a tais influencers não seria um caminho viável. Mas precisamos ensinar os jovens a serem mais influenciadores que influenciados pelo “vinho da fúria de sua prostituição”.

Percebendo essa realidade, a IASD disponibilizou materiais de estudo e movimentos missionários para que os jovens aprendam a resistir às influências que recebem e possam, em vez disso, influenciar o meio que vivem. A seguir, detalharemos algumas propostas da IASD:

Lição da Escola Sabatina Jovem – Tiago White preparou as primeiras lições da Escola Sabatina, direcionadas aos jovens, em 1852. O primeiro programa sistemático de estudo diário da bíblia foi voltado às necessidades dos jovens na história da igreja. Em Oséias 4:6 diz que o povo de Deus perece por falta de conhecimento. Já em Tiago 1:5 diz que Deus está disposto a dar tal sabedoria a todos que buscam. Por isso esse guia é tão importante. O incentivo para estudar a lição é a formação bíblica que ela traz. Não se estuda a lição, mas se estuda a bíblia através da lição. White (2013, p. 22) diz que quando “examinamos a Palavra de Deus, os anjos se acercam de nós, refletindo sobre as páginas sagradas brilhantes raios de luz. As Escrituras apelam para o homem como tendo poder para escolher entre o certo e o errado; elas lhe falam em termos de advertência, de reprovação, de súplica e de encorajamento”.

Líder do Ministério Jovem – Num breve histórico, o curso de líder do Ministério Jovem da IASD teve seu início em 1928, com o nome de *Master Comrade*. Em 1982, chega na Divisão Sul-Americana (DSA) um programa de capacitação em sete módulos para formação de líderes Jovens. Em 2019 um novo manual foi lançando com foco no discipulado das novas gerações (DSA,

2019). Nele, há um programa de desenvolvimento de líderes baseado em dez competências:

1. Os ideais e a história do Ministério JA
2. Filosofia de liderança e visão de discipulado para as novas gerações.
3. Uma nova geração de adoradores.
4. Comunidades que transformam vidas.
5. Envolvendo os JAs em uma causa.
6. Ministério JA na igreja local.
7. Transpondo o abismo comunicacional.
8. Liderança e trabalho em equipe.
9. Líderes criativos – projetos inovadores.
10. Desenvolvendo pessoas para servir (DSA, 2019).

Missão Calebe – É um programa voluntário, de serviço social e testemunho que desafia os jovens adventistas a dedicarem suas férias ao evangelismo em lugares onde não há presença adventista, ou fortalecer as congregações pequenas e conquistar novas pessoas para o reino de Deus (Adventistas). White (1952, p. 13) diz que “temos hoje um exército de jovens que, se for convenientemente dirigido e animado, muito poderá fazer. Necessitamos de que nossos filhos creiam na verdade. Desejamos que sejam abençoados por Deus. Queremos que desempenhem uma parte em bem organizados planos para auxiliarem outros jovens. Sejam eles de tal maneira preparados que possam corretamente representar a verdade, dando a razão da esperança que neles há, e honrando a Deus em qualquer ramo da obra para que estiverem habilitados!”.

A segunda mensagem angélica é um anúncio de que Babilônia não vai resistir. Ela vai cair por ter recebido e saciado as “nações” com o “vinho da fúria da sua prostituição”, que representa todo tipo de engano, e por não oferecer o que realmente mata a sede: Jesus, a Água da Vida (João 4:14).

TERCEIRA MENSAGEM ANGÉLICA

“Um terceiro anjo os seguiu, dizendo em alta voz: ‘Se alguém adorar a besta e a sua imagem e receber a sua marca na testa ou na mão, também beberá do

vinho do furor de Deus que foi derramado sem mistura no cálice da sua ira. Será ainda atormentado com enxofre ardente na presença dos santos anjos e do Cordeiro, e a fumaça do tormento de tais pessoas sobe para todo o sempre. Para todos os que adoram a besta e a sua imagem, e para quem recebe a marca do seu nome, não há descanso, dia e noite” (Ap. 14:9–11).

A questão levantada pelo último anjo é a adoração da besta e o recebimento da marca na testa e na mão. A besta em questão, segundo Maxwell (2004, p. 392) é a igreja de Roma. A adoração é um ato de reverência, de aceitação e reconhecimento de alguém que é maior e melhor. Adorar é prestar culto, venerar, ter grande apreço. A adoração é uma disposição e uma decisão de fazer de Deus o primeiro. Quem não adora não ama a Deus, e quem não O ama não pode realmente lhe obedecer, pois o amor é a única base para a verdadeira obediência (Finley; Wade, 2019). Por essa razão satanás também quer ser adorado e exaltado. Isaías 14:12–14 fala da intenção do anjo caído de ser considerado e adorado como Deus. E ele fará todo o possível para receber tal honra.

Deus tem a sua marca ou seu selo, segundo Ezequiel 20:12–20. O sábado é o selo de Deus (Anderson, 1988). Já que Satanás quer ser adorado, o sinal dele deve estar em aberta oposição ao sinal de Deus, de modo que ele mudará as leis para ser adorado (Dn 7:25). Se Deus estabelece um sinal, o sábado, o repouso instituído pelo inimigo é o domingo (Maxwell, 2004). E isso aconteceu no ano 321 d.C., através de Constantino, segundo imperador do romano. Esse histórico se faz necessário porque esse sinal será colocado na testa e na mente. Nos tempos bíblicos era comum marcar escravos para mostrar quem eram seus donos. Há indícios que soldados romanos recebiam algum tipo de sinal que os identificavam como oficiais do império (Conegro). Por mais que alguns religiosos pensem que esse será um chip colocado na mão direita ou na testa (Estadão Conteúdo, 2017), ele será algo mais conceitual.

Segundo Bullón (2000), esse sinal na mão direita e na testa é uma expressão para dizer que o sinal da besta, santificação do domingo, será colocado na mente (testa) e terá um desdobramento nas atividades do dia a dia como o trabalho e os estudos (mão direita).

A imposição do domingo como dia de guarda afetará o cotidiano dos jovens em todos os âmbitos. Quantos não perdem seus empregos por não comparecerem ao trabalho no sábado? Quantos perdem matérias e provas por não irem à escola, faculdade ou centro de ensino nas horas do sábado? É possível louvar a fidelidade, porém, é inegável que isso afeta diretamente os sonhos e propósitos de vida. Uma pesquisa encomendada pela Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior constatou que 98% dos pais acham importante que os filhos façam um curso superior. E 67% deles afirma que essa formação ajuda a conseguir um bom trabalho (G1, 2017). Imagine a pressão que filhos cujos pais não têm a fé adventista firme sofrem em casa. Não há como mensurar a pressão presente também no trabalho. Mas a última mensagem angélica não é só para mostrar o que vai acontecer, mas para também dizer que tudo está sob o controle de Deus. E para estes, que guardam os mandamentos de Deus, é lhes dado o título de “santos” (Ap.14:12). Eles perseveraram. Sofreram a pressão e perseguição e continuaram fiéis.

Quando se fala do sábado do Senhor, o Senhor do sábado é engrandecido. E a adoração deve ser dada ao Criador que “fez os céus, a terra, o mar e as fontes das águas” (Ap. 14:7). E o sábado é o dia exclusivo para descansar, como fez o Senhor, registrado em Ex.20:8-11. O critério bíblico para a adoração, segundo Apocalipse 14:6 e o quarto mandamento citado acima, é a criação. Se a criação é ponto que faz Deus ser adorado, logo, sua criação, como Ele fez, deve ser considerada como referência para nossa vida.

CONCLUSÃO

A tríplice mensagem angélica, estampada no logo do Ministério Jovem, é uma lembrança para os jovens da mensagem que deve ser dada ao mundo. Esse é o evangelho eterno. A primeira mensagem nos lembra de viver a vida com um propósito, o reino dos Céus. E que as escolhas feitas aqui ecoarão na eternidade. Também fala que tudo que Deus fez é perfeito e Seus padrões para a existência da vida, a pureza e o casamento devem ser seguidos. A segunda mensagem lembra da influência de Babilônia sobre as outras nações, dando de beber da ira de sua prostituição. Na vida, ou somos influenciados

ou influenciámos. Os Jovens da IASD são chamados a influenciar e avisar as pessoas que Babilônia cairá e levará consigo todos que estiverem com ela. O próprio Jesus declarou que somos o “sal da terra” e a “luz do mundo” (Mt.5:13–14). A última, e não menos importante, mensagem fala do sábado. Sinal e selo de Deus. Os jovens estão prontos para levar essa mensagem ao mundo e a resistir aos enganos do inimigo. Uma palavra é dada aos anciãos da IASD através da declaração de White (2005, p. 73): “Nunca, nunca sinta a menor perturbação pelo fato do Senhor estar despertando jovens para erguerem e carregarem os fardos mais pesados e proclamarem a mensagem da verdade”. Então a juventude de IASD se propõe a pregar essas mensagens até que Ele venha. E esse é o maior desejo dessa juventude. Maranata! “o Senhor logo vem”!

REFERÊNCIAS

- ADVENTISTAS.** A origem do Ministério Jovem Adventista. [s. d.]. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/jovens/sobre-nos/historia/>. Acesso em: 08 maio 2026.
- ADVENTISTAS.** Missão Calebe. [s. d.]. Disponível em: <https://www.adventistas.org/pt/jovens/projeto/missao-calebe/>. Acesso em: 08 maio 2026.
- ANDERSON, R. **Revelações do Apocalipse**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1988.
- AMPER ENERGIA HUMANA. We Are Social e HootSuite - Digital 2021 [Resumo e Relatório Completo]. **AMPER: Comunicação e marketing 360° especializada em negócios na América Latina**, [s. d.]. Disponível em: <https://www.amper.ag/post/we-are-social-e-hootsuite-digital-2021-resumo-e-relat%C3%B3rio-completo>. Acesso em: 08 maio 2026.
- ASSOCIAÇÃO GERAL IASD. **Declarações da Igreja:** Aborto, Assédio Sexual, Homossexualismo, Clonagem, Ecumenismo e outros temas atuais. Tatuí-SP, Casa Publicadora. Brasileira, 2005.
- ASSOCIAÇÃO MINISTERIAL DA ASSOCIAÇÃO GERAL DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA. **Nisto Cremos:** As 28 Crenças Fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia. Tatuí-SP, Casa Publicadora Brasileira, 2020.
- BELVEDERE, D. **Seminário as revelações do Apocalipse**. Edição do Professor. Tatuí-SP: Casa Publicadora Brasileira, 1987.
- BEZERRA, J. Antropocentrismo. **Toda matéria**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/antropocentrismo>. Acesso em: 08 maio 2026.

- BORBA, W. A tríplice mensagem angélica e o alto clamor do terceiro anjo. **Notícias adventistas**, 2020. Disponível em: https://noticias.adventistas.org/pt/noticia/biblia/a-triplice-mensagem-angelica-e-o-alto-clamor-do-terceiro-anjo/#_edn2. Acesso em: 08 maio 2026.
- BORGES, M. Brasileiros acreditam em Deus e em Darwin. **Projor: instituto para o desenvolvimento do jornalismo**. 2010. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/armazem-literario/brasileiros-acreditam-em-deus-e-em-darwin/>. Acesso em: 08 maio 2026.
- BULLON, A. **O Terceiro Milênio e as Profecias do Apocalipse**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2000. Pag. 102.
- CASTRO, L. Pesquisa revela que Brasil é o país dos influenciadores digitais. **Veja**, 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/comportamento/pesquisa-revela-que-o-brasil-e-o-pais-dos-influenciadores-digitais/>. Acesso em: 08 maio 2026.
- COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. SP: Edições Vida Nova, 2000.
- CONEGERO, D. O que é a marca da besta na bíblia? **Estilo adoração**, [s. d.]. Disponível em: <https://estiloadoracao.com/o-que-e-marca-da-besta>. Acesso em: 08 maio 2026..
- DANIEL, J. A descriminalização do adultério e o dever de fidelidade recíproca dos cônjuges. **Jusbrasil**, 2022. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/artigos/a-descriminalizacao-do-adulterio-e-o-dever-de-fidelidade-reciproca-dos-conjuges/1651742540>. Acesso em: 08 maio 2026.
- DATAFOLHA**. 59% acreditam na evolução entre as espécies, sob o comando de Deus. 2010. Disponível em: <https://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2010/04/1223573-59-acreditam-na-evolucao-entre-as-especies-sob-o-comando-de-deus.shtml>. Acesso em: 08 maio 2026.
- DAQUINO, F. A história das redes sociais: como tudo começou. **Tecmundo**, 2012. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/redes-sociais/33036-a-historia-das-redes-sociais-como-tudo-comecou>. Acesso em: 08 maio 2026.
- DEDEREN, R. **Tratado de teologia adventista do sétimo dia**, 1ª ed., Tatuí, São Paulo: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- DIVISÃO SUL-AMERICANA**. Manual do Ministério Jovem Adventista. 2019. Disponível em: <https://deptos.adventistas.org/jovem/2020/ACAOJOVEM/ManualMJbr.pdf>. Acesso em: 08 maio 2026.
- ESTADÃO CONTEÚDO. Religiosos dizem que biochips são a “marca da besta”. **Exame**, 2017. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/religiosos-dizem-que-biochips-sao-a-marca-da-besta>. Acesso em: 08 maio 2026.

FARIA, D. Pais são exemplos para os filhos em suas atitudes e hábitos a todo momento. **Minhavia**: família. Disponível em: <https://www.minhavia.com.br/materias/materia-11405#:~:text=Os%20pais%20s%C3%A3o%20a%20primeira,atitudes%20e%20h%C3%A1bitos%20de%20vida>. Acesso em: 08 maio 2026.

FINLEY, M.; WADE, L. **O Mistério da Profecia**. Esperança para um mundo em crise. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

G1. 8% dos jovens dizem que entrar na faculdade é importante 'porque é o sonho dos pais', diz estudo. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/8-dos-jovens-dizem-que-entrar-na-faculdade-e-importante-porque-e-o-sonho-dos-pais-diz-estudo.ghtml>. Acesso em: 08 maio 2026.

HOTMART. Digital influencer: o que é, quanto ganha e como ser um em 2018. 2024. Disponível em: <https://blog.klickpages.com.br/digital-influencer-o-que-e/?gclid=CjwKCAjwrNmWBhA4EiwAH>. Acesso em: 08 maio 2026.

IBERDROLA. Características da geração x, y e z: da geração 'baby boomer' à 'pós-milenial': 50 anos de mudança. <https://www.iberdrola.com/talentos/geracao-x-y-z>. Acesso em: 08 maio 2026.

KEMP, S. Digital 2021: Brazil. **Datareportal**, 2021. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>. Acesso em: 08 maio 2026.

NEXO. Número de casamentos homoafetivos deve bater recorde em 2021. 2021. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/extra/2021/11/19/numero-de-casamentos-homoafetivos-deve-bater-recorde-em-2021>. Acesso em: d1a

NICHOL, F. (ed). **Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia**, v. 7. Tatuí, Casa Publicadora Brasileira. 2014.

MARTINS, A. A Busca da Identidade na Adolescência. **Nova escola**. 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/401/a-busca-da-identidade-na-adolescencia>. Acesso em: 08 maio 2026.

MARTINS, A. A busca da identidade na adolescência. **Nova Escola**, ed, v. 230, 2010. Disponível em: http://www.crescendoaprendendo.com.br/conteudo_academico/conteudo_academico_04-2016_fundII_medio.pdf. Acesso em: 08 maio 2026.

MAXWELL, C. **Uma Nova Era Segundo As Profecias Do Apocalipse**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

SARAIVA, A. Casamentos reduzem pelo quarto ano seguido e passam a durar menos tempo. **Agência IBGE notícias**, 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/>

agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/29647-casamentos-reduzem-pelo-quarto-ano-seguido-e-passam-a-durar-menos-tempo. Acesso em: 08 maio 2026.

SENA, A. Antropocentrismo: características e implicações da doutrina filosófica que põe o homem em evidência. **Educa Brasil**, 2020. Disponível em: <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/filosofia/antropocentrismo>. Acesso em: 08 maio 2026.

VICENTE, E. Carpe Diem. **Significados: Toda Matéria**. [s. d.]. Disponível em: <https://www.significados.com.br/carpe-diem/>. Acesso em: 08 maio 2026.

WHITE, E. **A Igreja Remanescente**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1952. Disponível em: <https://m.egwwritings.org/pt/book/1914.113#118>. Acesso em: 08 maio 2026.

WHITE, E. **Conselhos aos Idosos**. Tatuí-SP, Casa Publicadora Brasileira, 2005.

WHITE, E. **Conselhos para Escola Sabatina**. Tatuí-SP, Casa Publicadora Brasileira, 2013.

WHITE, E. **O grande conflito**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.

Aprender, desaprender e reaprender com as novas gerações

CONHECER E COMPREENDER AS NOVAS GERAÇÕES

Um dos maiores desafios atuais consiste em compreender a liderança das novas gerações, bem como suas identidades e visões de mundo. É essencial analisar e discernir as distintas cosmovisões inerentes a cada sucessão geracional, considerando as especificidades de sua apreensão da realidade e, conseqüentemente, as dinâmicas de sua interação social.

O CONCEITO AMPLO DE NOVA GERAÇÃO

Ao longo dos séculos, diversos estudiosos têm debatido sobre as categorias e definições dos significados que abarcam a juventude e as novas gerações. Há muitas definições possíveis para a expressão “nova geração”, de modo a relacioná-la ao seu tempo de existência (idade), ao espaço que ocupa (lugar), às ideias que sustenta (pensar) ou às atitudes que pratica (agir). A perspectiva bíblica considera todas essas realidades (Ryken, 2000).

Nas Escrituras, uma nova geração é um grupo de pessoas que sucede a outro num dado período (tempo), vivendo numa dada região (espaço). Esse grupo responde (pensa e reage) de alguma maneira aos atos de Deus, e o tipo de resposta dada caracterizará tal geração como boa ou má. Não é só a Bíblia que trata do tema das gerações; ainda que por outras razões, esse assunto tem sido motivo de preocupação até mesmo para aqueles que não se declaram religiosos. Diante das rápidas mudanças do presente tempo, especialistas de diversas áreas têm sido desafiados a se manifestar sobre o tema. Os critérios tomam por base a época e a predominância de certo tipo de comportamento individual, possível de ser reconhecido também como tendência no âmbito coletivo (Sawaia, 2010).

Em sua obra *O problema das gerações*, o sociólogo Karl Mannheim (1928) define a juventude como novas gerações formadas por indivíduos que nasceram em um mesmo período histórico. Segundo o autor, essa contemporaneidade permite que compartilhem os mesmos eventos e experiências, desenvolvendo, principalmente, uma forma semelhante de processar e interpretar esses acontecimentos.

COMO SÃO DEFINIDAS AS GERAÇÕES

Estabelecer recortes geracionais não é uma ciência exata. Institutos e pesquisadores, atualmente, seguem períodos diferentes para diferentes gerações. Adotaremos como fonte de dados geracionais o instituto de pesquisas americano *Pew Research Center*.

A grande geração (nascidos antes de 1928) inclui os veteranos que lutaram na Segunda Guerra Mundial. A geração silenciosa (1928–1945) recebeu esse apelido em um artigo da revista *TIME* de 1951, que a descreveu como convencional, trabalhadora e conformada, pois não causava transtornos (Seemiller; Grace, 2019).

A geração “BB” ou *Baby boomer* (1946–1964) – cuja expressão traduzida significa “explosão de bebês” – apresenta entre suas principais características: o auge do movimento *hippie* e do amor livre; o medo de um mal incerto e de um futuro hostil; a dificuldade em limitar a desconfiança e a suspeita; a busca por segurança pessoal e coletiva; além de fortes preocupações militares (Seemiller; Grace, 2019; Maurer, 2013).

A geração X (1965–1980) tem como foco, na vida adulta, a família e a responsabilidade. Inserida em um ambiente era de Guerra Fria e contracultura, caracteriza-se por: medo da perda da liberdade; dificuldade com regulamentos e padrões gerais da cultura; busca excessiva por direitos e fortes preocupações político-ideológicas (Seemiller; Grace, 2019).

Os *Millennials* ou geração Y (1981–1996) – muitos dos quais são filhos da geração *Baby boomer*. Os *Millennials* cresceram com o envolvimento próximo de seus pais, predominantemente *Baby Boomers*, cujo estilo parental era apelidado de “pais de helicóptero”. Cresceram com os recursos tecnológicos à disposição. Entre as principais características, destacam-se: o medo da não inclusão socioeconômica; a dificuldade com hierarquias e fronteiras; o desejo de serem tratados de igual para igual; a busca por sucesso profissional-financeiro; e o forte engajamento social.

A geração Z (1997–2010), segundo Seemiller e Grace (2019), seus integrantes são inteligentes, possuem imersão digital, são direcionados e estão prontos para trazer mudanças ao mundo. Podem ser caracterizados como uma geração

de mente aberta, atenciosa e diversificada, fundamentada em um senso de integridade e tenacidade. Aceitam a diversidade racial e sexual, demonstrando tolerância. Também apresentam medo do não pertencimento e do insucesso; dificuldades com: limites e formalidades, relacionamentos presenciais, atenção focal e comunicação verbal; buscam desafios e seus resultados por meio de tarefas múltiplas, além de possuírem uma forte ambição por êxito, combinada com um discurso ético ecológico e humanitário.

Há pesquisadores e comentaristas que sugerem que, a partir de 2010, seria viável falar da “geração Alfa”, cujas personalidades e comportamentos possivelmente reflitam características de todas as gerações anteriores (BB, X, Y e Z). Sejam tais classificações exatas ou não, o fato é que há representantes de cada geração em todos os âmbitos de convívio da vida humana.

Cada nova geração carrega em si a necessidade sempre latente de se relacionar em amor, adoração e serviço com o Criador e Redentor da humanidade. Embora todas as gerações compartilhem as mesmas características funcionais e as mesmas necessidades existenciais, cada uma delas é culturalmente caracterizada. Ou seja, de certa forma e em certa medida, cada nova geração está suscetível às influências da(s) cultura(s) predominante(s) no tempo e lugar em que vive.

OS DESAFIOS DO APRENDIZADO NA CULTURA DA GERAÇÃO Z

CULTURA DO APRENDIZADO DA GERAÇÃO Z

Diante desse cenário multigeracional, repleto de peculiaridades, surge a seguinte inquietação: como formar uma geração de líderes? De que maneira a educação pode fazer a diferença na vida das juventudes contemporâneas?

As pessoas, a sociedade e as organizações – incluindo as escolas – precisam observar com mais atenção as transformações ocorridas nas sucessivas gerações, de modo a compreender suas dinâmicas e potencializar os resultados dos indivíduos tanto no campo pessoal quanto no acadêmico e no profissional (Oliveira, 2012).

Estamos inseridos em uma cultura de mudanças constantes e aceleradas. Desse modo, especialistas afirmam que novas gerações, com características e

comportamentos distintos, estão surgindo. A velocidade das transformações entre uma década e outra foi tão drástica que novos perfis de comportamento emergiram. Essa realidade implica que, como professores, pais e líderes das novas gerações, precisamos de uma mudança de paradigma na educação – e nas igrejas também. Precisamos analisar as características dessas novas gerações para interagirmos com elas de forma eficaz.

POR QUE APRENDER, DESAPRENDER E REAPRENDER?

A mutabilidade do mundo é um reflexo direto da transformação dos indivíduos, fenômeno que redefine a dinâmica entre alunos e o ato de aprender. Esta geração, batizada sob a égide dos nativos digitais, não apenas consome dados em alta velocidade, mas possui uma ânsia por descobertas que desafia os métodos convencionais.

Diante desse cenário, a obsolescência de modelos estáticos torna urgente a transição para uma pedagogia mais vibrante. Em um ecossistema global hiperconectado e de alta complexidade, as fronteiras entre o relacionamento interpessoal e a aquisição de conhecimento tornaram-se porosas e em constante reconfiguração.

Ao mediar o saber com as gerações Z e Alfa, o papel de líderes e educadores transmuda-se: deixamos de ser meros transmissores para nos tornarmos agentes de adaptação. O desafio não reside apenas em acompanhar o ritmo, mas em arquitetar mudanças verdadeiramente estruturais.

No cerne dessa evolução, reside a capacidade de abraçar a tríade da agilidade mental: a disposição ininterrupta para aprender, a coragem para desaprender o que já não serve e a resiliência para reaprender sob novas perspectivas. Mas, por que desaprender? Porque esse processo libera nossa mente para novas verdades e para a adaptação à nova realidade. Desaprender converge com atitudes criativas, inspiradoras e inovadoras, descartando o que não faz mais sentido.

Em um artigo na *Harvard Business Review*, o Dr. Bonchek, especialista em era digital, sugere três passos para praticar o *unlearning* (o ato de deixar para trás aquilo que costumava funcionar antes, visando entender o que é

necessário para a próxima fase) e se abrir para novas formas de olhar o mundo: 1) reconhecer que o velho modelo não é mais relevante ou efetivo; 2) encontrar ou criar um novo modelo que possa melhor atender aos objetivos junto aos alunos; 3) incorporar os novos hábitos e reforçar os novos comportamentos.

O professor sempre está em constante aprendizado, vive aprendendo. É preciso desaprender para aprender a aprender.

Alvin Toffler, escritor e futurista norte-americano, afirmou que “a mudança não é simplesmente necessária para a vida – ela é a vida” e, complementarmente, que “os analfabetos do século XXI não serão aqueles que não conseguem ler e escrever, mas sim aqueles que não conseguem aprender, desaprender e reaprender.”

COMO DESENVOLVER COMPETÊNCIAS DO SÉCULO 21?

Isso se concretiza por meio da aplicação de: metodologias ativas – focadas na aprendizagem colaborativa; metodologias ágeis – como a microaprendizagem e o *just-in-time learning*; metodologias imersivas – pautadas em experiências de alto engajamento (simulações, jogos, gamificação e realidade virtual); metodologias analíticas – com foco em soluções adaptativas e personalizadas; além da aprendizagem lúdica como parte da exploração do saber. Somam-se a isso o estabelecimento de conexões entre diferentes esquemas de aprendizagem; o uso de estímulos imagéticos e comportamentos contemporâneos reativos; a sala de aula invertida; o posicionamento do aluno como protagonista do processo de ensino-aprendizagem; além de práticas inovadoras e didáticas criativas.

Ademais, as experiências educacionais devem ser voltadas para o bem-estar, o desenvolvimento pleno de habilidades socioemocionais e a consolidação de hábitos saudáveis. Tais elementos convergem para o empreendedorismo e novas formas de ensinar na sociedade do conhecimento, utilizando novas mídias e *storytelling*; ferramentas midiáticas de entretenimento, humor e recursos audiovisuais; bem como a geração de conteúdos envolventes e atrativos.

A capacidade de aprender é uma característica inerente ao ser humano, no entanto, a habilidade de continuar aprendendo é uma competência essencial para a liderança (Bennis; Thomas, 2002).

REFLEXÕES DE COMO PREGAR ÀS NOVAS GERAÇÕES

REFLETINDO O EVANGELISMO

A geração Z configura-se como a primeira linhagem verdadeiramente pós-cristã, desafiando as instituições eclesiais a reavaliarem seu papel diante de uma cultura em célere mutação. James White (2017) ilustra que essa geração emergiu em um período de acentuada “desespirtualização”, sendo composta, em grande medida, por descendentes da geração X que se distanciaram das práticas religiosas tradicionais. Tendo sido formados em um contexto de incerteza, volatilidade e complexidade, esses jovens enfrentam desafios nos quais a religião absorve os impactos da mentalidade pós-moderna, marcada pelo secularismo e pelo relativismo.

A secularização, fenômeno intrínseco à modernidade, manifesta-se quando a sociedade marginaliza as Escrituras em sua esfera prática. A essência do secularismo reside em um ateísmo funcional: em vez de refutar a existência de Deus, a cultura limita-se a ignorá-Lo. Paralelamente, o relativismo pós-moderno consolidou a premissa de que a verdade absoluta é inexistente, tornando todos os valores contingentes.

Ironicamente, a carência de conhecimento teológico e espiritual constitui uma das maiores janelas de oportunidade para o evangelismo dessa geração. Nesse sentido, White (2007) ressalta a importância de priorizar o tratamento dedicado aos jovens, destacando que a compreensão do espírito humano exige sabedoria e intercessão. A autora argumenta que o esforço missionário deve buscar a empatia, alcançando os sentimentos da juventude ao participar ativamente de suas experiências, sejam elas de júbilo, sofrimento ou superação.

CONSTRUINDO PONTES

Não é só dizer que as novas gerações não têm fé – elas estão em busca de sua verdadeira identidade, muitas vezes se perguntando: “Qual é o propósito

da vida?” Precisamos acreditar na juventude e investir em seu futuro. Eles têm uma variedade de posicionamentos e são questionadores. Deus quer salvar individualmente cada jovem de cada diferente geração.

Precisamos construir pontes que possam aproximar os líderes dos jovens, com o propósito de conhecer as necessidades dos jovens das novas gerações, para poder acolhê-los de modo adequado com a fé que professamos. Também devemos ser compreensivos, pois a linguagem e a mentalidade deles são diferentes; temos de ser sensíveis às lutas vivenciadas pela nova geração.

COMO ALCANÇAR OS JOVENS DAS NOVAS GERAÇÕES

Neste breve tópico, sintetizamos as metodologias estratégicas para a mobilização das novas gerações, conforme elencado a seguir:

1. Relevância e credibilidade: a igreja deve consolidar sua relevância perante as novas gerações por meio da credibilidade. O jovem necessita de convicção de que a instituição, além de proclamar a verdade e a salvação em Cristo, constitui um ambiente seguro e promissor para o seu desenvolvimento. É imperativo que a igreja proponha uma visão transcendental, auxiliando o indivíduo na descoberta do propósito de sua existência;
2. Acolhimento: é fundamental exercer sabedoria no acolhimento, aconselhamento e direcionamento dessa geração, conduzindo-a a um relacionamento dinâmico e profundo com o Salvador.
3. Diálogo: o processo exige escuta ativa e diálogo constante. As novas gerações almejam uma comunidade caracterizada pela simplicidade, criatividade e júbilo. Deve-se permitir que os próprios jovens diagnostiquem suas demandas, perspectivas e expectativas. Ao investigar o perfil de liderança que almejam, observam-se anseios por: 1) um senso de comunidade autêntico e inclusivo; 2) líderes que atuem como facilitadores na descoberta da fé e de Jesus; 3) mentores que priorizem a escuta empática e a amizade; 4) lideranças que auxiliem na autodescoberta e na identificação de dons, em vez de imporem identidades preestabelecidas; 5) líderes que encorajem o potencial artístico e criativo, acolhendo aqueles que falham e promovendo a fraternidade.

4. Fundamentação bíblica e metodológica: o fortalecimento do relacionamento com Cristo deve ocorrer por meio de um estudo bíblico profundo, visando a formação de uma nova geração de crentes que aplique a teologia bíblica adventista na resolução de desafios contemporâneos. Espera-se que pastores e líderes apresentem conteúdos com densidade intelectual e estimulem a interatividade. Para tanto, é eficaz: 1) elaborar questionamentos desafiadores que fomentem a curiosidade intelectual; 2) utilizar a narrativa (*storytelling*) como ponte cognitiva para a mentalidade pós-cristã; 3) dominar ferramentas mediáticas contemporâneas (como Kahoot, Canva, WhatsApp, Zoom, entre outras) para que a mensagem seja comunicada de forma inteligível.
5. Discipulado e serviço: o engajamento deve focar no serviço ao próximo. O discipulador atua como um mentor que auxilia o jovem no desenvolvimento físico, moral, social e espiritual. A liderança não deve simular perfeição, mas demonstrar honestidade e autenticidade na vivência da fé. No contexto das novas gerações, o evangelismo é indissociável do discipulado: é um processo contínuo fundamentado em relacionamentos, confiança e exemplo. O foco reside no diálogo com o público pós-cristão, partindo da premissa de que a própria igreja é, em sua essência, uma missão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, é notório que dispomos de um corpo expressivo de jovens que, se devidamente preparados e sob mentoria adequada, possuem o potencial de contribuir significativamente para a comunidade de fé.

Os jovens demonstram as mesmas características essenciais, independentemente da cultura a que pertençam. Necessitam de um modelo, um mentor – não somente para instruí-los, mas também para inspirá-los, por meio de um autêntico estilo de vida cristão. Esse contexto, evidencia-se a nossa responsabilidade como liderança: para alcançar as novas gerações e conduzi-las à salvação, é imperativo que estejamos em um processo contínuo de aprendizado e readequação. Nosso paradigma supremo é Jesus, que

estabelecia vínculos com indivíduos de diversas culturas e gerações, demonstrando empatia e interesse genuínos.

Nossa sociedade perpassa por constantes mutações, o que exige adaptabilidade, sem que se comprometam os princípios e valores bíblicos. A juventude representa um solo fértil; à semelhança do semeador bíblico, cabe-nos a tarefa de transgredir a zona de conforto e semear. Os frutos, certamente, advirão desse esforço.

REFERÊNCIAS

- ALLAN, L. Por que nossas escolas ainda estão tão distantes da inovação?. **Exame**, 26 fev. 2020. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/blog/crescer-em-rede/por-que-nossas-escolas-ainda-estao-tao-distantes-da-inovacao/>. Acessado em: 07 mai. 2026.
- ALLAN, L. Chegou a hora de você desaprender. **Exame**, 22 out. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/blog/crescer-em-rede/chegou-a-hora-de-voce-desaprender/>. Acessado em: 07 mai. 2026.
- BENEDICTO, M. Se eu fosse jovem... **Revista Adventista**, São Paulo, 07 mar. 2016. Disponível em: <https://revistaadventista.com.br/marcos-benedicto/artigos/se-eu-fosse-jovem/>. Acessado em: 07 mai. 2026.
- BENNIS, W. G.; THOMAS, R. J. **Geeks & Geezers: how era, values, and defining moments shape leaders**. Brighton, MA: Harvard Business School Press, 2002.
- GONÇALVES, K. Sharing our faith with millennial generations: the power of storytelling. **Ministry Magazine**. Disponível em: <https://www.ministrymagazine.org/authors/g/Goncalves-Kleber>. Acessado em: 07 mai. 2026.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- JOHANSSON, T.; HERZ, M. **Youth studies in transition: culture, generation and new learning processes**. Cham: Springer Nature Switzerland, 2019.
- LIMA, W. **Assim caminha a juventude**. Revista Adventista, São Paulo, p. 12-18, mar. 2016.
- MOTTA, A. B. A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 225-250, 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=s-ci_arttext&pid=S0102-69922010000200005. Acessado em: 07 mai. 2026.
- NOVAES, A. O jovem na literatura acadêmica: elementos para um estado da arte dos estudos da juventude. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 28, n. 4, out./dez. 2018.

- NOVAES, A.; CARMO, F. (orgs.). **O adventista e a cultura pop**. Engenheiro Coelho, SP: Unaspres, 2017.
- OLIVEIRA, S. **Gerações**: encontros, desencontros e novas perspectivas. São Paulo: Integrare, 2016.
- OLIVEIRA, S. **Jovens para sempre**: como entender os conflitos de gerações. São Paulo: Integrare, 2012.
- PORTELLA, R. Religião, sensibilidades religiosas e pós-modernidade: da ciranda entre religião e secularização. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 2, p. 71–87, 2006. Disponível em: http://www4.pucsp.br/rever/rv2_2006/p_portella.pdf. Acessado em: 07 mai. 2026.
- SEEMILLER, C.; GRACE, M. **Generation Z**: a century in the making. New York: Routledge, 2019.
- WELLER, W. A atualidade do conceito de gerações de Karl Mannheim. **Sociedade e Estado**, v. 25, n. 2, p. 205–224, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922010000200004>. Acessado em: 07 mai. 2026.
- WHITE, E. G. **Obreiros evangélicos**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- WHITE, J. E. **Meet generation Z**: understanding and reaching the new post-christian world. Grand Rapids: Baker Books, 2017.
- ZAK, P. J. Why Your Brain Loves Good Storytelling. **Harvard Business Review**, 28 out. 2014. Disponível em: hbr.org/2014/10/why-your-brain-loves-good-storytelling. Acessado em: 07 mai. 2026.

**O jovem
na missão
transcultural:
preparo para
o ide**

Este trabalho propõe elementos importantes na preparação de jovens adventistas para missões transculturais bem-sucedidas.

Este tema envolve uma reflexão de cunho pessoal, pois refere-se à minha experiência pastoral em outros países e aos desafios enfrentados. Além disso, o interesse por este assunto decorre da percepção, ao participar de treinamentos e ao ministrar outros sobre esta área, de que muitos dos que pretendem partir para a missão estão despreparados.

O presente trabalho visa responder a um questionamento atual: como preparar a juventude para a missão transcultural? O foco recai sobre esta fase da vida não por ser mais importante do que outras, mas pelo fato de ser um período desafiador, caracterizado pela energia, pelo envolvimento e pelo comprometimento quando os jovens se identificam com uma causa.

Atuar em outras nações com características diferentes daquelas às quais estamos habituados pode ser mais efetivo se o Ministério Jovem – departamento da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) – engajar-se por meio de motivação, treinamentos e estratégias correlatas.

Desta forma, as dificuldades podem ser minimizadas, permitindo desfrutar da missão de forma mais leve e consciente dos objetivos pretendidos e dos meios para alcançá-los.

BORA PARA MISSÃO?

É fato que Cristo nos amou primeiro; Ele nos criou, nos resgatou por meio da cruz e um dia virá nos buscar. A Bíblia nos mostra isso claramente, de Gênesis ao Apocalipse. Entretanto, o Senhor, em seu plano de amor, confiou a cada um de seus filhos a missão de buscar aqueles que se encontram desconectados dEle. O chamado de Isaías 6:8 também se estende a nós: “O Espírito do Senhor Deus está sobre mim, porque o Senhor me ungiu para pregar boas-novas aos quebrantados de coração, a proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados; e apregoar o ano aceitável do Senhor”. Será que responderemos como Isaías? Ele disse: «Eis-me aqui, envia-me a mim”.

O Espírito de Profecia auxilia na compreensão de pormenores sobre o que o Senhor espera de nós. White (1999, p. 125) escreve sobre isto: “Pouca atenção é dada à Bíblia, e o Senhor deu uma luz menor para guiar homens e mulheres à luz maior.”

Além desses textos, dois materiais de forma mais marcante me influenciaram sobremaneira a escolha do tema: *Passaporte para a missão*, de Chery Doss et al., e *Aventuras nos Andes e Amazonas*, de Bárbara Westphal. O primeiro, por constituir um manual explicativo primoroso sobre missiologia, provendo embasamento teórico; o segundo, por ilustrar, mediante as experiências de dois missionários, a realidade da vida em missão.

O ensaio em questão visa abordar a temática proposta por meio da leitura sobre o assunto e do compartilhamento minha experiência missionária. Unir a teoria à prática pode desmistificar a missão – muitas vezes vista como algo inalcançável – e demonstrar sua acessibilidade ao observar vidas comuns sendo instrumentos nas mãos de Deus.

Missão, de forma geral, envolve um misto de emoção e razão, entusiasmo e, ao mesmo tempo, reitera a responsabilidade que temos como cristãos de levar as boas-novas a todos, como diz a Grande Comissão de Mateus 28:19: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo”.

É possível que a motivação esteja repleta de idealismo ao contemplar diversas obras e testemunhos de missionários, por meio de livros, palestras e até da tão conhecida «carta missionária» usada na Escola Sabatina ainda hoje, entre outros. Há realmente histórias marcantes que podem impulsionar o desejo de também passar por algo semelhante. Contudo, na maioria das vezes, apreende-se apenas um recorte da realidade, como um retrato de uma situação específica, sem a compreensão da totalidade. O percurso que antecedeu o milagre ou a oração respondida, frequentemente, é negligenciado. Para Doss (2013, p. 52) é necessário equilibrar as expectativas, ele diz: «Estabelecer alvos muito elevados (falsas expectativas) ou muito baixos (nenhuma expectativa) pode causar frustração e mais desapontamento mais adiante.

O chamado para a missão destina-se a todos os filhos de Deus. White (2004, p. 9) afirma que: “Todo verdadeiro discípulo nasce no reino de Deus como missionário.” Embora o chamado seja para todos, é válido ressaltar qual o dever dos jovens neste empenho. Com relação aos jovens, White (1985, p. 20) escreve:

Para que a obra possa avançar em todos os ramos, Deus pede vigor, zelo e coragem juvenis. Ele escolheu a mocidade para ajudar no progresso de Sua causa. Planejar com clareza de espírito e executar com mãos valorosas exige energias novas e sãs. Os jovens, homens e mulheres, são convidados a consagrar a Deus a força da sua juventude, a fim de que, pelo exercício de suas faculdades, mediante vivacidade de pensamento e vigor de ação, possam glorificá-Lo, a Ele, e levar salvação a seus semelhantes.

Tal constatação indica a grande responsabilidade que repousa sobre a juventude, o que requer preparo e interesse em capacitar-se para tão nobre obra. Sobre esse ponto, White (1985, p. 15) escreve: “Tenho profundo interesse na mocidade, e desejo grandemente vê-la porfiando por aperfeiçoar o caráter cristão e procurando, pelo estudo diligente e fervorosa oração, adquirir o preparo necessário para o serviço aceitável na causa de Deus.”

A grande questão é se todos foram chamados para a missão transcultural. Acerca dessa indagação, White (2004, p. 9) afirma: “Nem todos podem ir como missionários para terras estrangeiras, mas todos podem, na própria pátria, ser missionários na família e entre os vizinhos”. Ou seja, o chamado de pregar as boas-novas destina-se a todo cristão; contudo, há especificações: alguns são vocacionados para sua terra natal, e outros, para o exterior. Diante disso, nota-se que identificar se Deus nos chama para uma obra fora do nosso território de origem é o primeiro passo para iniciar o preparo. Nesse processo, é fundamental distinguir entre a voz do Espírito Santo e o desejo interior que

pode ser – ainda que inconscientemente – a busca por uma simples viagem de lazer, o desejo de aprender outra língua ou cultura, ou qualquer outro motivo que, embora positivo e válido, não se enquadra em um chamado de Deus. Nossa comunhão com Cristo será o guia; Ele pode valer-se de muitos meios para nos revelar Sua vontade, mas, primordialmente, devemos estar ligados a Ele por meio da oração, da leitura de sua Palavra e do Espírito de Profecia.

A partir disso, cabe a cada um estar disponível para este trabalho, visto que nem todos os que recebem esse convite dispõem-se a aceitá-lo. Talvez consintam, mas desejem escolher onde, como e quando atuar. Deve-se lembrar que esta é uma obra dirigida aqui na terra por homens, embora seja, em primeira instância, guiada por Deus.

Não se pode esquecer que o chamado pode ocorrer de repente, sem que haja um tempo hábil para a preparação necessária. Contudo, se este não for o caso, a elaboração de um planejamento viável é de suma importância.

Nesse contexto, a exposição de vivências pessoais pode contribuir para a compreensão do tema – afinal, a aprendizagem também se concretiza por meio da experiência alheia.

Particpei de duas missões de curto prazo e três de longo prazo. Ao retroceder, percebo que não estava devidamente preparado para algumas delas, por razões distintas. Dentre elas, destaco a escassez de tempo antes do chamando, a resistência ao aprendizagem do idioma local (especialmente em contexto onde o inglês era aceito), a eventual indisposição para compreender nuances culturais que influenciavam a prática religiosa e a dificuldade em aceitar que as mudanças exigem paciência.

Hoje, adotaria condutas distintas. Não obstante, Deus, em seu infinito amor e misericórdia, não deixou de me usar e de instrumentalizar a própria missão para o meu crescimento e para a bênção das localidades por onde transitei. Todavia, acredito que poderia ter contribuído de forma mais efetiva se estivesse plenamente ciente do contexto que me aguardava e possuísse o equilíbrio emocional necessário para enfrentar adversidades com maior resiliência.

Quando o missionário ainda não possui um destino definido, torna-se inviável o estudo de características específicas; nesses casos, o preparo assume um caráter mais abrangente, embora subsistam passos considerados gerais. Cabe ressaltar, ainda, que há diferenças consideráveis conforme a duração da missão, seja ela de curto ou de longo prazo.

As missões de curta duração são as mais acessíveis e procuradas, sobretudo pelo público jovem, devido à compatibilidade de tempo – possibilitando o aproveitamento de períodos de recesso, por exemplo. De acordo com Doss (2013, p. 22):

Calcula-se que uns 4 milhões de missionários de curto prazo, de todas as denominações, estejam sendo enviados a cada ano. Contudo, há o outro lado também, pois nem sempre é possível ter treinamento, deslocar-se até outro país e ainda ter um período razoável de atuação.

Diante desse cenário, qual seria a definição para este tipo de missão? Doss (2013, p. 21) a define como: “Estamos definindo como ‘de curto prazo’ qualquer experiência missionária com duração entre duas semanas e um ano.”

Por sua vez, as missões de longo prazo podem exigir renúncias maiores e uma compreensão mais minuciosa do contexto local e da alteridade. Isso implicará mudanças mais complexas na vida do missionário e, por isso, a demanda por relação ao conhecimento e ao aprimoramento em diversos sentidos torna-se maior e mais profunda. Sobre esse ponto, Doss (2013, p. 26) comenta: “Obviamente, o Senhor chamará algumas pessoas para servir por um longo prazo e, até mesmo, para fazer do serviço missionário sua ‘carreira’ profissional.”

Há diversas formas de envolvimento nessa atividade, seja por meio do OYIM (One Year in Mission), SVA (Serviço Voluntário Adventista), ADRA, grupos independentes de voluntários e afins. Da mesma forma, há os missionários

regulares de longo prazo vinculados à igreja como instituição, ou a outros grupos, como Maranata e outros.

A capacitação provê a maioria dos recursos necessários para a prontidão do envio. Algumas uniões, associações e instituições de ensino adventistas possuem o Instituto de Missões, que representa uma relevante bênção e um avanço para a missão. Entretanto, nos lugares onde tais centros ainda não estão presentes, os departamentos da igreja podem oferecer, como o Ministério de Jovens, que auxilia os participantes do OYIM, por exemplo.

Há também um aspecto muitas vezes negligenciado que facilita e potencializa a atuação de qualquer missionário: o autoconhecimento. Para White (2014, p. 3): “Conhecer a nós mesmos é grande ciência. O mestre que se aprecia devidamente deixará que Deus lhe molde e discipline a mente.” Compreender as próprias virtudes e limitações, saber lidar com frustrações e evitar gatilhos emocionais viabiliza uma experiência mais plena. Quando nos enxergamos como realmente somos, podemos exercer mais misericórdia e amor em favor do próximo. Sobre isso, Jesus afirma em Mateus 22:39: “[...] Amarás o teu próximo como a ti mesmo.”

Além disso, o grau de compreensão sobre nossa identidade como igreja e a profundidade da nossa experiência com Deus influenciarão a forma como interagimos com sistemas de crenças distintos dos nossos. Para White (1985, p. 219):

A igreja foi organizada para o serviço; e numa vida de serviço dedicado a Cristo, a conexão com a igreja é um dos primeiros passos. A lealdade para com Cristo exige o fiel cumprimento dos deveres da igreja. Isto é parte importante da educação de qualquer pessoa; e, numa igreja impregnada da vida do Mestre, levará diretamente o esforço em prol do mundo lá fora. Há muitos ramos em que os jovens podem aplicar seus esforços em prol do próximo.

Partindo desta questão, o outro se torna o foco. Conhecer outra cultura é algo muito profundo, que exige tempo e dedicação, pois envolve conhecer as características do outro, tal como o ambiente cultural em que ele está inserido. Isto posto, Santos (2006, p. 7) norteia a discussão sobre o outro e a cultura: “Cultura é uma preocupação contemporânea, bem viva nos tempos atuais. É uma preocupação em entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro”. Partindo dessa preocupação, Santos (2006, p. 22) define o conceito como: “cultura diz respeito às festas e cerimônias tradicionais, às lendas e crenças de um povo, ou a seu modo de se vestir, à sua comida, a seu idioma. A lista pode ser ampliada.”

Dada a complexidade do tema, nota-se que a sistematização em pontos fundamentais facilita a compreensão. Há aspectos culturais que só podem ser percebidos por meio da imersão, pois são tão peculiares que a literatura não os abrange – somente a vivência os revelará.

Contudo, as informações obtidas antes do embarque auxiliam significativamente. Como mencionado, o escopo de preparo é vasto, mas questões associadas à religião, gastronomia, vestimenta, idioma, relacionamentos e conhecimentos gerais sobre a nação (datas comemorativas, política, economia e história) destacam-se como primordiais. No que tange ao aprendizado da língua local, este vincula-se, invariavelmente, às missões de longo prazo, visto que exige tempo. Sobre a importância deste aprendizado, Doss (2013, p. 133) afirma: “A ‘língua do coração’ é aquela que eles aprenderam no colo de sua mãe e esta sempre lhes será o idioma mais significativo.” E ela continua: “Você pode se aproximar do coração das pessoas ao falar na língua do coração” (Doss, 2013, p. 134).

Confesso que o aprendizado de outro idioma sempre representou um desafio pessoal; transitei por locais com línguas extremamente distintas da nossa, com exceção da Guiné-Bissau, que possui o português como língua oficial – embora este seja utilizado por apenas uma parcela da população. Estudar inglês precipitadamente em um país com outro idioma nativo foi uma experiência complexa. Se eu possuísse domínio da língua antes da partida,

diversos episódios de estresse e frustração teriam sido evitados, além de permitir que o tempo dedicado ao estudo fosse aplicado na atuação direta ou no aprendizado do dialeto local.

Ademais, definir a função a ser desempenhada antecipadamente possibilita um preparo mais assertivo. Em missões de curta duração, pode haver demanda por áreas que o missionário não domina plenamente, mas que podem ser assimiladas, como auxílio em construções, pintura ou logística de donativos. Em contrapartida, no longo prazo, prioriza-se habitualmente a formação acadêmica ou os talentos específicos do missionário; atuar em funções conflitantes com as aptidões ou preferências pessoais tende a gerar frustração e resultados inexpressivos para a comunidade atendida.

A definição prévia das atribuições possibilita um preparo mais assertivo. Em missões de curto prazo, pode haver a demanda por funções em áreas que o missionário não domina, mas que são passíveis de aprendizado, como o auxílio em construções, pintura ou logística de donativos.

No que concerne a períodos mais longos, prioriza-se, geralmente, a formação acadêmica ou os talentos específicos do missionário. Atuar em funções conflitantes com as aptidões ou que não correspondem às inclinações pessoais tende a gerar frustração e resultados inexpressivos para a comunidade atendida. Sobre esse ponto, Silva (2014, p. 53) afirma:

Outro risco a ser evitado é uma pessoa atuar em um ministério para o qual não tem um dom espiritual. Isso é semelhante a um pedreiro usando um serrote para construir um muro! Cada membro do corpo de Cristo precisa descobrir que ferramentas ou dons Deus disponibilizou para ele e, dessa forma, fazer uso delas em um ministério adequado para ter um ministério eficaz!

Não obstante, há exceções. Minha esposa, por exemplo, é pedagoga, e ao sermos designados para o continente africano, estabeleceu-se que ela atuaria como docente na escola adventista local; por esse motivo, ela organizou

materiais específicos para a função. Todavia, no momento de nossa apresentação à comunidade, fomos informados de que ela exerceria a coordenação. Tal mudança gerou instabilidade, pois, além da ausência de experiência prévia para o cargo, não houve comunicação antecipada. Sob a providência divina, com o decurso do tempo, a situação se estabilizou, e hoje ela recorda essa vivência como uma das mais significativas de sua vida. Todavia, os desfechos podem variar – nem sempre os resultados são favoráveis. Portanto, é fundamental estar preparado para eventuais contingências.

A conexão interpessoal também é um elemento preponderante, o que se torna viável apenas quando há um interesse genuíno pelo próximo e a disposição para o serviço altruísta. Quando há um real interesse pelo outro, quando se está disposto a amar. Há um relato comovente sobre a missionária Ana Stahl, que atuou juntamente com seu esposo nos Andes e na Amazônia. Westphal (1978, p. 55), ao descrever essa dedicação, afirma:

Lágrimas vieram aos olhos de Ana ao pensar nos pobres índios orando no meio da noite sob as estrelas, seus cobertores de lã bem apertados em torno do corpo, no ar frio da noite – lágrimas lhe vieram aos olhos, e esperança também, pois ela sentia que Deus ouviria as orações destas ovelhas sem pastor.

Aqui evidencia-se um exemplo claro de abnegação: importar-se com o próximo a ponto de compadecer-se de sua dor. O maior exemplo, sem dúvida, foi Cristo, que, ao habitar entre nós, viveu uma vida de serviço e amor altruísta em prol da humanidade (Mc 10:45). Sobre isso, White (2004, p. 143) escreve:

Unicamente os métodos de Cristo trarão verdadeiro êxito no aproximar-se do povo. O Salvador misturava-se com os homens como uma pessoa que lhes desejava o bem. Manifestava simpatia por eles, ministrava-lhes às

necessidades e granjeava-lhes a confiança. Ordenava então: “Segue-me” (Jo 21:19).

Em consonância com esse pensamento, Addison (2011, p. 92) esclarece a dinâmica das conversões nos primeiros séculos da era cristã:

As conversões cristãs seguiram redes de relacionamento. Missionários frequentemente mostravam o caminho, mas seus ministérios focavam em fazer contatos iniciais com os membros de um grupo social. Uma vez que algumas pessoas de dentro fossem convertidas, elas se tornavam a chave para a propagação do Evangelho para todo o restante da rede social, enquanto o missionário fazia um papel mais de apoio.

Nota-se que o cuidado com o outro faz toda a diferença. E o cuidado consigo mesmo? Se o missionário não estiver bem em todos os sentidos, como poderá realizar a obra para a qual foi chamado? Cuidar da saúde em todos os aspectos faz parte dos requisitos para o sucesso – inclusive a emocional, já que o choque cultural pode trazer muitas sequelas quando não se sabe agir diante de situações inesperadas. Mas o que é choque cultural, afinal? De acordo com Doss, (2011, p. 95) é: “uma frustração psicológica originada de situações desconhecidas e expectativas não correspondidas em uma nova cultura.”

Subentende-se que possuir pessoas de confiança – independentemente da proximidade geográfica – com quem compartilhar experiências é de extrema relevância. Tal necessidade decorre, fundamentalmente, do fato de que, em diversas localidades, o sentimento de solidão e outras instabilidades emocionais podem ser de difícil gestão. A organização eclesial dispõe de psicólogos incumbidos de zelar pela saúde emocional dos missionários em missões regulares de longo prazo. Contudo, visto que o acesso direto a tais profissionais não contempla todas as modalidades de serviço, torna-se indispensável estabelecer uma rede de apoio para o compartilhamento de

vivências e a busca por aconselhamento e intercessão. Sobre esse ponto, White (2007, p. 606) escreve:

O Senhor formou o homem para ter companhia, e é seu desígnio que sejamos imbuídos da mesma bondosa e amável natureza de Cristo e, pela associação, sejamos ligados uns aos outros, em íntimo relacionamento, como filhos de Deus, trabalhando para o tempo e a eternidade.

Evidencia-se a suma importância de discernir o que é imprescindível para a viagem, pois há locais com características muito específicas, o que exige certos tipos de cuidados, objetos e medicamentos. Um dos conteúdos mais abrangentes sobre essa temática, que já tive contato, encontra-se no capítulo 27 do livro *Passaporte para a Missão*, com o tema *Dicas para a viagem*. A referida seção aborda diversos pontos fundamentais que auxiliarão o missionário a precaver-se contra adversidades e a manter a segurança em situações imprevistas. Recomenda-se, portanto, a leitura integral desse material.

Abordaram-se, até este ponto, diversos aspectos essenciais para a missão — tanto na fase preparatória quanto durante sua execução. No entanto, o período subsequente à missão também pode representar um desafio e, por conseguinte, requer preparo. Doss (2013, p. 243) afirma: “Quanto mais tempo você passar no exterior e quanto melhor for sua adaptação nesse lugar, mais agudos serão os sintomas do choque cultural reverso quando voltar para casa.”

Visto que a readaptação à terra natal é necessária, enfrentar o retorno de forma positiva pode viabilizar o processo. Este momento não constitui, necessariamente, um ponto final; pode representar um intervalo entre experiências futuras e uma oportunidade para o aprimoramento técnico ou espiritual. Além disso, a missão estende-se à pátria de origem, onde é possível oferecer testemunho e motivar outros indivíduos ao serviço. Sobre esse aspecto, Westphal (1978, p. 133) relata a conversa de Ana com seu esposo:

O presidente do campo disse que há oitenta e quatro igrejas que ele deseja que você visite e fale do trabalho de Deus no Amazonas e nos Andes. Diz que nosso povo necessita ouvir essas histórias, pois isto fortalece a fé dos membros. Assim, darão mais ofertas para as missões, e os jovens se sentirão inspirados a ir para os campos missionários.

A aceitação, não implica, necessariamente, a reação de não sofrer com a partida do campo missionário; afinal, experiências missionárias impactam profundamente a vida do missionário e, então, por extensão, o campo missionário em si. Sobre essa experiência comum aos missionários, Westphal (1978, p. 131) escreve:

Para Ana e seu marido foi como se lhes partisse o coração deixar a pequena casa de cedro na clareira junto à praia do vasto Amazonas, e dizer um adeus definitivo a rapazes e moças que viveram em seu lar e se tornaram missionários, e às crianças que Ana havia trazido ao mundo.

Nota-se que há um caminho a ser trilhado desde o chamado até o retorno à pátria de origem. Nesta caminhada, há um trabalho árduo, passos a serem considerados e renúncias – tudo colocado no altar do maior Missionário que o mundo conheceu: Jesus Cristo. Após isso, haverá também histórias de bênçãos para contar!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se que o olhar para a missão deve estar, primordialmente, na aceitação do convite de Cristo para buscar nossos irmãos onde quer que Ele mandar. Compreendeu-se, também, que o interesse e a disposição, por si sós, são insuficientes.

Cristo preparou seus discípulos para, posteriormente, enviá-los; eles receberam instruções sobre o povo que deveriam alcançar, as atividades que desempenhariam (como curar e realizar milagres), os itens necessários para a jornada e até mesmo como portar-se diante da aceitação ou rejeição de sua mensagem (Mt 10:5–15). Torna-se evidente que a preparação não é facultativa – constitui o dever de todo o jovem que almeja seguir os passos de Cristo como seu discípulo na contemporaneidade.

Diante da crescente busca pela missão transcultural, especialmente por parte da juventude, é imperativo que novos estudos sejam realizados, visando demonstrar a necessidade de treinamentos acessíveis a todas as modalidades de missionários, uma que vez tal preparação ainda não é uma realidade plena, sobretudo para as missões de curto prazo.

Que este seja somente o início de um movimento que antecederá a segunda vinda de Jesus.

REFERÊNCIAS

- ADDISON, S. **Movimentos que mudam o mundo**. Curitiba: Esperança, 2011.
- DOSS, C. et al. **Passaporte para a missão**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2013.
- SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- SILVA, T. E. A. da. **Qual é a minha função no corpo de Cristo**: um guia simples para a descoberta dos dons espirituais e ministérios. Ponta Grossa, PR: Editora e Gráfica Lagoa Dourada, 2014.
- WESTPHAL, B. **Aventuras nos Andes e Amazonas**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1978.
- WHITE, E. G. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- _____. **Mensagens aos jovens**. Santo André, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1985.
- _____. **Mente, caráter e personalidade**, v. 1. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2014.
- _____. **Mente, caráter e personalidade**, v. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.
- _____. **O colportor evangelista**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 1999.
- _____. **Serviço cristão**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.

08

Filosofia de liderança e visão de discipulado para as novas gerações

Sempre houve preocupação em relação à espiritualidade e futuro dos jovens. Hoje, com toda mudança cultural trazida pela revolução tecnológica em curso, os pais e os líderes da igreja ficaram ainda mais apreensivos acerca da vida religiosa da juventude. É nesse contexto que este trabalho se propõe a oferecer embasamento teórico sobre a filosofia de liderança e a visão de discipulado aplicadas às práticas do ministério jovem adventista. Busca, ao mesmo tempo, proporcionar clareza para o desenvolvimento desse ministério e contribuir para o exercício da liderança na América do Sul. Mais do que fornecer respostas prontas, este estudo pretende provocar nos líderes uma avaliação honesta de suas próprias competências e estimular a criatividade e a inovação nas comunidades locais.

Os fundamentos filosóficos são o DNA da liderança, na medida em que todas as demais competências estão assentadas neles. A filosofia influencia o desenvolvimento do líder, a construção do seu caráter, a formação de seus hábitos e as verdadeiras intenções que movem a sua liderança. Seja você um filósofo ou um cientista, um pregador ou um professor, um político ou um burocrata, cada pessoa lida com um determinado estado de espírito definido pelas cosmovisões que adotou ao longo da vida. É possível identificar a cosmovisão que mais agrada, mas não é possível abraçar cosmovisões conflitantes como base simultânea do pensamento e da ação, pois isso inevitavelmente gera confusão e caos.

A maneira como os líderes enxergam o mundo está diretamente ligada à cultura em que foram criados ou estão inseridos. A cosmovisão, portanto, diz respeito aos pressupostos mais profundos de cada pessoa, e esses pressupostos influenciam radicalmente todos os aspectos da vida: padrões de pensamento, comportamento, relacionamentos e até a forma de liderar. Embora seja possível revisar conceitos e opiniões ao longo do tempo, a formação de um líder não é meramente o resultado do contato com novos conhecimentos sistematizados – é a soma de todas as filosofias, teorias, conceitos e leis com que ele teve contato ao longo de sua trajetória. É por meio dessa cosmovisão, construída ao longo do tempo, que o líder pensa, sente, age e interpreta a realidade.

O melhor caminho para o desenvolvimento contínuo do líder é manter a mente e o coração abertos para novos conhecimentos. É impossível abandonar completamente uma cosmovisão construída ao longo de uma vida; é possível, contudo, estar disposto a aprender e a reaprender, a mudar de opinião e a incorporar o novo quando necessário. Sendo assim, este estudo foi estruturado em três partes: a primeira aborda a definição de filosofia; a segunda apresenta os conceitos de cosmovisão e visão de mundo; e a terceira constrói uma visão de discipulado no contexto do ministério jovem adventista.

FUNDAMENTOS FILOSÓFICOS

Os líderes precisam conhecer os fundamentos filósofos, pois sobre eles que se edificam as suas competências. Para Alaby (2009, p. 23), “os líderes devem amar a sabedoria, refletir sobre cada aspecto da vida diária, e o questionamento sobretudo deve ter a finalidade do bem supremo da vida abundante para todos”. Ademais, Pegoraro (2001) compreende a filosofia como a ciência dos princípios e causas, o amor pelo saber e, mais especificamente, ela é responsável pela investigação das causas e efeitos. Em sentido mais amplo, o *Minidicionário da língua portuguesa* define filosofia como o:

conjunto de estudos teóricos sobre os princípios fundamentais do conhecimento, pensamento e atos humanos, integrado numa doutrina ou sistema; conjunto de doutrinas, pensamentos filosóficos de certo autor, escola, período ou país; sistema de princípios que explicam ou sintetizam determinada ordem de conhecimentos: filosofia social; sistema de diretrizes para a conduta da vida prática: filosofia popular; capacidade de suportar os problemas com serenidade e firmeza; sabedoria (Rodrigues, 2006, p. 127).

Nessa perspectiva, Hryniewicz (2011, p. 17) afirma que a filosofia pode ser compreendida como “uma proposta de reflexão crítica da realidade. Uma

tentativa de obtenção de um conhecimento global e totalizante do homem no mundo, dentro de uma fundamentação racional”. Knight (2001, p. 15), em seu clássico *Filosofia & Educação*, identifica três aspectos para uma melhor compreensão da filosofia: uma atividade, um conjunto de atitudes e um corpo de conteúdo. Esses aspectos se traduzem em quatro disposições fundamentais: o autoconhecimento, entendido como exercício de exame interior; a visão ampla, que implica considerar todas as partes e possibilidades de uma questão; a perspicácia, expressa pelo desejo de exercer habilidade, agudeza e finura de percepção; e a flexibilidade, que consiste na sensibilidade e na abertura para novas possibilidades. Juntas, essas disposições formam a base sobre a qual o líder constrói sua compreensão da realidade e orienta sua ação.

OS PILARES FUNDAMENTAIS DA FILOSOFIA

A filosofia se organiza em torno de três categorias fundamentais: a metafísica, a epistemologia e a axiologia. Cada uma delas corresponde a um conjunto distinto de perguntas que o ser humano se coloca diante da realidade.

A metafísica é o ramo da filosofia que lida com a essência e a natureza da realidade, formulando perguntas como: o que é real? Existe um propósito e um projeto no universo? Existe livre-arbítrio? A epistemologia, por sua vez, estuda os métodos, as estruturas e a validade do conhecimento com vistas a alcançar a verdade, interrogando: de onde vem o conhecimento? O que é verdadeiro? Em que medida o sujeito que conhece participa do processo do conhecimento? A verdade é permanente ou mutável? Já a axiologia ocupa-se dos julgamentos éticos e morais, investigando o que deve ser feito, quais são os valores que orientam a conduta humana e o que é o bem; ela engloba também a estética, relacionada ao conceito de beleza, e às perguntas sobre como fazer julgamentos daquilo que se vê, ouve e toca.

Como observou Knight (2001, p. 15), “o conteúdo da filosofia é mais bem compreendido à luz de perguntas do que à luz de respostas. Pode até ser dito que a filosofia é o estudo das perguntas”. Essa perspectiva é corroborada por Gaarder (1999, p. 25), para quem “o melhor meio de se aproximar da filosofia é fazer perguntas filosóficas: Como o mundo foi criado? Será que existe

uma vontade ou um sentido por detrás do que acontece? Há vida depois da morte? Como responder a estas perguntas? E, principalmente: como se deve viver?”. Tais questões não são meramente abstratas, visto que, para o líder cristão, elas tocam diretamente na forma como este conduz pessoas e exerce seu ministério.

COSMOVISÃO E VISÃO DE MUNDO

O termo “cosmovisão” é uma tradução da palavra alemã *Weltanschauung*, comumente traduzida por “modo de olhar o mundo” (*welt*: mundo; *schauen*: olhar). Para Wolters (2015), esse termo tem a vantagem de ser claramente distinto de “filosofia” (ao menos no alemão) e de ser menos enfadonho do que a expressão “visão do mundo e da vida”. Ao que tudo indica, o primeiro uso do conceito se deu com Immanuel Kant (1724–1804), na *Crítica da faculdade do juízo*, onde designava a capacidade humana de perceber a realidade sensível. No idealismo e romantismo alemão, o termo passou a ser amplamente empregado “para designar um conjunto de crenças que fundamentam e moldam todo o pensamento e toda a ação humana” (Sire, 2004, p. 22).

Sire (2004) define cosmovisão como um comprometimento, uma orientação fundamental do coração, que pode ser expressa como uma narrativa ou como um conjunto de pressuposições – que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas – que detemos, consciente ou inconscientemente, sobre a constituição básica da realidade, e que provê o fundamento sobre o qual vivemos, movemos e possuímos nosso ser. Noebel (2006, p. 4), de modo mais direto, afirma que cosmovisão “se refere a qualquer conjunto de ideias, crenças ou valores que forneçam uma estrutura ou mapa para ajudar você a compreender Deus, o mundo, e seu relacionamento com Deus e com o mundo”. Por fim, Geisler e Bocchino (2003, p. 15) recorrem a uma metáfora esclarecedora: “cosmovisão é semelhante a uma lente intelectual através da qual enxerga-se o mundo. Se alguém olha através de uma lente vermelha, o mundo lhe parece vermelho. Se outro indivíduo olha através de uma lente azul, o mundo lhe parece azul”.

Assim, uma cosmovisão carrega no seu interior “conceitos que lhe são próprios e que permitem não apenas a leitura ingênua de uma realidade, mas a conformação desta, à luz da interpretação dada, pelo modo como essa leitura vai sendo gerada, construída e legitimada” (Domingues, 2012, p. 273). Numa imagem complementar, Souza (2006, p. 41) descreve a cosmovisão como funcionando “como um compasso ou um mapa, que nos orientaria quanto ao mundo em geral, dando-nos sentido do que está certo ou errado na confusão dos eventos e fenômenos que confrontamos, afetando a forma como acessamos os eventos da vida”.

A ideia de cosmovisão como mapa é particularmente rica: um mapa fornece coordenadas, gera sensação de segurança, confiança e estabilidade e, ao mesmo tempo, delimita fronteiras e espaços conquistados, conferindo movimento e dinamicidade. Grupos específicos podem, assim, conviver com outras cosmovisões sem se sentir ameaçados. Para o líder do ministério jovem adventista, ter uma cosmovisão clara equivale a dispor de um instrumento para coordenar ações e orientar as decisões relativas ao discipulado dos jovens. Sem esse mapa, como sustenta Noebel (2006), a incoerência torna-se uma ameaça constante, fragilizando qualquer caminho escolhido. Por isso, comprometer-se com uma cosmovisão, na avaliação de Sire (2004, p. 21), “é um passo significativo na direção da autoconsciência, do autoconhecimento e do autoentendimento”.

É possível que alguns líderes, num primeiro momento, considerem perda de tempo refletir sobre filosofia de liderança e cosmovisão. Parar para discutir como se forma a compreensão de mundo pode soar como algo reservado a quem não tem responsabilidades práticas urgentes. Nietzsche, no entanto, afirmou que “nada aprisiona o homem mais do que suas convicções” – e ele estava certo. É a crença em determinadas ideias e ideais éticos que leva o líder a agir ou a se omitir em prol de uma causa. A crença interior, expressão muito próxima do que se entende por cosmovisão, é o que leva o líder a seguir certos caminhos e ignorar outros, a agir de forma louvável ou repreensível. Daí se pode imaginar o risco de uma cosmovisão equivocada na liderança dos jovens adventistas.

A cosmovisão adventista está fundamentada na revelação divina, registrada nas Escrituras Sagradas (Jo 17:17). Como destacou o pastor Elias Brasil, diretor do Instituto de Pesquisa Bíblica da Sede Mundial da IASD, essa cosmovisão se articula na grande narrativa que vai da criação, descrita nos primeiros capítulos de Gênesis, até a nova criação, apresentada em Apocalipse 21 e 22. Entre esses dois polos se desenrola o grande conflito cósmico entre o bem e o mal, no qual o Deus criador e redentor trabalha para resgatar definitivamente a humanidade do poder e dos efeitos do pecado. Essa é a única “macronarrativa” que responde de forma coerente às questões existenciais que têm intrigado e angustiado o ser humano ao longo da história.

CONSTRUÇÃO DE UMA VISÃO DISCIPULADORA NO MINISTÉRIO JOVEM

O líder do ministério jovem adventista precisa ter uma visão clara do que é discipulado e de como aplicá-lo antes de iniciar qualquer ação prática. Agir sem essa clareza equivale a multiplicar esforços que não resultarão no propósito essencial do discipulado, que é a multiplicação de vidas transformadas. Um ministério jovem desprovido de visão discipuladora nunca gerará jovens espiritualmente maduros e comprometerá tanto o crescimento da igreja quanto a expansão do reino de Deus.

Ao percorrer as Escrituras, o imperativo “ide e fazei discípulos” emerge com uma das preocupações centrais da igreja primitiva. O apóstolo Paulo expressa isso de maneira clara ao dizer a Timóteo: “E o que você ouviu de mim na presença de muitas testemunhas, isso mesmo transmita a homens fiéis, idôneos para instruir a outros” (2 Tm 2:2). Essa mesma preocupação fundamenta o presente estudo, que pretende oferecer bases para a construção de uma cosmovisão sobre discipulado de jovens nas igrejas locais.

Na Bíblia, de modo geral, discípulo é aquele que, como aluno ou seguidor, segue o ensinamento de outro, especialmente de um professor público. Entre os hebreus, no antigo testamento, discípulo era a tradução de *talmidim* e indicava aqueles que seguiam algum rabino específico e sua escola de pensamento. Já no Novo Testamento há várias palavras que se referem a discípulo

ou discipulado. Uma delas é *akoloutheo*, a qual “indica a ação de um homem que responde ao chamado de Jesus, e cuja vida recebe novas diretrizes em obediência”. Outra palavra é *opiso*, e pode ser traduzida como “ir atrás de alguém”, significando “participar da comunhão, da vida e dos sofrimentos de Cristo”. Entender o discipulado como “ir atrás de alguém” nos faz compreender que o autêntico discípulo de Jesus não pode nem deve olhar para trás, como se lembrasse ou fosse refém das experiências do passado. Sua vida deve ser vivida na perspectiva do futuro ao lado de Deus, sem considerar nem valorizar demasiadamente as coisas que ficaram para trás.

O principal vocábulo grego traduzido como discípulo é *mathetes*, usado nos evangelhos para referir-se a um seguidor e aprendiz de Jesus, comprometido com Ele. Nos tempos bíblicos, uma pessoa era considerada *mathetes* quando se vinculava “a outra pessoa a fim de adquirir seu conhecimento prático e teológico”. E essa pessoa podia ser aprendiz num ofício, um estudante de medicina ou um membro de uma escola de filosofia. O fundamental era que o *mathetes* só existia na presença de um *didaskalos*, um “mestre” ou “professor”. Assim, a figura do discípulo remete sempre a alguém que segue a Cristo.

É verdade que existem diversas maneiras de segui-Lo – alguns são seguidores mais contemplativos e filosóficos, ao passo que outros são mais ativos e dinâmicos. No entanto, uma ideia era clara e consensual entre os primeiros cristãos: não deveria haver diferença entre ser discípulo e ser cristão. Em João, *mathetes* é frequentemente empregado para expressar proximidade e compromisso com Cristo (Jo 8:31; 13:35; 15:8), tornando “discípulo” sinônimo de cristão. Como afirmou Bonhoeffer (2016), “o discipulado significa adesão a Cristo [...]. O cristianismo sem o Cristo vivo é inevitavelmente o cristianismo sem discipulado, e o cristianismo sem discipulado é o cristianismo sem Cristo”.

CARACTERÍSTICAS QUE DEFINEM OS JOVENS NESTA GERAÇÃO

Para guiar os jovens com eficácia, é indispensável conhecê-los. A Geração Z apresenta um conjunto de traços que a distingue das anteriores e que o líder precisa levar em consideração ao estruturar sua atuação pastoral. Esses jovens têm forte tendência a se destacar do restante, valorizando a singularidade

e a expressão individual. São mais pragmáticos e independentes do que a geração anterior e cresceram como nativos digitais: para eles, um mundo sem conexão constante é simplesmente desconhecido. Representam a geração mais diversificada da história e, por essa razão, são altamente valorizados por empreendedores e organizações que buscam inovação. Cresceram sem uma rede de segurança social consolidada e, por isso, não têm medo de mudança ou de riscos – o que explica sua identificação com empresas disruptivas como Uber, Google e Facebook, que superaram modelos tradicionais de negócio. Seus pais lhes transmitiram uma visão realista, e não necessariamente otimista, da vida. No contexto adventista, um dado relevante: os jovens entre dezesseis e trinta anos representam 30,9% dos membros da igreja na América do Sul, o que evidencia a centralidade estratégica desse grupo para o futuro da denominação.

Bill Hull, pesquisador com foco no discipulado e crescimento de igrejas, afirmou que fazer discípulos é o trabalho principal e exclusivo da igreja (Hull, 2006). Parafrazeando o autor, pode-se dizer que fazer discípulos é também o trabalho principal e exclusivo do ministério jovem adventista. O ministério jovem tem como missão levar os jovens a um relacionamento salvífico com Jesus e ajudá-los a aceitar seu chamado ao discipulado. Um jovem que não for adequadamente discipulado enfrentará sérias dificuldades no amadurecimento espiritual. Por isso, aqueles que lideram jovens devem trabalhar de forma intencional nesse processo, mantendo o foco em alguns eixos fundamentais.

O discipulado é, antes de tudo, orientado para Jesus – não para qualquer outra pessoa ou programa. Jesus é o modelo de formação na vida de cada jovem adventista, o referencial pelo qual se avalia o crescimento rumo à maturidade espiritual. Ele envolve tanto o mundo interior quanto o exterior do discípulo: cada jovem deve consolidar a visão do reino de Deus em sua própria vida – em tudo o que é e faz – bem como na comunidade onde está inserido. O discipulado é, também, artesanal e pessoal. Envolve a transmissão de vida e, por essa razão, exige dedicação de tempo e energia. Os jovens raramente aprendem apenas ouvindo os mais velhos, mas nunca falham em imitar aqueles

que admiram – o que reforça a necessidade de líderes que sejam, de fato, modelos a seguir.

O discipulado envolve ainda evangelismo, batismo, formação espiritual e multiplicação. A multiplicação é a prova essencial do discipulado genuíno: a ordem de Cristo foi para que Seus discípulos reproduzissem em outros a vida que haviam encontrado nEle (Jo 15:8). Os discípulos devem ser ensinados a viver obedientemente à vontade de Deus, participando da missão divina de acordo com suas habilidades e de forma contextualizada. É importante distinguir, contudo, que discipulado não se confunde com mentoring. Ferramentas de desenvolvimento como o mentoring são valiosas para a formação de líderes, mas nunca podem substituir os pilares do discipulado bíblico. A tarefa principal do líder não é aumentar a frequência aos programas e reuniões do ministério jovem: a prioridade é multiplicar novos discípulos de Cristo em todos os cantos da cidade. O sucesso do ministério jovem não deve ser medido pela quantidade de pessoas presentes em um evento, mas pela quantidade de discípulos que saem para cumprir a missão. Nesse processo, o paradigma da vivência como discípulos deve ser simples, natural e intencional.

O discipulado é, em síntese, o relacionamento que o jovem desenvolve com Cristo para assimilar o Seu caráter. Como discípulo, o jovem aprende com Ele como viver a vida no Reino – como Cristo viveria se estivesse em seu lugar. O comportamento do jovem adventista vai sendo gradualmente transformado, e ele passa, cada vez mais, a fazer o que Cristo disse e fez. Hull afirmou que um discípulo é um seguidor de Jesus renascido no momento da salvação. Para o pesquisador, quando alguém decide seguir a Cristo, não deve haver nenhuma interrupção na jornada daquele ponto em diante. Como novo cristão, um indivíduo não dá um ‘segundo passo’ para se tornar discípulo. Em vez disso, embarca em uma jornada contínua de crescimento que passa pela infância, adolescência, vida adulta e vai até a maturidade espiritual. Discipulado significa, portanto, o estado de ser um discípulo.

A maior necessidade dos jovens dos dias atuais é de referências – líderes que inspirem pelo exemplo e sirvam de modelo a ser imitado. Não há discípulo sem mestre, e não é possível falar em discipulado sem uma referência concreta

de vida. O discipulador deve ser um mestre que acompanha os jovens no desenvolvimento físico, moral, social e espiritual. Eles não esperam líderes perfeitos, sabem que esses não existem, mas precisam que os líderes sejam honestos e autênticos na maneira de viver a fé cristã.

Outra necessidade premente é a integração intencional entre gerações, por meio do serviço mútuo, do compartilhamento de experiências e do aprendizado conjunto, tanto nas atividades principais da igreja quanto em seu programa de discipulado. É necessário que todos tenham consciência de que pertencem à mesma família – o corpo de Cristo. Vanderwell (2008) destaca que:

o trabalho conjunto das gerações é um componente necessário da formação saudável do caráter. Cada geração aprende com as demais. Desde que a formação da fé e do caráter seja uma preocupação essencial da igreja cristã, devemos ter como objetivo manter as gerações engajadas entre si, tanto nas atividades do ministério como no culto corporativo.

Uma pesquisa global realizada pela IASD revelou que 41% dos jovens adventistas que abandonaram a fé ao redor do mundo apontaram como causa principal a falta de amigos que os apoiassem na caminhada espiritual. As duas razões seguintes também estavam relacionadas à ausência de relacionamentos saudáveis na igreja. Esses dados demonstram que as estratégias institucionais e da igreja local devem favorecer a criação de comunidades que fortaleçam os vínculos relacionais. Entretanto, o discipulado não pode ser encarado apenas como uma estratégia relacional; antes de tudo, representa uma mudança de cosmovisão sobre a missão da igreja e sua relevância para as novas gerações. Os líderes precisam ser agentes de mudança – mentoreando, pregando, promovendo, ensinando e multiplicando a visão de discipulado na igreja local. As novas gerações são terreno fértil para esse processo e, por essa razão, é preciso investir tempo, recursos e criatividade no desenvolvimento de jovens discípulos comprometidos com a salvação e o serviço.

A BASE PARA O DISCIPULADO DOS JOVENS ESTÁ ESTABELECIDADA EM TRÊS PILARES

O discipulado dos jovens adventistas se sustenta em três pilares interdependentes. O primeiro é a comunhão, que consiste em fortalecer a vida espiritual do jovem por meio da devoção pessoal, da adoração e do ensino sistemático. O segundo é o relacionamento, que envolve inserir cada jovem adventista ativamente na vida comunitária, por meio da participação em um pequeno grupo ou unidade de ação. O terceiro é a missão, que corresponde ao engajamento dos jovens na missão da igreja, conforme a comissão evangélica de Atos 1:8.

A prioridade de Jesus deve ser também a prioridade do ministério jovem adventista. Basta observar o tempo que Ele dedicou ao ensino individual de Seus discípulos para encontrar uma direção clara. Após desenvolver uma visão discipuladora, o líder precisa compartilhá-la com sua equipe, evidenciando a importância do discipulado e os caminhos para aplicá-lo na prática. Em seguida, deve desafiar cada membro da equipe a investir tempo e energia nesse processo e oferecer oportunidades para que cada jovem discípulo se torne também um discipulador, fazendo da missão a parte mais significativa de sua vida.

Esse movimento de expansão pode ser compreendido a partir de quatro círculos concêntricos, nos moldes da estratégia descrita em Atos 1:8. Em Jerusalém, o princípio é simples: cada jovem buscando alcançar outro jovem – uma relação individual, um por um. Em Judeia, a ação se amplia por meio da Missão Calebe. Em Samaria, o horizonte se expande pelo programa Um Ano em Missão (OYIM). E Até Os Confins Da Terra, pelo Serviço Voluntário Adventista (SVA). Essas dimensões constituem um processo integrado de discipulado que abrange comunhão, relacionamento e missão, assegurando que os jovens avancem rumo à maturidade espiritual na igreja local.

O método de Cristo de fazer discípulos precisa ser a lente pela qual o líder enxerga o mundo ao seu redor. Se cada líder adotar essa perspectiva, o ministério jovem na América do Sul se tornará um canal de atração, desenvolvimento e restauração dos jovens para Cristo e Seu Reino. Como ressaltou Ellen G. White:

Cumpram-lhes ser achados leais e verdadeiros, obedientes a toda palavra de ordem, apresentando aos outros o mais elevado motivo de ação e mostrando-lhes as atrações do serviço de Cristo. Cumpram-lhes manifestar os louvores dAquele que os chamou das trevas para Sua maravilhosa luz (White, 2004, p. 150).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o tema tratado neste estudo seja necessariamente abrangente, é possível extrair dele algumas reflexões conclusivas de caráter prático e urgente. Liderar jovens exige um preço que não é barato: requer disposição genuína, comprometimento profundo com a causa, amor sincero pelos jovens, capacitação contínua e entrega total. Como evidenciado ao longo do trabalho, a maior necessidade dos jovens é de líderes modelos que os discipulem com autenticidade. Para alcançar esse objetivo, é necessário formar líderes preparados para influenciar essa geração, líderes que ousem novos métodos com linguagem atual sem abrir mão do essencial, e que encarem o discipulado individual e em pequenas comunidades como algo indispensável para um pastoreio intencional capaz de gerar transformação real.

O discipulado das novas gerações não pode ser tratado como uma tarefa meramente institucional. É, sem dúvida, um desafio coletivo da igreja, mas vai além disso: é uma responsabilidade pessoal e intransferível. O discipulado é artesanal e pessoal – não pode ser feito por atacado, por decreto ou por documento. Envolve poucas pessoas, encontros reais e vínculo genuíno. A maior marca do discípulo de Cristo é o amor (Jo 13:35), e quando esse dom de Deus se manifesta na vida de alguém, ele naturalmente transborda para outros. É por isso que o discipulado com as novas gerações só será efetivo quando o amor pelos jovens for maior do que os próprios interesses do líder.

REFERÊNCIAS

- ALABY, J. Líderes devem ser filósofos? *In*: MARINHO, R. M.; OLIVEIRA, J. F. (org.). **Liderança**: uma questão de competência. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2009.
- BONHOEFFER, D. **O custo do discipulado**. São Paulo, SP: Mundo Cristão, 2016.
- DOMINGUES, G. O impacto das cosmovisões na educação. **Revista Batista Pioneira**, Ijuí, n. 2, p. 271–281, dez. 2012.
- GAARDER, J. **O mundo de Sofia**: romance da história da filosofia. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1999.
- GEISLER, N.; BOCCHINO, P. **Fundamentos inabaláveis**. São Paulo, SP: Editora Vida, 2003.
- HRYNIEWICZ, S. **Para filosofar**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ: Lumen Juris, 2011.
- HULL, B. **The complete book of discipleship**: on being and making followers of Christ. Colorado Springs, CO: NavPress, 2006.
- KNIGHT, G. **Filosofia e educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2001.
- NOEBEL, D. **Understanding the times**. Manitou Springs, CO: Summit Press, 2006.
- PEGORARO, O. **Ética é justiça**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- RODRIGUES, D. **Minidicionário Larousse da língua portuguesa**. São Paulo, SP: Larousse, 2006.
- SIRE, J. **Dando nome ao elefante**: cosmovisão como um conceito. Brasília, DF: Monergismo, 2004.
- SOUZA, R. Cosmovisão: evolução do conceito e aplicação cristã. *In*: LEITE, C.; CARVALHO, G.; CUNHA, M. (org.). **Cosmovisão cristã e transformação**. Viçosa, MG: Ultimato, 2006.
- VANDERWELL, Howard (ed.). **The church of all ages**: generations worshiping together. Herndon, VA: The Alban Institute, 2008.
- WHITE, E. **Filhos e filhas de Deus**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- WOLTERS, A. O que é cosmovisão? Disponível em: http://www.monergismo.com/textos/cosmovisao/cosmovisao_wolters.htm. Acesso em: 21 maio 2026.

Adoração e sua relevância nas novas gerações

O dilema em torno da liturgia e do culto predomina no contexto das novas gerações. Por meio deste trabalho, propõe-se investigar a diferença existente entre a adoração propriamente dita e os elementos que são parte inerente dela. Para isso, levar-se-á em conta o conceito bíblico histórico da adoração e sua introdução na relevância do culto na juventude. Ao comparar o pensamento e a visão dos jovens, expressos em três pesquisas realizadas na União Argentina em diferentes momentos da última década, tentar-se-á descobrir como transformar o conceito de adoração em uma relação pessoal na vida dos jovens, esclarecendo a concepção muitas vezes equivocada de adoração na cultura da igreja.

Ao estudar sobre as novas gerações e especialmente sua relação com a liturgia da igreja, encontra-se certa resistência a uma adoração clássica e tradicional. Embora seja difícil definir a expressão “adoração” por tudo o que ela engloba e implica, há certos enunciados que auxiliam nessa tarefa: O que distingue a adoração de outras atividades realizadas pelo homem? O que define nossa adoração? Ou o que é adoração cristã?

Se partirmos da premissa de que a adoração deveria ser a resposta do homem à revelação de Deus, considerando as questões anteriormente mencionadas, este trabalho investiga de que maneira os jovens podem sentir a adoração como uma experiência real de relacionamento com Deus. Este estudo pretende ajudar a igreja a ter ferramentas para uma adoração genuína por meio do conhecimento do pensamento e da experiência dos jovens.

Um dos destaques do último quinquênio da igreja adventista na América do Sul é o trabalho, a compreensão e a aceitação das novas gerações. Por meio de programas e projetos, tentou-se criar um espaço de mudança para a juventude, sem alterar sua identidade cristã adventista. Embora houvesse um avanço nesse sentido, ainda existem divergências, principalmente sobre qual estilo de culto é apropriado e qual é a música que agrada a Deus. Por isso, ao limitar a adoração a apenas alguns dos elementos que a compõem, comete-se o erro de minimizá-la, impossibilitando o desfrute de uma vida de relacionamento com Deus. Diante disso, estabelecem-se aqui diretrizes

que esclareçam a concepção da adoração e sua relevância na comunhão. Para isso, deve-se começar definindo o próprio termo “adoração”.

ADORAÇÃO E SEU SENTIDO ETIMOLÓGICO

Kuen (1993, p. 57) indica que o termo “adorar” está presente mais de 170 vezes no Antigo Testamento, por meio da palavra *hawah*, que significa literalmente “inclinarse” e até mesmo “prostrar-se com o rosto no chão diante de alguém ou de uma divindade”, sendo um claro sinal de respeito à autoridade. Assim, adorar a Deus pressupõe reconhecer sua autoridade, sua superioridade, inclinar-se ante Ele, perceber a perfeição de Deus. Já no Novo Testamento, o termo mais comum para esta prática e similares é *proskuneo*, que carrega o mesmo significado do vocábulo hebraico.

Nesse sentido, a Bíblia emprega uma infinidade de termos que fazem referência ao que sentimos interiormente e à expressão desses sentimentos: exaltar, abençoar, regozijar-se em Deus, magnificar e glorificar. Todos os termos utilizados para a veneração sempre indicam a ideia de uma submissão respeitosa e de serviço perante Deus, reconhecido como infinitamente superior ao homem (Rodríguez, 2016).

Peterson (1992) questiona-se sobre o que é realmente adoração. A cada dia, ouve-se que o termo adoração é usualmente identificado com certas atividades religiosas públicas e dentro do templo, particularmente cantar hinos, fazer orações, ouvir sermões ou participar de ritos especiais da igreja. A Escritura indica em múltiplas ocasiões que uma relação genuína com Deus pode chegar a ser grandiosa na vida pessoal de oração e louvor (Macnutt, 1941, p. 20). A pergunta que surge ao ver essas definições é a seguinte: a adoração é essencialmente uma experiência ou um sentimento? É identificada por um especial sentido da presença de Deus ou por algum tipo de êxtase religioso?

Um começo tradicional na definição de adoração seria a observação do vocábulo em inglês, *worship*, que significa “atribuir toda a glória”, sugerindo que adorar a Deus é reconhecer e atribuir-Lhe toda a glória. Segundo Peterson (1992), o tema da adoração é central e significativo em toda a Bíblia, está presente desde Gênesis até Apocalipse.

ADORAÇÃO É UM ESTILO DE VIDA

De acordo com as definições enciclopédicas (Wikipédia, 2011), a adoração consiste em render culto ou reverência a um ser ou outro objeto considerado divino. Em outras palavras, podemos considerar a adoração uma atitude ou intenção do coração, sendo compreendida em muitas religiões como obediência ou servidão, cumprindo ordens e preceitos estipulados pela divindade.

Na antiguidade, a título de exemplo, a adoração ou obediência a certos deuses era considerada como um estilo de vida, marcado pelas ordenanças do deus. A religião se encarregava de estipular os limites cosmológicos, sociais e ideológicos. Em suma, era ela quem guiava o comportamento de cada cultura (Morraine, 1997). Por conseguinte, é possível considerar a adoração como um estilo de vida, não simplesmente um evento ou uma atividade corriqueira, diferenciando-o de forma especial daqueles que limitam o termo a um serviço litúrgico semanal. Assim sendo, se a adoração é um estilo de vida, uma escolha, e não uma mera atividade privada de nossos sentimentos, como poderíamos dizer que funciona?

ADORAÇÃO É UMA RELAÇÃO

Carson (1993), em sua obra *Worship Adoration and Action* (Adoração, Adoração e Ação), apresenta a ideia de que adoração tem a ver com o relacionamento entre Deus e os Seus seres criados. Em outras palavras, quando se fala em adoração, se fala em um companheirismo com Deus, e não dos elementos que a constituem. Na realidade, esse companheirismo é o que faz com que esses elementos sejam possíveis.

Nessa mesma ordem, Webber (1992) apresenta princípios fundamentais para a adoração¹, lembrando que a Bíblia fornece diretrizes genéricas, mas não estipula gêneros ou estilos exatos – até porque o conceito de “secular *versus* sagrado” não existia no pensamento hebraico antigo. Para o autor, a adoração deve primariamente celebrar a Cristo e Sua obra redentora na cruz, sendo o Salvador o único digno dessa reverência. Além disso, a adoração fala e age

¹ A Bíblia apresenta princípios genéricos de adoração, mas não estipula nem gêneros nem estilos. A música, por exemplo, é um dos muitos e importantes elementos da adoração. De fato, o conceito de divisão entre o secular e o sagrado não existia no pensamento hebraico.

fora do culto, rompendo limitações temporais para ser uma prática diária. É um ato em que Deus fala e age, expressando-Se na vida do adorador por meio de uma comunicação constante que constrói a comunidade de fé. Webber (1992) também pontua que, ao adorarmos, respondemos ativamente a Deus com gratidão pelo que Ele faz. Essa resposta deve ser visível, demonstrando ao mundo aquilo que proclamamos. Por fim, ressalta-se que toda a criação desfruta do ato de adorar, não deve ser um evento forçado, mas algo que nasce do coração, tornando-se um verdadeiro caminho de vida em que servimos a Deus em nossos trabalhos, famílias e relações.

Seguindo na mesma linha de pensamento, Kreider (1990, p. 21) analisa a adoração como algo pessoal e, embora reconheça seus aspectos teológicos e sociais, ela a vê primariamente como uma relação direta entre a pessoa e o Criador. Para que exista uma relação, deve haver um encontro. A pessoa disposta pode encontrar-se com Deus em diferentes circunstâncias, como em um belo pôr do sol, na segurança diária, na música ou na amizade. Assim, a adoração consiste nesse encontro no qual se estabelece a relação que permite captar o caráter de Deus para refletirmos Seus propósitos. Cabe pontuar que, quando falamos das novas gerações, uma de suas características é a de escutar e seguir aqueles em que confiam (os chamados influenciadores); logo, na adoração, o jovem é convidado a fazer um autêntico exercício de confiança.

Para Burrill (2007), a verdadeira adoração define-se como obediência a Cristo em cada ato da vida. Não é algo feito apenas uma vez por semana, mas uma atividade de engajamento integral. Paulo detalha essa teologia declarando: “Portanto, irmãos, pelas misericórdias de Deus, peço que ofereçam o seu corpo como sacrifício vivo, santo e agradável a Deus. Este é o culto racional de vocês” (Rm 12:1). Segundo o apóstolo, a igreja não se reúne para adorar a Deus, mas adora a Deus em tudo o que faz. As pessoas adoram quando vão à igreja simplesmente porque isso já faz parte de suas vidas. Por conseguinte, é um equívoco referir-se à principal atividade eclesial como “serviço de adoração”, pois tal conceito a distorce e a reduz. Essa ideia restritiva provém da Idade Média, época em que o verdadeiro significado de obediência de vida foi deixado de lado, afastando-se do modelo da igreja cristã primitiva

– cujas comunidades funcionavam em lares, à semelhança dos nossos atuais pequenos grupos.

Assim, há uma clara conexão de pensamento entre os diferentes autores ao apresentarem a adoração como uma relação e uma resposta baseada em um encontro íntimo.

ADORAÇÃO É CENTRAR-SE EM DEUS

A verdadeira adoração está centrada inteiramente em Deus. Geralmente, as pessoas tendem a focar em *onde* devem adorar, *que* música devem cantar na adoração e *como* a adoração se parece para outras pessoas. Focar nessas coisas faz com que percamos completamente o essencial (Pease, 1967). Jesus nos diz que os verdadeiros adoradores adorarão a Deus em espírito e em verdade (Jo 4:24). Isso significa que adoramos com um coração transparente. A adoração pode incluir oração, leitura da Palavra de Deus com um coração aberto, cânticos, participação da comunhão e serviço aos outros. Não está limitada a uma única ação, mas é feita apropriadamente quando o coração e a atitude da pessoa estão focados em Deus. A verdadeira adoração não está confinada a cantar na igreja ou ao louvor aberto (embora essas coisas sejam boas e a Bíblia nos recomende fazê-las), mas é o sincero reconhecimento de Deus e de todo seu poder e glória nas coisas que fazemos, de modo que Ele seja o centro em tudo².

Igualmente, Scham (1962) estabelece uma comparação entre a adoração dos crentes e dos não crentes; para estes últimos é uma derivação de experiências motivadas por sentimentos e imaginação humana; geralmente sua adoração é um mero ato religioso nominal. Em contrapartida, para os crentes a adoração está centrada em Deus; o Ser reverenciado é aquele que se revela ao homem por meio de seu amor e sua bondade, fazendo da adoração um ato de fé. A religião não requer conhecimento ou experiência com Deus, é apenas uma expressão de sentimentos humanos. Em contrapartida, a fé demanda conhecimento dos propósitos de Deus e uma experiência genuína.

² Em João, capítulo 4, a palavra adoração é mencionada dez vezes, e são apresentados pelo menos quatro princípios sobre ela: 1) Não há um local específico para a adoração (João 4:20-21); 2) Devemos conhecer a quem adoramos, ter uma relação (João 4:22); 3) A adoração é espiritual, adorar em espírito (4:23); 4) A adoração deve ser verdadeira (4:23-24).

ADORAÇÃO E NOVAS GERAÇÕES

Uma vez esclarecido o significado da palavra adoração, é necessário considerar como executá-la de tal modo que as novas gerações se sintam incluídas, parte da igreja. Uma das características das gerações atuais é seu gosto pela transparência e sua paixão pela missão. Curiosamente, eles não separam a missão da adoração. De fato, o problema de associar o “bom” apenas com o tradicional, rejeitando o contemporâneo e criando assim uma tensão na igreja, não é propriedade das novas gerações.

Os jovens entendem muito claramente que todos temos uma missão. O problema é que muitas vezes cometemos o erro de desconectar o louvor ou a adoração dessa missão. Queremos que nossos jovens compareçam à igreja, mas muitas vezes eles não são considerados durante a elaboração do culto. Segundo Mendes (2019), as pessoas vêm à igreja para serem capacitadas, com o propósito de fazer uma diferença fora dela de segunda a sábado. Contudo, muitos, depois de viver a rotina semanal em 2019, ao entrar pelas portas da igreja, sentem que foram transportados para o ano 1973, porque se encontram em um lugar que se recusa a mudar, que não moderniza suas formas ou até mesmo seu aspecto.

A renovação não consiste apenas em atualizar a área multimídia ou transformar o culto em um bom *show*, carente de ensino espiritual. Trata-se de alcançar uma geração exposta a mudanças permanentes, o que exige deixar de santificar aquilo que não é santo. Preocupa-se mais com as formas do que com as pessoas. O primeiro passo para alcançar a juventude é inovar: aprender a realizar adaptações atrativas sem colocar em risco os princípios e doutrinas. Nesse sentido, Leys (2017) ressalta que a parte mais importante de uma reunião nunca foi o culto, e muito menos a música, e disso as Novas Gerações se deram conta. Os jovens não se surpreendem com as telas e as luzes: fora da igreja há eventos muito melhor produzidos. Spotify e YouTube podem nos dar a experiência de ter boa música, grande produção e sermões milhares de vezes melhores dos que podemos ouvir na igreja; o que o virtual não provê é a experiência completa do que uma comunidade é. O mais importante de uma reunião são as relações, é estar juntos, é saber-se pertencente a algo maior.

Portanto, as características de uma igreja relevante para as novas gerações são exatamente as mesmas exigidas para qualquer outra geração, e essas devem ser as razões para as eventuais mudanças externas. Deve-se focar no que é verdadeiramente importante para que as inovações sejam genuínas, perdurem no tempo e não se tornem apenas modas passageiras. A esse respeito, Leys (2019) estabelece duas colunas fundamentais: a identidade e o relacionamento.

Ao falar de adoração, fala-se de identidade. Considerando que Jesus é o caminho para uma identidade saudável, cada indivíduo (independentemente de sua geração) necessita dEle. Se na comunidade a presença de Cristo é real, as pessoas se sentirão atraídas e, conseqüentemente, pertencentes a essa comunidade de adoradores (Valerga, 2019). Para alcançar essa identidade e esse sentido de pertencimento com Jesus no centro, a igreja deixará de prestar atenção a questões superficiais; passará a respirar graça e a valorizar as pessoas, eliminando críticas, condenações e julgamentos. Dessa forma, cria-se uma comunidade intergeracional onde todos se sentem valorizados e estabelecem vínculos permanentes (Leys, 2019).

Uma das maiores causas pelas quais os indivíduos, e especialmente os jovens, abandonam a igreja é justamente o fato de não se encaixarem no sistema de estruturas eclesiais e de não criarem vínculos que os enraizem. Por natureza, as novas gerações possuem uma luta intrínseca contra estruturas de poder e autoridade. Infelizmente, a igreja por vezes colocou a sua estrutura acima das almas. O desejo de alcançar todas as gerações exige um profundo interesse e amor pelas pessoas (Kinnaman, 2014).

Outra característica forte dos jovens é a busca contínua pela verdade. Essa busca faz com que a relação deles como adoradores seja mais pura, nobre e verídica. Na vida da juventude, ter a Jesus é tão urgente que a busca por autonomia e independência (típica do amadurecimento dos adolescentes) é, em seu aspecto mais profundo, uma busca por Cristo. Se uma igreja oferece a Palavra, concede direção e provoca a autonomia intelectual, ela torna-se uma comunidade relevante, pois responde a uma necessidade inerente a todos (Leys, 2019). Se os líderes cristãos se focarem em facilitar a convivência, a

amizade e a reconciliação, haverá congregações mais estáveis das quais todas as gerações desejariam fazer parte.

O temor de não conseguir alcançar os jovens devido às suas diferenças não deve paralisar a igreja. Deus é um Deus geracional, que sempre se conectou com a humanidade ao longo da história e deseja fazê-lo ainda hoje. A missão delegada à igreja é proclamar a mensagem a todas as pessoas, independentemente de serem da mesma geração que a liderança ou não. O aspecto interessante é que, embora a mensagem central da salvação seja a mesma, Deus utilizou diferentes métodos e elementos, a depender da audiência, da cultura, do ambiente e da época. Tanto Noé quanto Moisés, Jesus e os apóstolos, apresentaram a mesma mensagem, mas de maneiras flagrantemente diferentes³. Se Deus pôde adaptar-se ao tempo e às diferentes audiências, a igreja deve aprender a apresentar a mensagem no idioma cultural da juventude. Para isso, é preciso derrubar barreiras levantadas pela falsa premissa de que tudo o que é novo é mau e que o diferente do tradicional é pecado.

Atualmente, a juventude tem toda a informação ao alcance da mão. Por isso, enquanto o orador expõe o sermão, os jovens podem corroborar os dados por meio do celular e, inclusive, objetar ao apresentador apenas fundamentados no que leem na internet. As redes sociais e a internet transformaram-se nos moderadores do pensamento coletivo e nos principais provedores de informação (ou desinformação) para as massas, um papel que antes pertencia à televisão, ao rádio e ao jornal. As gerações *Millennial* e *Gen X*, juntas, contam hoje com a maior quantidade de informação na palma da mão que a humanidade já teve em toda a sua história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no que foi apresentado, é possível elencar algumas considerações fundamentais para a compreensão e a formulação de um culto relevante, especialmente voltado para as novas gerações. Inicialmente, é imperativo recordar que a adoração, em seu sentido bíblico, não se refere estritamente a um estilo ou gênero musical. Pelo contrário, ela representa um estilo de

³ Dos Santos, 2018. MBA Novas Gerações, notas de aula.

vida no qual todas as ações humanas são uma resposta direta àquilo que Deus fez pelo indivíduo. Esse estilo de vida deve ser fundamentado em uma relação vivencial de amor e fidelidade entre o adorador e o próprio Criador, transcendendo a limitação de um dia ou local específico para tornar-se uma prática diária.

Nesse sentido, o papel da igreja é prover as ferramentas necessárias para que os cultos coletivos sejam o ápice em que essa experiência se torne real e palpável, e não um ambiente desenhado exclusivamente para faixas etárias mais velhas. O grande desafio atual é proporcionar às novas gerações um culto que seja simultaneamente contemporâneo, atraente e capaz de promover uma verdadeira conexão espiritual. Para isso, os encontros devem incorporar elementos que façam os jovens se sentirem integrados, acolhidos, ouvidos e levados em consideração, permitindo-lhes construir sua identidade e fortalecer seus vínculos relacionais dentro da comunidade de fé.

Por fim, como desdobramento desta investigação, surgem questionamentos pertinentes que abrem oportunidades para estudos futuros mais aprofundados. Torna-se necessário refletir se as congregações estão efetivamente preparadas para introduzir mudanças litúrgicas e metodológicas que tornem os cultos mais atrativos, bem como avaliar a possibilidade de identificar e eliminar certas estruturas e tradições que acabam diminuindo o interesse e o foco nas pessoas. Além disso, questiona-se até que ponto a membresia possui consciência real da urgência de incorporar as novas gerações em seu corpo ativo e, sobretudo, como promover um culto que seja relevante para esse público mais jovem sem que isso produza uma ruptura litúrgica e relacional com as demais gerações já estabelecidas na comunidade.

REFERÊNCIAS

- BURRILL, R. **A igreja revolucionada do século XXI**. Florida: Associação Casa Editora Sudamericana, 2007.
- CARSON, D. **Worship: adoration and action**. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1993.
- DOS SANTOS, L. **Ética e filosofia cristã**. Notas de aula do curso de pós-graduação: MBA em Liderança com Ênfase no Estudo das Novas Gerações. 2018.

- KINNAMAN, D. **Geração perdida**: Por que os jovens estão abandonando a igreja e repensando a fé. Pompeia, SP: Universidade da Família, 2014.
- KREIDER, E. **Enter his gates**: Fitting worship together. Waterloo, Ontario: Herald Press, 1990.
- KUEN, A. **El culto en la Biblia y en la historia**. Barcelona, Espanha: Editorial CLIE, 1993.
- LEYS, L. **Liderazgo generacional**. Dallas, TX: E625, 2017.
- LEYS, L. A igreja do século XXII. **Líder 625**, edição XII, ano 3, n. 3, p. 5-9, 2019.
- MCNUTT, W. **Worship in the Churches**. Philadelphia, PA: The Judson Press, 1941.
- MÉNDEZ, C. Uma igreja relevante em um mundo de mudanças. **Líder 625**, edição XII, ano 3, n. 13, p. 21, 2019.
- MORRAINE, J. **The Importance of Worship**. Gilbert, AZ: Vineyard Christian Fellowship, 1997.
- PEASE, N. **And Worship Him**. Nashville, TN: Southern Publishing Association, 1967.
- PETERSON, D. **Engaging with God**: A Biblical Theology of Worship. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1992.
- RODRÍGUEZ, Á. **Worship, Ministry, and the Authority of the Church**. Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2016.
- SCHAM, B. **The Church in Worship**. Grand Rapids, MI: Baker Book House, 1962.
- VALERGA, S. **Una iglesia que abraza a las nuevas generaciones**. Dallas, TX: E625, 2019.
- WEBBER, Robert. **Worship Is a Verb**: Celebrating God's Mighty Acts of Salvation. Nashville, TN: Star Song Publishing Group, 1992.

Sete características fundamentais para uma igreja intergeracional na Igreja Adventista do Sétimo Dia na Argentina

Este trabalho busca responder quais são as características fundamentais para uma igreja saudável e seu desenvolvimento intergeracional. E prover uma ferramenta prática de diagnóstico, e ao mesmo tempo, que sirva de orientação para a aplicação daqueles que assumam o desafio de transformar sua realidade, em especial no contexto das Igrejas Adventistas da Argentina.

Pretende-se oferecer uma lista, não exaustiva, mas prática, dos elementos que constituem o fato de determinar se uma igreja é intergeracional. Compreendendo que muitas vezes essa transformação a nível local não ocorre, não por falta de boa vontade, mas pela ausência de informação e ferramentas para sua aplicação.

LIDERANÇA REPRESENTATIVA

Para que a igreja local seja saudavelmente intergeracional, é preciso que os líderes (pastor, anciãos, membros da junta diretiva) visualizem a necessidade de integrar significativamente as novas gerações (NG) na liderança.

Assim o propõe Christine Ross (2006) em sua tese doutoral, de acordo com a pesquisadora, O ministério intergeracional ocorre quando uma congregação traz intencionalmente as gerações juntas para servir, compartilhar ou aprender de forma mútua dentro das atividades principais da igreja, a fim de que vivam sendo a família de Deus e o corpo de Cristo, um com o outro e com a comunidade maior.

É interessante notar que as NG têm características que podem ser capitalizadas no crescimento da igreja porque elas valorizam a liderança compartilhada e a interação com outros companheiros de trabalho; apreciam a oportunidade de dar sua opinião e ser levadas em conta, admiram a quem os lidera sem autoritarismo enquanto são autênticos.

Partindo da base de que se necessitam líderes que abracem as NG e as integrem, John Maxwell (2000), sistematiza 21 qualidades indispensáveis de um líder onde aparecem, entre outras, o compromisso com a causa, a comunicação assertiva, a escuta ativa, a atitude positiva e proativa e o aprendizado contínuo.

Assim como o apóstolo Paulo escreve ao jovem pastor Timóteo: “Ninguém o despreze pelo fato de você ser jovem” (1 Tm 4:12), a escritora Ellen White

(2008, p. 231) nos anima no mesmo sentido: “Leve os jovens a sentir que eles merecem confiança, e poucos haverá que não procurarão mostrar-se dignos dessa confiança”.

Para pensar

As NG estão integradas em minhas comissões de indicação? Veem-se refletidas na Junta diretiva da Igreja? Opinam acerca da administração da igreja? Tomam parte ativa das decisões? Os líderes de igreja participam das convenções de líderes para as NG?

LINGUAGEM INTEGRADA

Uma igreja que tem uma linguagem integrada, onde todos entendem o que está sendo expresso é vital para a saúde intergeracional.

É necessário lembrar a definição de linguagem como a faculdade do ser humano de se expressar e se comunicar com os demais através do som articulado ou de outros sistemas de signos. Toda ação que exprima algo aos demais está vinculada à linguagem.

O semiólogo francês Roland Barthes dizia que há linguagem na fotografia, na moda, e em toda expressão humana, inclusive as artísticas. Por isso, em todo lugar onde possamos identificar um signo, há linguagem. Naturalmente, as igrejas estão extremamente carregadas de signos, desde a arquitetura, a vestimenta, o estilo musical, as formas litúrgicas, e claro, as palavras que são pronunciadas.

Outra característica marcante da linguagem é constante mudança. Ela se transforma e vai tomando outros matizes e significados com o passar do tempo. Isso gera um impacto na comunidade de fé porque um signo tinha certas conotações para uma geração, que já não as tem para as NG.

Por isso é essencial que a comunicação seja composta por palavras e conhecidas por todos os grupos etários da igreja. É importante evitar a linguagem denominacional, entendendo que haverá visitantes que não conhecem tais gírias próprias do contexto religioso. Por sua vez, a adaptação da linguagem e maneiras de comunicar envolve o uso de novos signos, como a tecnologia.

Por outro lado, a igreja almeja ser um espaço de aprendizado, e ter instâncias para que todos possam aprender, através da linguagem em suas próprias capacidades e habilidades específicas. Existem quatro maneiras distintas pelas quais os seres humanos aprendem: visual, auditivo, escrito e cinestésico.

Para que todas as pessoas possam ter um aprendizado significativo é necessário contemplar todos os aspectos: telas, vídeos, áudio, recursos didáticos que permitam sublinhar, realçar e realizar mapas conceituais e inclusive atividades que requeiram movimento.

Para pensar

A igreja tem uma linguagem que integra a todas as gerações? As pessoas que chegam pela primeira vez podem entender e desfrutar de tudo o que se faz e diz na igreja? A forma de compartilhar integra os distintos estilos de aprendizado e suas características? Usam-se distintas linguagens dentro da igreja?

LITURGIA AMIGÁVEL

No concílio quinquenal da Igreja Adventista na América do Sul, foi expressa a necessidade de desenvolver um culto de adoração mais dinâmico, e que se comunique de maneira eficiente com a geração atual e reconheceu-se a influência da tecnologia no ritmo da vida atual, que gera mentes inquietas, e a necessidade de um culto de adoração mais direto e inspirador. Isso levou à determinação de envolver diferentes gerações da igreja na adoração e incluir as novas tecnologias no culto.

Se tivéssemos que definir culto e liturgia, Fernando Canale (2019) o expressa da seguinte maneira: culto define um estado interno da consciência humana e liturgia designa formas e rituais objetivos fora da consciência humana. Além disso, ele destaca a necessidade de que Cristo seja o centro real, ativo e vivo de atração, cumprindo assim o predito por Jesus em João 12:32: “quando for levantado da terra, atrairei todos a mim mesmo”.

Considerando a preocupação em atender as necessidades das NG através do culto e da liturgia, deve-se: apresentar uma mensagem bíblica, conhecer o

público de maneira próxima, manter-se atualizado, utilizar a tecnologia, ser autêntico e contar histórias. Dessa forma, apresentaremos a verdade que não muda, mudando a forma de apresentar a verdade.

Lembramos as palavras do Salmo 22:30–31: “A posteridade servirá a ele; gerações futuras ouvirão falar do Senhor. Virão e proclamam os seus feitos de justiça; a um povo que ainda não nasceu contarão o que ele fez”.

Para pensar

Levamos em consideração as NG em nosso culto? Quão fortes são as tradições denominacionais que permeiam o culto? Quais aspectos de nossa liturgia podemos reestruturar sem afetar a essência da adoração?

LUGARES E AMBIENTES

É importante considerar que as necessidades e ferramentas úteis ao aprendizado são distintas de acordo com a idade e o tipo de pessoa. Portanto, são necessários diferentes espaços para o desenvolvimento de uma igreja intergeracional.

Frequentemente esquecemos da importância e do papel que o espaço desempenha para o aluno. Por isso, apresentamos alguns aspectos a se considerar sobre os lugares e espaços físicos de nossos templos, em especial vinculados ao aprendizado de novas gerações. Deveria ser um lugar acolhedor e agradável, com características funcionais para os objetivos, versátil e utilizável por outros grupos, com identidade e personalidade própria. Um lugar estimulante e dinâmico, que permita conectar pessoas, com mobiliário adaptado a idades, sempre buscando uma boa iluminação e acústica que favoreça o aprendizado. Além disso, a adaptação tecnológica dos espaços é essencial para auxiliar no ensino.

Também é essencial que o espaço contemple as necessidades de pessoas idosas ou com mobilidade reduzida. Uma igreja intergeracional deve cuidar desde os menores até os adultos maiores. Todos são importantes e necessitam de espaços adequados.

Aqui poderíamos enumerar: salas de crianças, salões multiuso, pátio para atividades lúdicas e esportivas, banheiros adaptados para as distintas realidades e necessidades, a distribuição do templo, para que todos possam desfrutar das atividades, opções alternativas para quem não pode subir escadas etc.

Para pensar

A igreja tem espaços adequados para todos? São os espaços propícios para o aprendizado e as medidas de segurança necessárias para todas as gerações da igreja? Os lugares da igreja favorecem a integração e uma vivência em comunidade para os membros? Há espaços que favoreçam a integração intergeracional e o discipulado de geração em geração?

LIMITES BEM ESTABELECIDOS VERSUS LIBERDADE DE ADAPTAÇÃO

Equilíbrio é uma palavra muito utilizada no trabalho com as NG, entretanto, na prática, a interação com diversos padrões e atores acaba produzindo algumas tensões. A fim de evitar tais atritos, há uma regra de proporção razoável que pode ser utilizada: os princípios baseados na Bíblia, que transcendem cultura, tempo e lugar, devem ser mantidos e imutáveis, são os pilares fundamentais do Reino de Cristo. Já os formatos que adaptam a mensagem sem, contudo, remover sua essência, que estão relacionados com tradições culturais, podem ser sensivelmente adaptados e alterados.

Carlos Campitelli expressa que precisamos avaliar nossa forma de transmitir o evangelho. O autor propõe a necessidade de voltar à construção conversacional e comunitária, sendo mais indutiva que expositiva.

Nessa tensão que se vive entre as gerações, torna-se necessário desenvolver a criatividade. Dentro da competência 9, do curso de liderança para o Ministério Jovem, desenvolveu-se o conceito de inovação e criatividade, tendo como objetivos gerar um ambiente propício para ambos os elementos, incentivando o surgimento de ministérios ao serviço da comunidade, sendo intencionais na hora de alcançar outras pessoas para o Reino de Deus. Nesse sentido soma-se a força, energia e criatividade das NG e a experiência e

sabedoria dos líderes maduros, alcançado, assim, a inovação focada no cumprimento da missão.

Não deve haver regras fixas. Nossa obra é progressiva, portanto, deve haver espaço para que os métodos sejam melhorados. Porém, sob a direção do Espírito Santo, a unidade deve e será preservada.

Para pensar

Até onde estou disposto a negociar com as NG? Quais são os limites que não posso cruzar nessa negociação? Como podem nossas tradições nos separar da geração anterior/seguinte?

LAÇOS SIGNIFICATIVOS

É importantíssimo para uma igreja saudável cultivar laços e vínculos afetivos saudáveis. Entende-se por vínculo afetivo aquele que une duas pessoas através do amor e da empatia. Portanto, opera a nível interpessoal e tem correlatos emocionais (sentimentos de carinho), cognitivos (valoração positiva da pessoa amada) e condutais (proteção, cuidado etc.).

Uma igreja intergeracional é aquela onde há vínculos e laços que unem a todas as gerações entre si, formando uma rede de apoio e sustentação uns com outros, facilitando o processo do discipulado.

Entende-se que o discipulado é um processo de acompanhamento no qual, através de uma relação pessoal, consegue-se moldar no discípulo as virtudes do caráter de Jesus. Dessa forma, a igreja cresce, forma líderes, e cria uma comunidade de fé e apoio onde todos são valiosos e importantes e onde todos podem colaborar.

A presente geração juvenil carrega feridas que devemos ajudar a curar. Porém, não é com sermões que conseguiremos os melhores resultados. Estar “aí”, ao lado deles, faz uma grande diferença para sanar seus golpes internos, reorientar valores alterados por alguma experiência da infância ou imagens corrompidas que necessitam ser reedificadas.

Além das diferenças geracionais, as NG necessitam de vínculos e laços positivos que apoiem e fortaleçam sua vida através de “estar aí”, ao lado deles.

Isso ocorrerá tanto entre aqueles da mesma idade, quanto mais novos ou mais velhos.

Podemos mencionar que, dentro dos vínculos mais importantes e valiosos que a igreja necessita fortalecer, está o da família. Ellen White (2005, p. 46) diz: “Pais e mães: Cada manhã e noite, reúnam os filhos ao redor de si, e com humilde petição elevem a Deus o coração, suplicando-Lhe auxílio. Seus queridos acham-se expostos à tentação. Contratemos diários atravessam o caminho dos jovens e idosos. Os que quiserem viver vida paciente, amorosa e alegre, precisam orar. Só recebendo auxílio constante de Deus, poderemos alcançar a vitória sobre o próprio eu”.

Em resumo, a importância e valor dos laços significativos é incalculável. Por isso a importância de ter escolas sabatinas ativas e participativas, pequenos grupos para todas as idades, clube de desbravadores e aventureiros, projetos de interação e missão, culto familiar, cultos que fortaleçam os vínculos, e espaços recreativos nas dependências da igreja, que propiciem encontros intergeracionais para o fortalecimento desses vínculos.

Para pensar

Tem minha igreja instâncias de fortalecimento dos vínculos, entre colegas e entre gerações? São as famílias de minha igreja famílias de laços fortes e que apoiam a identidade da igreja? Estão sendo os vínculos, uma oportunidade para o discipulado e crescimento de todos?

LEGADO DISCIPULADOR EM MISSÃO

Outra característica fundamental a ser avaliada em nossa igreja local tem a ver com o legado transmitido às NG em relação ao discipulado e o cumprimento da missão.

Gonçalves especifica que não podemos apenas focar em uma geração, concentrando-se no eu e no agora (estatísticas, números, finanças, reconhecimento) mas edificando o reino desde agora pensando em um legado.

Sergio Valerga expressa que a maneira de integrar as NG tem a ver com ser intencionais no compromisso assumido como igreja, compartilhando uma

mensagem relevante, sendo criativos ao transmitir as verdades bíblicas. Por outro lado, resta a pergunta: como poderão crescer em responsabilidade se não lhes confiamos responsabilidades? Por isso a necessidade de delegar responsabilidades às NG.

Com isso em mente, surge o conceito de mentor, que, de alguma maneira, representa a necessidade de transmitir à nova geração os princípios que são parte da identidade adventista transcendental. Entende-se por mentor uma pessoa com maior experiência que acompanha outra em sua formação integral.

Por outro lado, Cortez propõe que esse processo está relacionado a trazer Cristo para a vida jovem como um agente de restauração e reconciliação, transformando o indivíduo num construtor do Reino de Deus. Entendemos que aqui é necessário que o mentor compartilhe de maneira vivencial os princípios bíblicos transversais que permeiam a vida cristã e anime o jovem a compartilhar com outros essa visão que transcende o tempo e as fronteiras.

O ministério para jovens não é e não deve ser orientado por eventos, mas por processos. Isso significa inseri-los em um processo em que eles aprendam a não ter medo de dar tudo, inclusive a vida, por Jesus.

Para pensar

As NG estão envolvidas no cumprimento da missão? Nos diferentes ministérios da igreja temos NG integradas ativamente? Existem projetos que permitam interação das diferentes gerações?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa identificou sete características-chave, denominadas os “7L”, fundamentais para uma igreja intergeracional saudável nas Igrejas Adventistas da Argentina. Esses aspectos abrangem liderança representativa, linguagem integrada, liturgia amigável, ambientes adequados, limites bem estabelecidos frente à liberdade de adaptação, laços significativos, e um legado discipulador em missão. Além disso, a análise revela que a implementação efetiva dessas características é crucial para integrar as Novas Gerações (NG) na vida eclesial.

Uma liderança que fomente a participação ativa das NG, uma linguagem e liturgia adaptadas, e a criação de espaços inclusivos são essenciais para uma igreja que não apenas atrai, mas que também retém a todas as gerações. Igualmente, enfatiza-se que os vínculos afetivos e um enfoque no discipulado são fundamentais para construir uma comunidade de fé unida e comprometida.

Por esses motivos consideramos importante a comunicação desses aspectos nas igrejas locais, para ser analisado e fomentado.

REFERÊNCIAS

- BARTES, R. Elements de sémiologie. **Communications**, 4, Recherches semiologiques, 93. 1964.
- CAMPITELLI, C. Apoio aos jovens. **Ação Jovem**, 29. 2022.
- CANALE, F. Princípios de adoração e liturgia. **Memrah**, 1, 49. 2019.
- ESPAÇOS MESTRES**. La importancia del espacio para el aprendizaje. 2018. Disponível em <https://espaciosmaestros.com/la-importancia-del-espacio-para-el-aprendizaje/>. Acesso em: 4 abr. 2026.
- FONSECA, O. O púlpito das novas gerações. **Revista Ministério**, 1, 14–15, 2016.
- GONCALVES, M. El discipulado es un proyecto generacional. **Moisés Gonçalves**, 2017. Disponível em: <https://moisesgm.blogspot.com/2017/02/el-discipulado-es-un-proyecto.html>. Acesso em: 4 abr. 2026.
- GONZÁLEZ, S. ¿Qué son los vínculos afectivos y cómo se construyen?. **La mente es maravillosa**, 2024. Disponível em <https://lamenteesmaravillosa.com/que-son-los-vinculos-afectivos-y-como-se-construyen/>. Acesso em: 4 abr. 2026.
- LEYS, L. **El ministerio juvenil efectivo**. Miami, FL: Vida Publishers, 2003.
- LEYS, L. **Projeto Discipulado**. Flower Mound, TX: E625, 2020.
- MAXWELL, J. **As 21 Qualidades Indispensáveis de um Líder**. Caribe-Betania Editores. 2000.
- OLIVERA, S. **Gerações: Encontros, desencontros e novas perspectivas**. Curitiba, PR: Interage Editora, 2016.
- ORTIZ, F. **Cada joven necesita um mentor**. Flower Mound, TX: E625, 2017.
- ROSS, C. **A Qualitative Study Exploring Churches Committed to Intergenerational Ministry**. 2006.
- VALERGA, S. Uma igreja que abraça as novas gerações. **E625**, [s. d.]. Disponível em <https://e625.com/una-iglesia-que-abraza-a-las-nuevas-generaciones/>. Acesso em: 4 abr. 2026.

VARK. VARK Modalities: What do Visual Aural Read/write & Kinesthetic really mean?. [s. d.]. Disponível em <https://vark-learn.com/introduction-to-vark/the-vark-modalities/>. Acesso em: 4 abr.

WHITE, E. **Educação.** Ellen G. White Estate, Inc., 2008.

WHITE, E. **Evangelismo.** Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Testemunhos para a igreja,** vol. 7. Ellen G. White Estate, Inc., 2005.

Apreciação sobre as motivações dos jovens da Divisão Sul-Americana adventista entre 18 e 30 anos para servir como missionários religiosos voluntários

Motivar indivíduos ao serviço missionário religioso voluntário (MRV) ainda é uma questão que não encontra respostas simples. Ou, dever-se-ia dizer que simples é a resposta, mas complexa a execução. Afinal, razões para a atividade missionária existem aos montes: salvar pessoas do pecado com urgência, ser fiel à missão que Jesus nos confiou, melhorar a vida do próximo etc. Esses aspectos motivacionais e altruístas devem ser a essência pela qual as pessoas se dispõem a dedicar um período de suas vidas a trabalhar única e exclusivamente pelos demais. Entretanto, se o objetivo é envolver grande quantidade de pessoas, rapidamente percebe-se que somente a intenção altruísta não é suficiente.

Deve-se também considerar que as propostas missionárias estão em constante competição com as necessidades laborais, acadêmicas, recreativas e tantas outras que precisam ser postergadas (ou de todo abandonadas) em prol da missão.

Portanto, o objetivo desta pesquisa foi investigar quais são as tendências e fatores que inclinam a balança para que jovens deixem tudo e decidam ser missionários religiosos voluntários. Descobrir o que motiva os jovens a fazer missão pela primeira vez possibilitará um melhor direcionamento dos convites e apelos. Assim, será possível também melhorar os projetos missionários, desenvolvendo um conteúdo que contemple todas as expectativas, tanto da administração que os organiza, quanto dos voluntários que participam.

A motivação para esta pesquisa surge da própria realidade de sentir vontade de ser missionário, motivado pela expectativa de conhecer lugares novos. Referido interesse, após a primeira missão, mudou e tornou-se muito mais altruísta, abandonando a razão inicial – que não desapareceu, mas já não era prioridade.

Dessa forma, responder à pergunta: “que fator motiva mais jovens a começarem a missão?”, permitirá melhor foco.

NA ROTA DOS PIONEIROS

As biografias de cristãos que, ao longo da história, deram suas vidas para levar a mensagem são uma ferramenta útil para esta pesquisa. Nelas, temos

dados históricos que revelam a progressão das motivações que levam os fiéis à missão voluntária.

Nessas biografias, notam-se três coisas: a urgência por pregar, o anelo por servir aos e o anseio de que nenhuma pessoa no mundo fique sem conhecer a fé cristã. Diante de tão belos relatos e motivações tão nobres, surge a pergunta: os jovens, nesse mundo tão agitado de hoje, continuarão tendo as mesmas motivações para cumprir o voluntariado missionário, ou este se realiza por outras razões, menos altruístas?

Uma análise dessas narrativas pode lançar um vislumbre nas razões que primeiro motivaram os pioneiros a levar a mensagem a diversos lugares.

William Carey, por exemplo, prolífico tradutor das Escrituras e fundador das missões na Índia, desenvolveu seu desejo de ser missionário a partir de um chamado direto de Deus, segundo seu testemunho pessoal. Essa forma de adotar a missão não é muito convencional, mas pode ser uma motivação externa e pontual, exercida pelo chamado da divindade.

Já Madre Teresa de Calcutá, inquestionável missionária cristã do século 20, narra que, desde muito jovem, tinha uma admiração pelos missionários cristãos que iam à Índia pregar. Vemos nela que sua motivação surge a partir de um modelo referente que a impulsiona a sonhar. Já em uma idade um pouco mais avançada, imergiu no mundo do serviço religioso e dedicou sua vida por completo, seguindo os passos daqueles missionários que admirava.

A história da igreja adventista também está repleta de histórias de missão inspiradoras. O caso mais emblemático talvez seja o da irmã White; Pode-se dizer que ela foi uma missionária transcultural apenas quando viveu na Austrália, mas é inegável que foi uma missionária incansável por todo o território dos Estados Unidos da América do Norte. A motivação dela, antes de seu chamado como profetisa, foi a convicção doutrinária e ideológica do breve regresso de Jesus, transmitida por Guilherme Miller. Novamente percebe-se a importância de um mentor como modelo e, por sua vez, a força de um encontro pessoal com Deus para a decisão de ser missionário.

Um personagem mais contemporâneo – e não tão conhecido, mas não menos esforçado – é o colportor Jack Zacarias. Esse homem era sumamente comprometido em deixar literatura até nos lugares mais gelados da América do Norte. Zacarias tinha muita convicção no poder da literatura para mudar vidas, a tal ponto que, em vários momentos, colocou sua vida em perigo para chegar a casas onde a mensagem de salvação era necessária. Sua motivação, similar às anteriores, era o forte desejo de compartilhar com outros a certeza de um Deus real, amigo e poderoso, que está disposto a salvar o ser humano e conduzi-lo no caminho da vida.

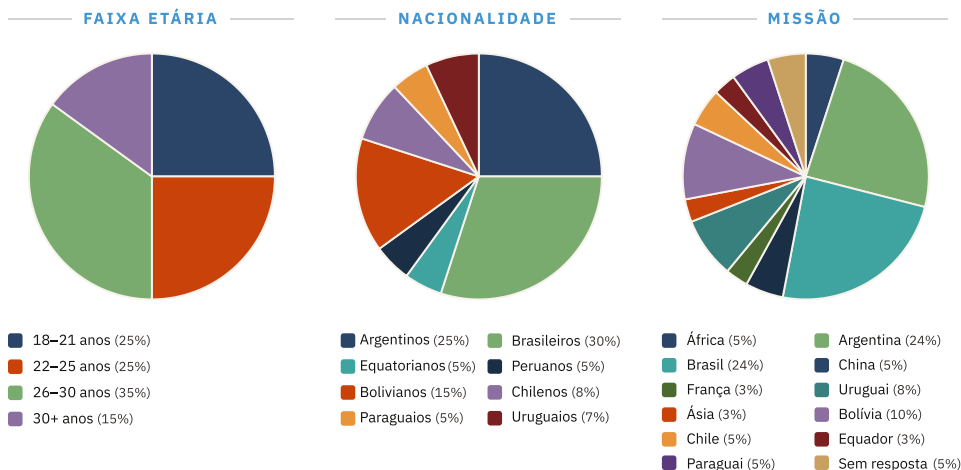
Esses exemplos esclarecem algumas coisas. Primeiro: independente da motivação inicial, quando o missionário se encontra com Jesus, só anseia que outros também o conheçam e lhe entreguem sua vida. Segundo: o exemplo dos líderes e o modo como enfatizam a missão será uma semente que germinará e despertará nos jovens o desejo de serem missionários. Terceiro: o encontro pessoal com Jesus é importante para que o anseio pela missão perdure. Há diversas razões que leva o jovem à primeira missão, contudo, caso não tenham um encontro pessoal com Cristo, o desejo de apresentá-LO a outros não se tornará a principal motivação, e logo o ânimo se esfriará.

A pergunta é: como motivar jovens a serem missionários e levá-los a ter uma experiência única, as motivações iniciais serão substituídas pela motivação correta?

Se, por meio desta pesquisa, for possível vislumbrar o que motiva o jovem de hoje, será possível descobrir como motivar uma nova geração de futuros patriarcas. Para obter as informações necessárias, foi feita uma pesquisa com jovens missionários.

A PESQUISA E SEUS RESULTADOS

A pesquisa foi estruturada com oito perguntas, e realizada com 100 pessoas. As primeiras perguntas visavam estabelecer o perfil dos entrevistados: idade, país de origem e país em que fez o trabalho missionário:



A pesquisa foi aleatória, porém, percebe-se que os entrevistados têm idades aproximadas, o que delimita um espectro equilibrado. Delinear as nacionalidades permitiu observar quantos jovens realizaram a atividade missionária fora de seu país, apontando para a experiência transcultural como motivação adicional relevante. Ao cruzar essas duas perguntas, percebemos os seguintes dados:

- 14 pessoas já realizaram missões em três países diferentes;
- 3 pessoas realizaram missões em dois países diferentes;
- 4 pessoas realizaram missão em outro continente;
- 46 pessoas realizaram missão em um país diferente do seu ao menos uma vez.

Esses dados indicam que deixar a zona de conforto para ir a lugares distantes é uma motivação significativa – embora talvez não a mais importante – na vida de um jovem que quer ser missionário.

Após delimitar o perfil dos missionários e sua respectiva missão, a pesquisa inquiriu a respeito dos interesses que levavam os voluntários a realizar essa tarefa. As respostas indicaram três razões principais:

- 92% dos entrevistados marcaram a missão evangelística como a primeira motivação escolhida;

- 76% escolheram servir ao próximo, ficando como a segunda opção mais votada;
- Com 50% dos votos, em terceiro lugar: conhecer pessoas e lugares.

Essa pergunta revela que a principal motivação continua sendo o dever missionário, sujeito à grande comissão deixada por Cristo de pregar a toda tribo, nação ou língua. Essa motivação caminha de mãos dadas com o serviço ao próximo, que está em segundo lugar – também um aspecto muito ligado ao pedido de Cristo de servir aos mais necessitados. Podemos citar especialmente Mateus 25.40: “E respondendo o Rei, lhes dirá: Em verdade vos digo que, quando o fizestes a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes”. Nessa fala, Jesus faz referência ao juízo final, momento em que ele determinará quem lhe pertence como filho. Uma das características destes que aceitaram Jesus é cuidar dos mais necessitados. Sem dúvida, todo missionário tem o desejo de servir e manifestar sua característica servil de filho de Deus.

Finalmente, a terceira opção – mas não menor –, indica o desejo de conhecer lugares novos. Essa resposta confirma as conclusões que desdobradas das perguntas anteriores. O desejo do missionário de cumprir referida tarefa em terras estrangeiras é uma motivação profunda. Talvez essa motivação esteja sujeita ao mandato de Cristo de pregar o evangelho não apenas na proximidade do lugar onde se vive, mas também até os confins da terra (Mt 28:19).

A fim de refinar os resultados, foram feitas mais duas perguntas a respeito das motivações. A primeira permitia apenas uma resposta, cuja maioria indicou “A missão de pregar o evangelho”. Novamente voltamos a entender que, sem importar a época atual – onde distamos muito daqueles momentos dourados da fé dos pioneiros –, nossos jovens continuam movidos pelo espírito evangelístico: o desejo de conseguir novos fiéis em cada canto do planeta, igrejas por toda parte e, sobretudo, ver Jesus voltar os move a serem os missionários que Deus e o mundo necessitam nestes tempos.

A outra pergunta mais uma vez deu três opções de motivação, porém, distintas da pergunta anterior. O resultado foi:

1. Missão evangelística;
2. Servir ao próximo;
3. Conhecer lugares e pessoas novas.

É interessante notar que o resultado foi praticamente o mesmo, confirmando a missão evangelística como a principal motivação, o serviço como segundo grande motor para o voluntariado e, em terceiro lugar, o anseio de viajar e pregar em lugares distantes ao local de residência permanente.

CONCLUSÕES FINAIS

Ao ler livros impactantes como *Os missionários no novo reino de Granada*, *O contrabandista de Deus*, biografias de colportores ou evangelistas e tantos outros relatos de missionários, o indivíduo sente-se comovido a força espiritual dessas pessoas.

Isso nutre a esperança de que os jovens de hoje ainda marquem a história como esses missionários de outrora. Contudo, como líderes de uma nova geração, devemos capitalizar nossos esforços em promoção para contagiar e cativar cada vez mais jovens com o espírito missionário.

Portanto, diante dos resultados da pesquisa e dos exemplos tomados de biografias sobre missionários que nos deixaram relatos incríveis, podemos considerar alguns aspectos. Antes de tudo, não podemos pensar que a única forma de convocar jovens à causa é o sentido missionário evangelístico. Devemos abrir nossa mente e entender que o desejo de conhecer pessoas de outras culturas e lugares novos e distantes é um forte atrativo. Talvez, à primeira vista, não seja a principal fonte de motivação, mas o desejo de levar a missão a lugares recônditos e distantes é uma motivação poderosa.

Como líderes, devemos ser astutos. Este artigo propõe explorar com maior profundidade as possibilidades de direcionar nossa publicidade aos jovens, mostrando-lhes o atrativo da pregação, a gratificação do serviço – mas sem deixar de fora o prazer de levar a missão e o serviço a lugares distantes, onde conheceremos pessoas que nos enriquecerão de uma maneira única e incomparável, onde receberemos tanto quanto estamos dispostos a dar.

Esperamos poder estimular a exploração de novas formas de tornar atramente a atividade missionária voluntária e, em breve, ter um exército de jovens bem-preparados proclamando em todo o mundo a mensagem de um Salvador crucificado, ressurreto e próximo a vir (White, 2008).

REFERÊNCIAS

- BOHNER, O. **Nadeau**: Las Aventuras de Jack Zacarías: un “hereje” en las tierras de América del Norte. Buenos Aires, FO: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2009. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0B9lcWV6KTmNlcUtjd2xUaTRlWk0/edit?resourcekey=0-JDKf1h8Ujkg-4TKK6UKI-0w>. Acesso em: 7 maio 2026.
- CLUCAS, J. **Mother Teresa**. Nova Iorque, NY: Chelsea House Publishers, 1988.
- DOUGLASS, H. **Mensageira do Senhor**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2003.
- FORDER, A. **Ventures among the Arabs**: in Desert, Tent, and Town: Thirteen Years of Pioneer Missionary Life with the Ishmaelites of Moab, Edom, and Arabia. Boston, MA: W. N. Hartshorn, 1905.
- GREENLEAF, F. **Terra de esperança**: o crescimento da Igreja Adventista na América do Sul. Tatuís, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2011.
- HARRISON, A. **A. M. Mackay**: Pioneer Missionary of the Church Missionary Society to Uganda. Londres: Kessinger Publishing, 2007.
- JACOBI, Yolanda M. **África**: tierra de milagros. Florida, BA: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2014.
- MATEO, J. Fernando Sainz y el inicio del catolicismo en Taiwán (1859-1869). **Anuario de historia de la iglesia**, vol. 24, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/355/35542301012.pdf>. Acesso em 7 maio 2026.
- MOSQUERA, A. Misiones, misioneros y bautizos a través del Atlántico: evangelización en Cartagena de Indias y en los reinos del Kongo y Ngola. Siglo XVII. **Memoria y Sociedad**, v. 18, n. 37, 2014. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/pdf/meso/v18n37/v18n37a02.pdf>. Acesso em: 7 maio 2026.
- PIERPOINT, R. **Uganda for Christ**: The Life Story of the Rev. John Samuel Callis B.A., of the Church Missionary Society. Londres, GB: Ulan Press, 1898.
- SAMPER, S. **Los misioneros**. Bogotá: Imprenta de Silvestre y Compañía, 1880. Disponível em: https://catalogoonline.bibliotecanacional.gov.co/client/es_ES/search/asset/57890. Acesso em: 7 maio 2026.

TUA, S. Destierro, desconsuelo y nostalgia en la crónica del P. Manuel Uriarte, misionero de Maynas (1750–1767). **Apuntes**, vol 20, n. 1, 2007. Disponível em: <https://revistas.javeriana.edu.co/index.php/revApuntesArq/article/view/9019>. Acessado em: 7 maio 2026.

VALENZUELA, E. Kerigma: preguntas teóricas en torno a la primera evangelización de América (Antillas, 1510–Nueva España, 1524). **História crítica**, n. 58, 2015. Disponível em: <https://repositorio.uchile.cl/bitstream/handle/2250/136121/Kerigma.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 7 maio 2026.

WHITE, E.. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

O problema do conflito de gerações em relação à música na IASD

A música, de modo geral, passou por grandes transformações ao longo dos anos. Seja ela secular ou sacra, os estilos musicais estão sempre variando e acompanhando as mudanças da sociedade. Tanto no judaísmo quanto no cristianismo a música sempre foi considerada uma das principais formas de adoração a Deus. O problema surge quando a discussão se refere ao estilo musical que mais agrada a Deus. Essa discussão é antiga e consistente, tanto no judaísmo quanto no cristianismo. E se a especificação for um pouco mais restrita, chegaremos ao contexto da membresia da igreja adventista e sua falta de consenso em relação ao assunto. Como consequência desse impasse aparentemente teológico em relação a música na Igreja Adventista do Sétimo Dia, encontramos uma juventude que se sente limitada a gostar do estilo musical preferido pelos mais velhos, e, ao mesmo tempo, encontramos membros mais velhos inconformados com a tentativa dos mais jovens de modernizar as músicas cantadas na igreja.

As músicas mais aceitas pela igreja adventista, de modo geral, são as músicas do hinário Adventista. Algumas canções são mais recentes, de algumas décadas atrás, e outras foram compostas há séculos. Essas canções, em sua maioria, são admiradas pelos mais velhos, enquanto sofrem certo desprezo pelos mais jovens, que geralmente preferem os hinos da coletânea jovem ou até mesmo os hinos evangélicos mais populares. Enquanto isso, os mais velhos chamam esses novos hinos de mundanos, e os mais jovens chamam os hinos do hinário de ultrapassados. Como fruto deste impasse, os jovens, a parte mais frágil e muitas vezes a menos sólida espiritualmente, acabam cedendo. Ou, como é frequente, inicia-se uma briga sem fim em defesa do estilo musical que, de acordo com cada grupo, mais agrada a Deus e à igreja.

As consequências do conflito geracional pela disputa da música mais adequada são diversas: Pouco envolvimento da igreja no louvor congregacional, falta de incentivo para formação de bandas, conjuntos e corais; uma vez que a criação de algum desses ministérios pode divergir da visão predominante na igreja e, além de tudo, muitos irmãos, principalmente os mais jovens, não se sentem à vontade de levar um amigo a um culto porque não consideram

que o convidado vai ter uma experiência de adoração através de um louvor com estilo musical do século passado.

De acordo com White (2007), os cânticos têm um maravilhoso poder. Poder para dominar naturezas rudes e incultas, poder para estimular pensamentos e despertar simpatias e para promover harmonia e ação. No entanto, enquanto o conflito geracional não chega a um consenso em relação a música, o que temos visto em muitas igrejas é a falta de simpatia e a desarmonia. Vale ressaltar que as músicas cantadas pelos mais velhos hoje, eram as músicas consideradas “mundanas” no passado, quanto os atuais idosos eram ainda jovens. Motivos pelos quais as antigas gerações têm dificuldade quanto a mudança do estilo musical

MEDO DE PERDER A IDENTIDADE ADVENTISTA

A igreja adventista tem uma forte ligação com suas raízes e com seus pioneiros. Os adventistas creem que Deus direcionou o surgimento da IASD e, portanto, usou os pioneiros tanto na formação das doutrinas quanto na formação da cultura adventista. Os adventistas se orgulham dessa cultura e creem que isso é justamente o que os difere das outras denominações. Possuem um amor pela lei de Deus e a enxergam de forma diferente da maioria dos cristãos evangélicos. Isso os faz enxergar o amor de Deus através dos ritos do antigo testamento, mesmo sabendo que Cristo fez conosco uma nova aliança. Além disso, creem que foram chamados como igreja para restaurar a “verdade” que o mundo cristão perdeu ao longo dos séculos.

Entretanto, ao mesmo tempo que isso nos deixa seguros em relação a doutrina, nos torna precavidos em relação ao que vem das igrejas com doutrinas divergentes daquela que fomos chamados a propagar (Reis, 2009).

Em outras palavras o pensamento é o seguinte: Nossos pioneiros foram chamados por Deus para criar um movimento de restauração da verdade. Porém, ao invés de ensinar ao mundo nossos hinos, estamos importando para nossa igreja hinos e estilos musicais de igrejas que não contém a verdade. Conclui-se então que estamos perdendo nossa identidade, ao invés de propagá-la. Tudo isso, com o objetivo de agradar os mais jovens. No entanto,

esse pensamento, por mais que seja nobre, é descabido de conhecimento da história da IASD e da formação do que chamamos aqui de cultura adventista. Vale ressaltar que a maioria dos nossos pioneiros vieram de outras denominações evangélicas e, portanto, trouxeram dessas igrejas o estilo musical da época. Basta ver que ainda hoje no hinário adventista é possível encontrar diversas canções que já eram cantadas pelos protestantes muito antes do movimento adventista surgir. Como os hinos “Meu Divino pastor” e “Cristo já ressuscitou”. Ainda hoje, grande parte dos hinos do hinário adventista são melodias e composições de autores e músicos de outras denominações. Algumas, desde a época dos pioneiros.

Assim sendo, a relutância dos membros mais velhos da igreja em não aceitar hinos da moda vindos de outras igrejas, pela justificativa de que, por serem de outra igreja, nos fariam perder a identidade, não faria sentido para nenhum dos nossos pioneiros adventistas.

Por outro lado, os pioneiros não importaram tudo. E os novos hinos adventistas compostos pelos primeiros adventistas eram, em sua maioria, hinos que falavam de nossas principais doutrinas e missão, como a volta de Jesus, sábado, e propagação do evangelho (Reis, 2009). E ainda hoje existe essa preocupação por parte dos membros mais velhos, que argumentam que os hinos que os jovens querem cantar, por mais que tenham forte ênfase na exaltação do nome de Jesus e de seu amor, não falam de nossas principais doutrinas.

Talvez o ponto central, que muitas vezes passa despercebido nessa discussão, o fato de que a adoração deve ser agradável para o adorador. Até a principal pioneira da igreja adventista acreditava nisso: “As reuniões de oração e todos os demais cultos religiosos, devem ser planejados e dirigidos de maneira que, não somente sejam proveitosos, mas tão agradáveis que exerçam positiva atração” (White, 2008, p. 440).

Além disso, o gosto pela música não demonstra bons resultados quando “incentivado” por imposição. É mais que evidente que o estilo musical deve agradar por si só, e os mais jovens cada vez menos se agradam do estilo musical com ênfase doutrinária e com melodia antiga. Assim, sem poder ouvir ao estilo que realmente apreciam dentro da igreja, recorrem às plataformas

digitais. Isso se reflete no declínio de popularidade que grupos tradicionais, como Arautos do Rei ou Prisma Brasil, vêm sofrendo entre os jovens adventistas, principalmente quando comparados a outros grupos musicais adventistas. Nota-se, por exemplo, que em Janeiro de 2020 o grupo Arautos do Rei, com mais de 50 anos de existência, possuía 66 mil inscritos no YouTube, enquanto o Vocal Livre, com apenas dez anos de existência, já havia arregimentado 167 mil inscritos na mesma plataforma.

HERANÇA DOS PAIS DA IGREJA E DOS REFORMADORES

Ao ler a bíblia, percebe-se que o povo de Israel apreciava a arte musical. Afinal, existe um livro inteiro dedicado exclusivamente às canções: Salmos. Embora a Assíria e o Egito tivessem músicos profissionais muito antes de Israel, a cultura musical se tornou muito forte na nação escolhida por Deus.

A música alegre já era uma cultura desde a época dos patriarcas, como é visto em Gênesis 31:27. E por isso nota-se facilmente louvores sem fim na peregrinação pelo deserto. O primeiro relato é visto em Êxodo 15 e mostra Moisés e todo o povo glorificando a Deus pelo livramento sobre os Egípcios e a travessia pelo mar. Nessa mesma época, Miriã também cantou, acompanhada de outras mulheres que tocavam instrumentos (Ex 15:20).

É possível imaginar que o cântico se tornou uma questão cultural em Israel e até mesmo algo familiar. Porém, a organização musical entrou em outro patamar com o músico que foi escolhido como rei: Davi.

A Bíblia conta que Davi desenvolveu seu talento para música tocando Harpa desde a sua juventude (1Sm 16:17). Esse músico foi escolhido por Deus para se tornar rei. Foi então que Davi, junto com o chefe dos levitas; tribo que já ministrava no antigo tabernáculo, escolheu alguns dentre eles para cuidar do louvor no futuro templo, tocando diante do Senhor. “Davi também ordenou aos líderes dos levitas que encarregassem os músicos que havia entre eles de cantar músicas alegres, acompanhados por instrumentos musicais: liras, harpas e címbalos sonoros” (1Cr 15:16).

Quando nos concentramos na organização musical em Israel, é possível notar um objetivo claro: Adorar a Deus levantando a voz com “músicas alegres”.

Fora do Templo, também existia celebração, alegria e uso de instrumentos. A bíblia menciona que o próprio Davi cantava e dançava perante o Senhor: “Davi e todos os israelitas celebravam com grande entusiasmo diante do Senhor, ao som de canções, harpas, liras, tamborins, chocalhos e címbalos” (2Sm 6:5).

Tempos depois, o rei Ezequias reafirmou a função dos levitas como cantores e instrumentistas do templo, conforme está relatado em 2 Crônicas 29:25–26: “O rei posicionou os levitas no templo do Senhor, com címbalos, liras e harpas, segundo a prescrição de Davi, de Gade, o vidente do rei, e do profeta Natã; isso foi ordenado pelo Senhor por meio dos seus profetas. Assim, os levitas ficaram em pé, preparados com os instrumentos de Davi, e os sacerdotes com as trombetas”.

Após o exílio babilônico, Esdras e Neemias restituíram a função dos sacerdotes e levitas, no que tange ao uso de instrumentos e a alegria na adoração ao Senhor: “Quando os construtores lançaram os alicerces do templo do Senhor, os sacerdotes, com as suas vestes e as suas trombetas, e os levitas, filhos de Asafe, com címbalos, tomaram os seus lugares para louvar ao Senhor, conforme prescrito por Davi, rei de Israel” (Ed 3:10).

Celebrações musicais com vários instrumentos também estavam presentes quando a obra foi concluída: “Por ocasião da dedicação do muro de Jerusalém, os levitas foram procurados e trazidos de onde moravam a Jerusalém para celebrarem a dedicação alegremente, com cânticos e ações de graças, ao som de címbalos, harpas e liras” (Ne 12:27).

Além desses exemplos, há o livro de Salmos, que nada mais é do que uma coletânea de hinos de louvor, adoração e manifestações de diversos sentimentos. No Novo Testamento o templo continua em funcionamento, no entanto, o povo que havia sido exilado no passado também havia aprendido a adorar nas pequenas sinagogas espalhadas por todo país. Não existem relatos de música instrumental nas sinagogas. A maioria dos teólogos descreve as sinagogas como um local de oração e leitura das escrituras (Plenc, 2019).

No entanto isso não significa que não existia música nem uso de instrumentos em Israel. A música continuava presente na vida de todos em Israel. O Novo Testamento fala da utilização tradicional de flautistas e cantores nos

funerais da época (Mt 9:23; Mc 5:38). E mostra que a música e dança eram comuns nas festas (Lc 15:25). E até quando Paulo fala sobre a volta de Jesus, ele diz que Cristo virá ao som de trombetas: “Porque, dada a ordem, com a voz do arcanjo e o ressoar da trombeta de Deus, o próprio Senhor descenderá dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro” (1Ts 4:16).

Para não se parecer com os judeus, os pais da igreja condenaram seu estilo musical. Ficou claro que este era focado no uso de instrumentos e na alegria do ato de adorar. No entanto após o ministério de Paulo e seus embates contra os judaizantes, aqueles que se convertiam ao cristianismo porém continuavam a favor da circuncisão e da salvação pela lei, os pais da igreja e novos cristãos fizeram de tudo para dissociar o cristianismo das práticas judaicas. E isso incluía, obviamente, o estilo musical.

Justino declara que cantar acompanhado de instrumentos sem vida, artificiais, de danças e palmas agrada muito aos judeus. Por isso, os instrumentos foram removidos da igreja, e ficamos com o puro cantar acapela. Uma declaração como essa mostra com muita clareza qual era o pensamento e as intenções dos primeiros cristãos ao condenarem o estilo musical dos judeus. Outra declaração emblemática veio de Clemente de Alexandria, que alegou que o homem é um ser pacífico, mas os instrumentos são violentos, provocam desejos impuros, paixões desordenadas e provocam a ira. Para ele, a cítara deveria ser para os pastores de gado, e a flauta para os adoradores de demônios. Os instrumentos são mais apropriados para as feras do que para os homens, ou para os privados de razão.

Por fim, Eusébio de Cesareia disse que as vozes em uníssono eram mais aceitáveis a Deus do que qualquer instrumento. Ir contra o pensamento destes homens era praticamente ir contra o cristianismo. Afinal, estes eram os pensadores e influenciadores da igreja cristã que crescia cada vez mais. No entanto percebemos que não existe nenhum amparo bíblico em suas refutações, apenas o preconceito contra os judeus e seu estilo musical.

Com o passar dos séculos, pouca evolução aconteceu até a era dos reformadores. No século 5 por exemplo, o Papa Gregório unificou alguns cânticos existentes na época e instituiu o canto gregoriano (Meireles, 2015). Tempos

depois, na idade média, o canto era uníssono, monótono, excluía a participação de mulheres e sempre era em latim. No século 10 foi permitido o órgão de tubos na igreja oficial e uma segunda voz. Porém o canto era restrito somente aos monges. Finalmente chegou a época dos reformadores, e o canto passou a ser congregacional, porém a visão restrita acerca dos instrumentos permanecia tão forte quanto a dos pais da igreja.

Lutero disse que o órgão na adoração é a insígnia de Baal. Já João Calvino menciona que os instrumentos musicais celebrando os louvores a Deus seriam tão inadequados quanto queimar incenso, acender candelários e restaurar a sombra da lei. Para eles, os que gostam da pompa externa podem se afeiçoar à barulheira, mas a simplicidade que Deus nos recomenda pelos apóstolos é muito mais agradável a Ele. Por fim, John Wesley disse de modo sarcástico que não fazia objeção ao uso de instrumentos na adoração, desde que eles não fossem vistos nem ouvidos.

Chegamos ao ponto da história onde esses reformadores e seus ensinamentos – que fizeram um excelente papel no desenvolvimento teológico da igreja cristã –, se tornaram a base para o surgimento de igrejas tradicionais como os batistas, presbiterianos e metodistas, e dezenas de outras denominações que já deixaram de existir.

Vale lembrar que nossos pioneiros saíram justamente destas igrejas. E seria mais que natural que eles trouxessem resquícios desta visão acerca da adoração e do uso de instrumentos para o movimento adventista que crescia cada vez mais.

INFLUÊNCIAS SECULARES NO MOVIMENTO GOSPEL

No movimento adventista, o conflito a respeito do estilo musical teve seu ápice na famosa campal de Indiana (Reis, 2009). Infelizmente, os relatos acerca deste episódio mostram que houve grande excesso no uso de instrumentos e no louvor, a ponto de Ellen White usar o que aconteceu na campal como exemplo do que vai acontecer no final dos tempos, quando Satanás usar seus enganos e perverter a música em muitas igrejas: “As coisas que descrevestes como tendo lugar em Indiana o Senhor revelou-me que haviam de ter lugar

imediatamente antes do fim do tempo da graça. [...] Haverá gritos com tambores, música e dança” (White, 2004, p. 119).

O maior problema da campal não era musical, mas teológico. Pois este evento ocorreu para propagar um movimento herético chamado “carne santa”. Esse movimento acreditava que era possível ter um corpo sem pecado quando chegassem ao ápice da adoração. E a música tocada estava inteiramente relacionada, pois os adeptos deste movimento se utilizavam do barulho para chegar ao êxtase. Deve-se notar que era a forma de tocá-los, e não os instrumentos em si que Ellen White condenava. No entanto, até hoje alguns dos instrumentos usados nessa campal são mal-vistos pelos que temem o cumprimento da profecia sobre a música no tempo do fim.

Nessa mesma campal ainda ocorreu um evento curioso. Um dos ministros que estava presente, Stephen Haskell, ao fazer o relato para irmã White, disse que a banda de Indiana era uma cópia da banda do Exército da Salvação e, portanto, esse era um bom motivo para ser condenada (Reis, 2009).

No final do século 19 e início do século 20 a música foi se desenvolvendo, permitindo o surgimento de estilos como o jazz e blues. Este período coincidiu com os primórdios do adventismo, de modo que os ritmos e estilos musicais da igreja também foram afetados por esses estilos emergentes. Entretanto, devido ao preconceito existente em relação a esse tipo de música, a influência foi mínima, principalmente se comparada aos desdobramentos posteriores, associados ao surgimento do *rock & roll*.

O rock se tornou mais que um estilo musical. Se transformou num movimento que estava associado ao uso de drogas, ao sexo livre e ao questionamento das autoridades. As bandas de rock viraram febre e os instrumentos mais comuns eram a guitarra, o baixo e a bateria. Considerando esse histórico, é fácil entender que tais instrumentos foram imediatamente condenados no meio cristão, pelo movimento ao qual estavam associados. A bateria, o baixo e a guitarra passaram a ser vistos como instrumentos de quem apoia o uso de drogas, sexo livre e do questionamento das autoridades.

Ao mesmo tempo que o rock se desenvolvia, a música gospel fazia o mesmo. Até que, no final da década de 90 e início dos anos 2000, o estilo musical de

algumas bandas gospels já não se diferenciava em nada das bandas de rock no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma análise do desenvolvimento da música cristã indica que a ala mais conservadora sempre temeu a associação com grupos do quais divergiam teologicamente, quer sejam os judeus, o Exército da Salvação ou as bandas de rock.

Por um lado, essa preocupação é legítima, pois associação musical pode ser facilmente confundida com a associação do comportamento e crenças. Além do mais, se não procurarmos uma diferenciação na música cristã, qual será o filtro que irá evitar que estímulos musicais como o funk, que tem forte apelo sexual, também invada os louvores da igreja?

Por outro lado, percebemos que tudo que é feito sem argumentação bíblica sólida é, muitas vezes, fruto de um pré-conceito. De modo que a ala conservadora atual está se apoiando na desculpa de “agradar a Deus” para empurrar o próprio gosto musical e afastar outros. E assim como os pais da igreja evitavam o uso de instrumentos, com o argumento de não querer se “judaizar”, alguns ministros adventistas quase fizeram o mesmo, no intuito de não se parecer com o Exército da Salvação, uma instituição metodista de caridade.

Além disso, deve-se compreender que determinado instrumento não passa a ser propriedade de satanás somente porque seus sevos fazem uso dele. O fato de uma banda de rock usar bateria ou criar uma batida característica não significa que músicas não podem ser ritmadam. E se os roqueiros tivessem inventado o microfone? Seríamos condenados a cantar acapella para sempre?

Quanto as influências recebidas, é obvio que depois de tanto tempo no Egito, o cântico de Moisés e do povo após a travessia do mar certamente tinha alguma influência egípcia. E isso não tornou o louvor de Moisés menos aceitável a Deus. Da mesma forma, os hinos cantados pelos pioneiros adventistas também receberam influência das igrejas que eles conheciam e pertenciam antes do movimento milerita.

Portanto, é necessário compreender que hoje não temos mais o tabernáculo, não temos mais o templo e nem mesmo as sinagogas. Temos igrejas. Igrejas que tiveram sua origem no culto dos lares, e, portanto, por mais que devam seguir os mesmos princípios bíblicos de adoração como reverência, ordem e o foco nas escrituras, não estão sujeitas às mesmas regras litúrgicas como uso de instrumentos, canto acapela, ou somente homens no coro.

Os conflitos geracionais poderiam ser evitados se os mais velhos entendessem que não é bíblico fazer oposição ao uso de instrumentos. Aliás, nem mesmo Ellen White fez isso. A profetisa afirma que o louvor deve ser “acompanhado por instrumentos de música habilmente tocados. Não devemos nos opor ao uso de instrumentos musicais em nossa obra” (White, 2006, p. 125).

É importante reconhecer que, assim como os pioneiros não cantavam o canto gregoriano do século 5 porque o estilo musical já era outro, é muito difícil para os jovens permanecerem cantando as músicas do século passado. Por outro lado, os mais velhos ainda devem orientar os mais jovens quanto ao equilíbrio nas escolhas musicais e do perigo da associação cultural.

REFERÊNCIAS

MEIRELLES, M. **Afinados Pela Palavra**, 2015.

PLENC, D. **Música na igreja: aspectos teológicos, critérios e orientações**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2019.

REIS, E. **Como Preparar e Apresentar Sermões**. 2ª. ed. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

WHITE, E. **Evangelismo**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

WHITE, E. **Eventos finais**. Ellen G. White Estate, Inc., 2004.

WHITE, E. **Testemunhos para a igreja**, vol. 9. Ellen G. White Estate, Inc., 2006.

WHITE, E. **Testemunhos seletos**, vol. 2. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2008.

Seção II

**Cultura,
comportamento
e desafios
contemporâneos
das novas
gerações**



Ellen White
e a ficção:
aproximações e
distanciamentos

Uma vez que os adventistas reconhecem a manifestação do dom profético na obra de Ellen G. White, torna-se necessário aplicar aos seus escritos os mesmos princípios hermenêuticos que se aplicam à obra de outros profetas bíblicos. No contexto da literatura, os textos de White referentes à leitura de ficção são aparentemente categóricos. A forma direta e a linguagem incisiva com as quais foram escritos parecem não permitir nenhuma outra conclusão, exceto a de que os adventistas devem se abster totalmente do consumo de obras ficcionais.

Nesse sentido, vejamos alguns exemplos clássicos de suas admoestações: “Alimentando o amor de mera distração, a leitura de ficção cria um desgosto pelos deveres práticos da vida” (White, 2004, p. 446); “Restringi o desejo pela leitura que não forneça ao espírito bom alimento” (White, 2004, p. 133); “O amor à leitura de ficção deve ser imediatamente vencido” (White, 2004, p. 136); e “A leitura de ficção e novelas é o maior mal a que podem entregar-se os jovens” (White, 2007, p. 22).

Diante disso, este artigo apresenta uma pesquisa exploratória, baseada em revisão bibliográfica, que busca analisar o que a pioneira adventista escreveu sobre o consumo de literatura de ficção e qual seria a aplicabilidade dessas orientações na realidade adventista contemporânea. A partir das declarações encontradas, surgem os seguintes questionamentos norteadores: Como compreender adequadamente o que Ellen White escreve sobre o consumo de obras de ficção? Há prejuízos resultantes de uma compreensão inadequada sobre essa temática? E quais seriam eles?

Para responder a essas inquietações e contextualizar essas fortes declarações, o ponto de partida deste trabalho foi um levantamento de todos os trechos dos livros da escritora relacionados à temática literária. Foi realizada uma busca minuciosa no site oficial do *Ellen G. White Estate*, utilizando o descritor “ficção”, englobando a base completa de livros publicados em português.

A busca inicial retornou 53 resultados. Em seguida, aplicaram-se dois critérios de filtragem: (1) descartaram-se as ocorrências em que o termo “ficção” não se referia a obras de literatura; e (2) excluíram-se os trechos duplicados, frequentemente presentes em obras compiladas. Por fim, os trechos que

faziam parte de um mesmo capítulo original foram agrupados para garantir que fossem analisados corretamente dentro dos seus respectivos contextos literários e históricos.

Após a aplicação dos critérios de filtragem e o agrupamento contextual, encerrou-se uma amostra representativa de quinze trechos, distribuídos em dez obras fundamentais: *A Ciência do Bom Viver*; *Conselhos aos Pais, Professores e Estudantes*; *Conselhos sobre a Escola Sabatina*; *Conselhos sobre Educação*; *Evangelismo*; *Fundamentos da Educação Cristã*; *Mensagens aos Jovens*; *O Lar Adventista*; *Orientação da Criança*; e *Testemunhos Seletos (Volume 1)*. A partir desse escopo, propõe-se a aplicação de regras hermenêuticas para extrair os princípios perenes de seus conselhos, avaliando as suas implicações éticas, artísticas e espirituais.

HERMENÊUTICA DOS ESCRITOS PROFÉTICOS

Para a adequada exegese do material coletado, fundamentou-se a análise na teoria de Douglass (2009), que discorre sobre a aplicação de regras internas e externas para a compreensão correta do texto profético adventista. O autor diferencia essas regras explicando que, do ponto de vista interno, obtém-se uma visão clara do que o autor quis dizer ao ler as palavras, frases, parágrafos e até os capítulos que circundam uma declaração isolada. Do ponto de vista externo, por sua vez, devem-se fazer perguntas que ajudem o leitor a entender as circunstâncias do que foi dito, tais como: “quando?”, “onde?” e “por quê?”, aplicando tempo e lugar ao contexto.

As regras internas propostas por Douglass (2009) partem da premissa de que a inspiração de White atua sobre o pensamento, e não por ditado verbal. Assim, o leitor deve considerar que o sentido de algumas palavras muda com o passar do tempo, sendo vital interpretar adequadamente as figuras de linguagem e o sentido de uma palavra dentro da sua respectiva frase. O autor alerta para a necessidade de reconhecer a possibilidade de expressões imprecisas, buscar o contexto imediato da citação, aceitar que o significado dos termos varia conforme o contexto e ter consciência de que existem desafios semânticos inerentes a toda comunicação humana.

Quanto às regras externas, Douglass (2009) orienta que é necessário incluir tudo o que o profeta disse sobre determinado assunto antes de se formular uma conclusão dogmática. Cada declaração deve ser lida dentro de seu contexto

histórico específico para que se reconheça o princípio básico por trás do conselho, permitindo que a instrução seja relevante para pessoas em diferentes épocas e lugares. Torna-se indispensável usar o bom senso e a razão santificada ao analisar a diferença entre princípios morais imutáveis e normas culturais. Ademais, deve-se certificar se as supostas citações foram de fato escritas pelo autor, levar em consideração a revelação progressiva divina e entender que, em certos casos, é necessário compreender a experiência direta ou indireta de um acontecimento para captar a verdade embutida nele. Nem tudo nos escritos de White será compreendido à primeira vista.

ANÁLISE DAS ORIENTAÇÕES DE ELLEN WHITE SOBRE LITERATURA

Da análise completa do *corpus* da pesquisa, aplicando-se os princípios hermenêuticos retromencionados, é possível extrair as principais preocupações que fundamentavam as fortes críticas de White em relação à leitura de obras de ficção. Suas advertências centravam-se no risco de a leitura despertar a imaginação para pensamentos perigosos, sensuais e degradantes, além de incapacitar a mente humana para a utilidade prática e para as obrigações do dia a dia, tornando-a inapta para os exercícios espirituais. A autora também temia que o vício ficcional diminuísse o interesse pela leitura da Bíblia e estimulasse uma leitura apressada e superficial, consumida unicamente pelo fascínio da história, sem a extração de princípios construtivos para o caráter. Por fim, ela advertia contra o despertar de um sentimentalismo mórbido proveniente de materiais que não transmitiam conhecimentos genuínos, tampouco inspiravam pureza de propósitos.

No entanto, é perfeitamente possível encontrar obras de ficção na literatura universal que não incorram em nenhum desses problemas apontados. Isso serve como indício fundamental para provocar uma investigação sobre se o conceito que White tinha de “obra de ficção” é semanticamente o mesmo que o mundo acadêmico possui na atualidade.

O primeiro indício de uma compreensão diversa do termo é o fato de a própria autora ter organizado uma coletânea intitulada *Sabbath Readings for the Home Circle* (Leituras Sabáticas para o Círculo Familiar), contendo uma série de histórias para crianças. Quando o pesquisador John Waller examinou essa obra, percebeu que, dentre as histórias recomendadas pela profetisa, constavam textos que hoje seriam claramente classificados como literatura de ficção (Torres, 2013, p. 156).

Torres (2013, p. 157) corrobora esse argumento ao relatar que White não utilizava o termo “ficção” com a precisão acadêmica com a qual pesquisadores de estudos literários o empregam hoje. Em seu século, o termo estava muito mais associado à literatura banal e de péssima qualidade – popularmente conhecida como romances de cordel ou folhetins baratos –, cuja temática girava em torno de adultério, violência gráfica, preconceito e crimes em geral. Clouten (1992), citado por Torres (2013, p. 157), destaca que os pensadores intelectuais seculares daquela mesma época também reprovavam esse tipo de literatura, lamentando que tais produções “vulgares” tivessem muito mais apelo popular do que os grandes clássicos escritores.

Outrossim, a imprecisão na utilização semântica do termo “ficção” no século 19, não invalida o princípio atemporal que perpassa as orientações de White. Cabe, portanto, analisar como cada uma de suas preocupações morais deve ser aplicada à expressão literária e artística na contemporaneidade.

DESPERTAR PENSAMENTOS PERIGOSOS E DEGRADANTES

O perigo de despertar pensamentos sensuais, baixos e degradantes não é um atributo privativo de obras de ficção. A depender da forma narrativa e do propósito do autor, histórias estritamente reais (como notícias ou biografias) podem conduzir ao mesmo efeito deletério. Nesse diapasão, Knight (2018, p. 191), ao refletir sobre o tema do padrão literário encontrado na Bíblia, elabora a seguinte pergunta: “se a Bíblia é o nosso padrão literário, por que histórias tão pecaminosas foram inclusas no relato e, por vezes, enfatizadas?”

A resposta está na função desempenhada pela narrativa. A história bíblica de Davi e Bate-Seba, por exemplo, não é relatada por seus autores para fascinar ou inflamar a mente pecadora do leitor. Pelo contrário, ela é exposta cruamente para destacar todo o sofrimento, o luto e a ruptura familiar gerados pelo fato de um homem dar vazão aos desejos pecaminosos do coração.

Schaeffer (2007, p. 56) ensina que enfatizar apenas o “bom e o belo” na literatura não é uma postura bíblica. A cosmovisão cristã, manifestada na arte e na escrita, pode ser dividida em um tema maior e um tema menor. O tema menor lidaria com um mundo em revolta, ilustrando como a espécie humana rebelada separou-se de Deus e enfrentou a sua própria insignificância (o tema da derrota e do pecado). O tema maior, em contraste, salienta o fato de que Deus existe, que nem tudo está

perdido, que a vida tem sentido e que o valor inerente das pessoas está baseado no fato de terem sido feitas à *imago Dei*. A Bíblia lida de forma honesta com ambos os temas; tratar apenas de um ou de outro resultaria em uma arte ilusória e em uma cosmovisão incompleta.

A FUGA DA REALIDADE E A ALIENAÇÃO DAS OBRIGAÇÕES

A ideia de fuga da realidade provocada pelo excesso de leitura ficcional já fazia parte do senso comum europeu muito antes da Era Vitoriana, época em que White escreveu as suas orientações. Flaubert, por exemplo, faz uma crítica literária aguda semelhante no clássico *Madame Bovary*. No romance fundador do realismo francês, o fato de a personagem dedicar-se compulsivamente à leitura de novelas românticas irreais a leva a uma espiral de insatisfação crônica e degradação moral, culminando em seu suicídio.

Um olhar ainda mais retrospectivo verifica que a noção de que a literatura ficcional teria efeitos nefastos de alienação faz parte do imaginário crítico ao menos desde o século 17. Considerado uma das maiores obras de ficção de todos os tempos, *Dom Quixote de La Mancha* satiriza justamente esse conceito. Por intermédio do ilustre fidalgo que enlouquece, a obra critica severamente aqueles que mergulhavam tão profundamente no mundo imaginário das novelas de cavalaria (a literatura mais proeminente daquela época) que acabavam se descolando da realidade e de suas responsabilidades práticas.

O PERIGO DA SUBSTITUIÇÃO DO INTERESSE PELA BÍBLIA

O leitor cristão deve estar atento ao conteúdo e à forma, não apenas no que tange à literatura, mas a toda expressão artística. Conforme leciona Knight (2018, p. 192), não existe neutralidade artística. Itens na vida moderna que parecem ser neutros são, na verdade, prejudiciais se o seu impacto nos afastar dos grandes temas axiológicos da vida e do grande conflito entre Cristo e Satanás. Em suas palavras:

Qualquer coisa que nos impeça de ver o problema da nossa condição perante Deus e de nos confrontarmos conosco à luz de Cristo como Salvador é uma vitória tática para as forças do mal. A função do estudo literário em uma escola cristã não é nos ajudar a conhecer os grandes escritores do passado e do

presente, mas nos ajudar, através de alguns de seus escritos, a ver os temas em voga no grande conflito com mais clareza e sensibilidade (Knight, 2018, p. 192).

Rookmaaker (2015, p. 242) também alerta sobre o papel da arte na vida do cristão, afirmando que “a arte nunca deve ser usada para mostrar a validade do cristianismo. Pelo contrário, a validade da arte deveria ser mostrada por meio do cristianismo”.

A UTILIDADE DA LITERATURA NA EDUCAÇÃO DO CARÁTER

Em que pese haver realmente o risco de que literaturas culturalmente pobres convidem a uma leitura superficial (feita unicamente pelo enredo, sem a extração de lições), o fato de a ficção simplificar a realidade não é, por si só, um problema. Como ensina Leland Ryken (citado por Goheen; Bartholomew, 2016, p. 230), “o mundo da imaginação literária é uma versão altamente organizada do mundo real. É um mundo em que conceitos, personagens e padrões narrativos são apresentados destituídos de detalhes complicados que causem distração”. Ou seja, o mundo reduzido ao qual a boa literatura nos convida a entrar, priva-nos de alguns aspectos do mundo real justamente para fazer o leitor se concentrar mais profundamente em outros (como a moralidade, a empatia e a justiça). Isso possui grande validade pedagógica, ainda que a narrativa não seja factual.

Por fim, o sentimentalismo exacerbado ao qual White se referia estava diretamente relacionado ao romantismo melodramático predominante nos folhetins de sua época. Seus conselhos não tratavam de um esforço estoico para anular as emoções humanas, como se estas rebaixassem a intelectualidade espiritual. Inclusive, a união dos aspectos afetivo e cognitivo promove uma aprendizagem muito mais perene e completa. Conforme aponta Knight (2018, p. 191):

[...] a literatura aborda e busca explicar as maiores questões humanas; revela seus desejos básicos, anseios e frustrações, e desenvolve uma intuição à espécie humana. [...] O impacto do estudo literário é o mais poderoso, pois é entregue em um conjunto com o qual nos identificamos emocionalmente – isso é, nos alcança nos níveis afetivo e cognitivo simultaneamente. No mais completo sentido das palavras, o conteúdo literário

é filosófico e religioso, pois lida com temas filosóficos e religiosos, problemas e respostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O consumo de produtos culturais e de expressões artísticas por parte do leitor cristão, quer sejam essas obras ficcionais ou factuais, deve ser pautado, primariamente, no princípio paulino exposto em Filipenses 4:8: “Finalmente, irmãos, tudo o que for verdadeiro, tudo o que for nobre, tudo o que for correto, tudo o que for puro, tudo o que for amável, tudo o que for de boa fama, se houver algo de excelente ou digno de louvor, pensem nessas coisas”.

Esse princípio imutável deve servir como referencial seguro para que cada indivíduo reflita, a partir das lentes da Bíblia, sobre o tipo de literatura que irá consumir, filtrando as impurezas independentemente da época. Corrobora nesse sentido Knight (2018, p. 194), ao afirmar que “o essencial no estudo literário não é a transmissão de um corpo de conhecimento, mas o desenvolvimento de uma técnica – a habilidade de pensar criticamente e interpretar enfoques literários dentro da cosmovisão bíblica”. Entender os conselhos de Ellen White dentro desse espectro hermenêutico liberta a mente de interpretações extremistas e valoriza a busca pela excelência cristã na literatura.

REFERÊNCIAS

- DOUGLASS, H. E. **Mensageira do Senhor**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2009.
- GOHEEN, M. W.; BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã: vivendo na intersecção entre a visão bíblica e a contemporânea**. São Paulo: Vida Nova, 2016.
- KNIGHT, G. **Filosofia e educação: uma introdução à perspectiva cristã**. Engenheiro Coelho, SP: Imprensa Universitária Adventista, 2018.
- ROOKMAAKER, H. R. **A arte moderna e a morte de uma cultura**. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2015.
- SCHAEFFER, F. **Como viveremos?** São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2007.
- TORRES, M. L. Ellen G. White e a ficção literária. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, v. 9, n. 2, p. 153162, 2013. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/88>. Acesso em: 26 abr. 2026.
- TURNER, S. **Engolidos pela cultura pop: uma abordagem cristã**. Viçosa, MG: Ultimato, 2014.
- WHITE, E. G. **A ciência do bom viver**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- WHITE, E. G. **Conselhos aos pais, professores e estudantes**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2004.
- WHITE, Ellen G. **Conselhos sobre educação**. Tatuí, SP: Casa Publicadora Brasileira, 2007.

**Oito maneiras de
exterminar o programa
OYiM em minha
associação/missão:
um estudo comparativo
sobre as características
saudáveis das
missões a curto prazo
e sua respectiva
contextualização ao
movimento OYiM
no Chile**

O propósito deste estudo é melhorar a prática no planejamento e implementação de estratégias missionárias que recebem voluntários do projeto Um Ano Em Missão (OYiM).

Realizaremos um estudo comparativo das características essenciais das missões saudáveis a curto prazo, selecionaremos algumas e as contextualizaremos ao movimento OYiM no Chile. O objetivo é responder à pergunta: quais práticas atrapalham as missões de curto prazo, comprometendo a continuidade do OYiM na União Chilena e como podemos evitá-las?

Responder a essa pergunta ajudará tanto aqueles que assumem esse desafio pela primeira vez quanto aos que já têm experiência. Nossa cultura e organização eclesial favorecem a rotatividade de departamentais a cada poucos anos. É comum que os líderes escolhidos para o OYiM, muitas vezes com pouca experiência na área, realizem esse trabalho por apenas um ano. Caso não consigam abordar o programa de maneira adequada, podem comprometer a continuidade do movimento em edições futuras, exterminando OYiM na Associação/Missão.

O MOVIMENTO OYIM

OYiM, do inglês *One Year in Mission* (Um Ano em Missão) é um movimento missionário urbano multifacetado, que visa levar jovens adultos a diferentes partes do mundo, ajudando-os a estabelecer uma presença transformadora em sua região. É projetado para formar equipes de jovens (18+) e lhes proporcionar uma oportunidade de glorificar a Cristo nas cidades através da Mensagem dos Três Anjos (Blanchard, 2018).

O projeto nasceu no coração da igreja mundial, com um voto tomado em 2011 para a elaboração de um programa missionário que desse aos jovens a oportunidade de dedicarem um ano de suas vidas de maneira exclusiva à missão. Em sua primeira fase, catorze jovens, um de cada Divisão, foram enviados para Nova York para apoiar um grande esforço evangelístico. Desde 2014, ano de implementação do projeto no território da Divisão Sul-Americana, é possível observar um grande crescimento no número de envolvidos. Em 2018 o total chegou a 1.500 jovens missionários.

Ao longo de todos esses anos, foram dedicados tempo e recursos para o planejamento e execução do projeto. Entretanto, ainda é necessário refletir e estudar estratégias para consolidar essa iniciativa missionária. Este estudo acadêmico pretende fornecer ferramentas, diagnósticos e estratégias missionárias eficazes ao projeto, cuja literatura nos dá motivos para considerá-lo como uma iniciativa missionária a curto prazo.

MISSÕES A CURTO PRAZO

Estamos definindo como “a curto prazo” uma experiência missionária que tem entre duas semanas e um ano de duração. Esse fenômeno é amplamente estudado desde seus primórdios, 50 anos atrás. Estima-se que cerca de 4 milhões de missionários de todas as denominações cristãs se envolvam anualmente.

Três razões podem ser apontadas para essa multiplicação: 1) maior facilidade para viajar do que antes, 2) os missionários em MCP podem servir sem desestruturar sua vida normal, 3) o aumento das igrejas, agências e agora o OYiM, que promovem e encorajam tal participação. Os benefícios observados tanto nos que vão, quanto nos anfitriões e naquele que envia missionários encerra o panorama.

Entretanto, assim como podem enumerar-se os benefícios, também existem práticas inadequadas responsáveis por danos significativos. Isso gera grandes preocupações, críticas e dúvidas sobre a validade, eficácia e continuidade das MCP. Para resolver esse problema, diferentes esforços são aplicados, desde estudos a livros inteiros. Tal nicho bibliográfico constitui preciosa fonte de informações, digna de aprofundamento para o líder que pretende que o projeto continue e cresça nos próximos anos.

OITO FORMAS DE EXTERMINAR OYIM EM MINHA ASSOCIAÇÃO/MISSÃO

Apesar das melhores boas intenções, alguns erros comuns podem prejudicar o sucesso da missão. É de suma importância que a liderança tenha consciência deles, aprenda a identificá-los e, principalmente, evitá-los. Portanto,

a seguir estão 8 coisas que o líder pode fazer caso queira, seguramente, exterminar o OYiM de sua associação/missão.

1. Conforme-se com as boas intenções dos envolvidos. Não se preocupe se as motivações dos participantes estão erradas, o sacrifício e dedicação dos missionários serão úteis de qualquer forma para nossas metas e relatórios.

Dias (2013) apresenta seis motivações para a missão: 1) a glória de Deus, 2) o amor de Deus, 3) urgência, 4) obediência, 5) chamado divino e 6) compaixão. Junto a cada motivação apresenta sua respectiva distorção. Para Dias (2013) a motivação para a missão tem relação direta com o modo pelo qual os projetos missionários são promovidos, desenvolvidos e com o método pelo qual os voluntários são recrutados. Além disso, os motivos distorcidos parecem funcionar melhor para motivar à missão a curto prazo.

Para evitar candidatos cujas motivações divirjam em muito do ideal, o líder deve realizar entrevistas para conhecer mais profundamente o aspirante a missionário, e trabalhar na manutenção da motivação, propondo um programa devocional forte. Também é possível ajudar os jovens a desenvolver a motivação através de algumas práticas simples.

Incentive-os a ler livros e revistas sobre missão, promova momentos de testemunho, visite os jovens, pergunte-lhes sobre seus sonhos, apele para a consciência e cobre-lhes o estudo atento da Bíblia. A motivação correta que deve ser almejada é centrada na glória de Deus, e no senso de urgência em fazer a Sua vontade. Está bem fundamentada na bíblia e se revela através de métodos sábios, bíblicos e culturalmente apropriados.

2. Envolve apenas a equipe OYiM visitante. Não incomode a igreja local, e certifique-se de que os voluntários OYiM possam fazer todo o trabalho e recebam todos os aplausos. Oriente, motive e preocupe-se apenas com as equipes OYiM, afinal de contas é aí que a organização está investindo.

Quando fazemos tudo pela igreja, sem permitir que a congregação ajude, estamos impedindo que cresçam de maneira saudável e normal. As igrejas que se unem e trabalham por um objetivo comum se veem muito mais beneficiadas do que aquelas que apenas desfrutam do esforço dos voluntários.

A metodologia do curto prazo deve ser conectada à *missio ecclesiae* (a missão de Deus para a igreja) de longo prazo e deve ser vista dentro da ainda mais ampla *missio dei* (missão de Deus). Entendemos, com isso, que as missões OYiM devem subordinar-se aos planos da igreja local e sua visão de longo prazo.

As missões OYiM vivas estabelecem relacionamentos saudáveis, interdependentes e contínuos entre as equipes enviadas e os anfitriões. Nessas missões o foco principal são as igrejas e distritos que recebem os missionários. Os planos são desenvolvidos para benefício de todos a longo prazo, gerando confiança mútua entre os visitantes e os de casa.

3. Imponha seus planos, metas e objetivos. Afinal de contas, você é o especialista. Se seu plano já funcionou em outro lugar, por que não aplicá-lo em uma nova situação?

Por melhor que tenha funcionado uma estratégia anterior, ambientes diferentes têm necessidades distintas. Talvez uma associação esteja tendo problema com os jovens, enquanto outra não tem líderes preparados para assumir as responsabilidades da igreja. As atividades devem estar alinhadas com as estratégias a longo prazo de cada associação individualmente, levando em conta a capacidade dos convidados e anfitriões de executar sua parte do plano.

Para que isso aconteça, os demais departamentais devem ser envolvidos no planejamento. Além disso, as reuniões devem envolver os líderes da igreja que está recebendo o projeto (pastor, responsável pelo centro de influência etc.), líder da equipe OYiM, Dir. Missão Global, Evangelismo e quem mais tiver uma clara noção das necessidades específicas da região.

Assim, será possível estabelecer metas e expectativas realistas que serão informadas a todos os envolvidos. As missões OYiM vivas planejam a colaboração com cada ente específico para o benefício de todos os participantes.

4. Improvise e não se atente aos detalhes administrativos e logísticos. Pelo caminho a carga se arruma. Quão difícil pode ser coordenar os voos de chegada dos missionários? Ou garantir que toda a documentação, formulários e recomendações estejam prontos a tempo? Para que preocupar-se com os

diferentes seguros de viagem ou os detalhes da hospedagem, alimentação, estipêndio ou locomoção? No último momento o líder dos jovens OYiM pode fazer tudo sozinho.

Essa crença de que “no final tudo se ajeita” pode ser extremamente danosa para o projeto. O líder deve ter alguém ou uma equipe responsável pelas questões de logística, fazer os cálculos a respeito das necessidades, custo e estilo de vida do local, para uma gestão adequada dos riscos e relatórios de finanças pontuais.

Essa equipe pode ser uma “agência missionária OYiM” para o seu campo. Aproveite a estrutura organizacional para alcançar os padrões de qualidade. Envolve pessoal do escritório (responsável por ARM, recursos humanos, líder OYiM, assistente de SVA, assistente de tesouraria, psicólogo, secretário do ministério jovem, profissionais ex OYiM etc.) planeje com eles e formalize tudo com votos na junta diretiva do campo.

O devido planejamento, principalmente financeiro, é mais um passo que contribui para o sucesso da missão. As missões OYiM vivas mostram integridade através de uma configuração confiável e uma administração exaustiva para todos os participantes.

5. Escolha a equipe e os líderes de maneira aleatória. Tome o primeiro que encontrar ou o último que permanecer. Coloque à frente líderes incompetentes. Se por acaso lhe aparecer um líder competente, deixe-o sozinho ou não deposite confiança nele, não lhe dê a oportunidade de crescer e limite sua influência o máximo que puder.

Sendo, literalmente, os que estarão à frente do projeto, sobre os líderes do OYiM recaí de maneira ainda mais pertinente o sucesso ou fracasso da missão. Estes devem ser espiritualmente maduros e ter o caráter de liderança de servo. É de alto valor treinar os líderes com antecedência, para aprimorar suas habilidades e fornecer-lhes os equipamentos de que possam precisar.

Chame líderes qualificados e com experiência em missão via SVA. Estes líderes podem ser fortalecidos para serem missionários de carreira. É importante também recompensar os esforços dos líderes para mantê-los motivados, e promover oportunidades para que desenvolvam experiências. Organize uma

missão a curto prazo a outro continente e envie os líderes de cada projeto em sua união. A esta viagem podem ser levados o voluntário OYiM mais destacado de cada campo.

As missões OYiM vivas filtram, treinam e desenvolvem uma liderança capaz para todos os participantes.

6. Mande os missionários que você tem e receba os que há. Envie e receba missionários sem treinamento prévio. Mais ainda, certifique-se de não treiná-los durante todo o período de serviço.

Uma pesquisa (Friesen, 2004) mostrou que os participantes de organizações que não tiveram treinamento nem antes nem depois da viagem tiveram resultados consistentemente inferiores nas avaliações aplicadas.

É um engano pensar que a boa vontade e o relacionamento com Deus são suficientes para executar com excelência um bom trabalho missionário. Os voluntários precisam de treinamento bíblico apropriado e oportuno, equipamento e capacitação em cursos antes, durante e depois, realizados por instrutores qualificados

Consolide em seu campo a escola missionária promovida pela união, para preparar missionários antes de serem enviados. Considere que um terço do tempo total da missão deve ser dedicado ao treinamento antes da viagem. Use os recursos disponíveis na Universidade OYiM, aulas audiovisuais online preparadas pela Associação Geral. Considere também treinar a liderança da igreja receptora, os pastores que receberão missionários OYiM.

As missões OYiM vivas preparam e equipam a todos os participantes para o alcance mutuamente projetado.

7. Repita os mesmos erros, seus e dos demais. Avance! não há tempo a perder filosofando e refletindo sobre os métodos, objetivos, resultados e estratégias. Não registre nem deixe nada por escrito, a ninguém importa o que aconteceu em seu projeto OYiM.

Erros são naturais, afinal, somos humanos. Entretanto, erros repetidos são uma grave falha de gestão. É necessário que seja feito um relatório exaustivo de todos os participantes, antes, durante e depois da missão. Eles devem ser acompanhados de maneira apropriada e reflexiva, e é importante que a

equipe de voluntários e os anfitriões possam se avaliar mutuamente durante e depois do projeto. Desse modo será possível diagnosticar os erros ocorridos, e considerar soluções para não repeti-los.

Após o fim do projeto, ainda é necessário dedicar atenção aos missionários que concluíram sua tarefa. Os estudos indicam um baixo compromisso em seus hábitos devocionais e declínio da pureza no segundo ano após ter terminado a viagem missionária. Fale com os missionários sobre o regresso e a reintegração nas atividades normais e sobre seu dever na igreja local. Anime-os para que o grito de guerra dos OYiM seja uma realidade em sua vida: “Um ano em missão, uma vida em missão”. Você pode também criar uma comunidade de missionários que retornaram do OYiM em seu campo. Faça acompanhamento e certifique-se de que estão recebendo atenção pastoral.

As missões OYiM vivas asseguram a avaliação, relatório e acompanhamento apropriado para todos os participantes, mesmo após o fim da missão.

8. Deixe que os missionários OYiM se entendam sozinhos. Deixe que os problemas de convivência se resolvam sozinhos. Cada um foi selecionado e enviado por sua igreja, em uma comunidade de missionários, os problemas se resolvem sozinhos e com o tempo. O fato de estarem dedicando suas vidas à missão consertará tudo o mais.

Infelizmente, até mesmo as pessoas que conviviam com o próprio Cristo, os primeiros missionários, tinham dificuldades de convivência. A presença do Espírito Santo e o amor pela missão não eliminarão a discórdia, mas ajudarão a equipe a resolver o problema. Uma equipe que vive a unidade do corpo de Cristo promove a camaradagem e a unidade seguindo o exemplo de Jesus, crescem mutuamente em honestidade, humildade e apoio cristão.

Visando a melhor organização e funcionamento do time, organize a equipe em subfunções, designe responsabilidades de liderança diante de todo o grupo. Siga os códigos de cuidado do missionário: procure seu bem-estar físico, mental, social e espiritual. Organize atividades que promovam a convivência saudável e a atenção desses tópicos.

As missões OYiM vivas ocorrem em equipes bem multifacetadas e com integrantes de diferentes culturas. O que não deve ser um obstáculo à unidade do povo de Deus, mas uma oportunidade de conhecimento e novas amizades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não nos interprete mal, a última coisa que desejamos é que o projeto OYiM acabe. A nosso ver, essa é talvez a iniciativa mais revolucionária e abrangente que a IASD tem atualmente para despertar e, ao mesmo tempo, acender um espírito missionário nas novas gerações.

Poderia ser esta, parte da solução, em termos de estratégia missionária para, a) formar uma geração que entre na janela 10/40 e atenda a grande necessidade de missionários transculturais naquela região, b) incentivar uma cultura evangelística e missionária na igreja local, c) a formação, treinamento e preparação de um grande exército de missionários que proclamem a tríplice mensagem angélica nas grandes cidades do mundo, d) e muitos outros.

Então, o que pretendíamos ao identificar oito formas de exterminar OYiM? Nada mais que dar visibilidade aos erros presentes, muito comuns e curiosamente já investigados no movimento missionário cristão das MCP.

Os estudos encontrados não foram aplicados a um universo adventista, muito menos ao programa OYiM. Mas neles conseguimos encontrar princípios e características saudáveis que tentamos contextualizar e aplicar à nossa realidade. Essa área ainda carece de estudos a respeito de casos de missões bem-sucedidas, a história do movimento OYiM, o regresso dos missionários à igreja local, o impacto na igreja anfitriã e a sustentabilidade financeira do projeto.

Esperamos fomentar uma cultura de investigações e propostas que possam aprimorar cada vez mais essa iniciativa missionária e garantir seu sustento a longo prazo.

REFERÊNCIAS

BAUMGARTNER, E. **Pasaporte para la Misión**. 2. ed. Flórida: Asociación Casa Editora Sudamericana, 2009.

- CAMPITELLI, C. Visión general del ministerio joven. **Acción Joven**, Primer Trimestre, p. 8-10, 2018.
- CÓDIGOS DE LA MEJOR PRÁCTICA A CORTO PLAZO Y DEL CUIDADO DEL MISIONERO. **Compañerismo Evangélico Canadá**. Disponível em: <<http://misionestransculturales.org/codigos-de-la-mejor-practica-a-corto-plazo-y-del-cuidado-del-misionero/>>. Acesso em: 30 abr. 2026.
- DIAS, M. **Evangelismo e Testemunho: A sua autêntica missão de apresentar Jesus às pessoas**. 1. ed. Tatuí, São Paulo: Editoração: Márcio Dias Guarda, 2013.
- FRIESEN, R. **The Long-Term Impact of Short-Term Missions on the Beliefs, Attitudes and Behaviors of Young Adults**. Th.D. diss. University of South Africa, 2004.
- GENERAL CONFERENCE YOUTH MINISTRIES. **Every Union One Year in Mission, Understanding the Vision of OYiM**. [S.l.: s.n.], 2018.
- LIVERMORE, D. **Serving with Eyes Wide Open: Doing Short-Term Missions with Cultural Intelligence**. Grand Rapids, MI: Baker Books, 2006.
- MINISTERIO JOVEN DIVISIÓN SUDAMERICANA. **Guía de Orientaciones: Un Año en Misión**. [S.l.: s.n.], 2016.
- SCHUETZE, D.; SETEINER, P. **Misiones Recíprocas: Misiones a corto plazo que sirven a todos**. 1. ed. Tradução: Heri e Gaggie Ayala. P&D Publishing, San Diego, California, 2017.
- SEVEN STANDARDS OF EXCELLENCE. **A code of best practice, for short-term mission practitioners**. SOE. Disponível em: <<https://soe.org/wp-content/uploads/Spanish-7-Standards-Brief-Overview-updated.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2026.

Os limites do uso da ficção para levar as novas gerações à Bíblia

Ficção é uma “prosa literária (freq. conto, novela, romance) construída a partir de elementos imaginários calcados no real e/ou de elementos da realidade inseridos em contexto imaginário”. Essa é a definição do Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2009) e, por meio dela, percebemos que a ficção pode estabelecer uma relação com o mundo real, na medida em que ela parte de pressupostos conhecidos para apresentar o desconhecido. Trata-se do exercício da criatividade, relacionado ao pensar, ao imaginar, e ao uso do raciocínio, faculdade atribuída a nós pelo próprio Deus ao nos criar, sendo uma das principais características que nos distinguem das demais criaturas. A capacidade de pensar possibilita ao ser humano o ato de criar sob diversos aspectos, expressando-se de maneira artística e literária. No que diz respeito à literatura, tão logo se normatizou a comunicação, a humanidade passou a escrever, a relatar o fato e a elaborar ornamentos linguísticos para representá-lo; tais recursos não são necessariamente a expressão da verdade, mas a apresentam de alguma forma. Portanto, são esses recursos advindos da imaginação humana que denominamos ficção.

BASEADAS EM FATOS REAIS: HISTÓRIAS DE FICÇÃO COM RELATOS DA BÍBLIA E SEU DESDOBRAMENTO

Na literatura cristã, a ficção é amplamente utilizada. J. R. R. Tolkien, autor de *O Senhor dos Anéis* (1987), e C. S. Lewis, que escreveu *As Crônicas de Nárnia* (2015), são, possivelmente sejam os maiores expoentes nessa categoria. Suas obras cresceram tanto em popularidade, que se tornaram filmes de sucesso. Esses escritores ainda dividem a opinião da comunidade evangélica por causa de sua ousadia literária ao fazer uso tão amplo da ficção para expor mensagens espirituais.

No contexto adventista do sétimo dia, vários escritores se valem da ficção como um recurso literário para atrair jovens leitores. Entre eles, June Strong, autora de *A Canção de Eva* (1998) e *Projeto Sunlight* (2011); Bradley Booth, autor de *Milagres do Manto* (2014) e *Aventuras na Galileia* (2015); Jerry D. Thomas, autor de *Detective Zack* e *os Segredos na Areia* (2010); Denis Cruz, autor de várias obras ficcionais, como *Além da Magia* (2009) e *O Livro Amargo* (2012);

Michelson Borges, autor da série *Grandes Civilizações* e *A Descoberta* (2013), este em parceria com Denis Cruz; Neila D. Oliveira, autora de *Vaso de Barro* (2016), *Travessia em Mar Aberto* (2011) e outros; além de Douglas Reis, autor de *Paixão Cega* (2011).

Em geral, os autores partem do realismo para construir suas narrativas ficcionais. Dentre os que fazem isso, alguns tomam o cuidado de tornar claro que escrevem uma ficção, mas baseada em fatos, e se preocupam em não violar a história original. Praticamente todos os citados no parágrafo anterior se encaixa nessa categoria.

Outros autores de ficção, sem apego ao realismo, avançam na criatividade, ainda que o leitor não perceba nem seja notificado de que parte do texto é apenas fruto da imaginação de seu autor. Quando isso ocorre, a literatura pode ganhar em estética, mas o compromisso com a verdade e a responsabilidade com a espiritualidade em formação são postos em risco.

Que outros impactos, positivos ou negativos, podem atingir o jovem com a espiritualidade em construção quando os fatos contidos em uma obra ficcional são claramente extraídos da Bíblia, a Palavra de Deus?

Para começar, é preciso ressaltar que esse recurso tem conferido graça e leveza às letras de música, às peças de teatro, às obras literárias e aos poemas baseados no relato bíblico. Em uma construção literária, a analogia pode favorecer a compreensão popular da verdade que se pretende apresentar, obviamente ampliando seu alcance. Segundo Walty (1985, p. 50), “através da ficção, pode-se desvendar o real”.

Em seu artigo “Ellen G. White e a ficção literária”, Torres (2013) observa que as próprias Escrituras contêm passagens que se utilizam da ficção literária. Como exemplos, o autor cita o apólogo de Jotão, em Juízes 9:7–15, e a parábola do rico e Lázaro (Lc 16:19–31), evidenciando que o próprio Cristo recorreu a recursos ficcionais. Além disso, a parábola do joio e do trigo (Mt 13:24–30) sugere que a realidade nem sempre deve ser abordada por meio de rupturas drásticas, mas sim pela compreensão de que existem aspectos da existência humana que exigem uma abordagem gradual.

Nesse sentido, a literatura é apresentada como um instrumento de amadurecimento para a visão de mundo, embora a busca pelo equilíbrio deva ser constante. Corroborando essa perspectiva, Ellen White defende que a apreciação do talento literário não constitui uma transgressão, desde que tal admiração não se converta em idolatria. Por conseguinte, Torres (2013) propõe que a seleção literária seja pautada pela moderação e pela ponderação reflexiva, assegurando que a leitura atue como um enriquecimento da experiência humana, e não como um mecanismo de controle sobre ela.

É válido ressaltar, por exemplo, que o próprio Jesus Cristo fez uso da ficção ao apresentar as parábolas, tornando a simbologia elemento muito comum em Suas falas e ensinamentos registrados nas Escrituras Sagradas. Portanto, a ficção cumpre um papel muito importante na divulgação da Palavra de Deus. Ela simplifica, esclarece, exemplifica e ensina por analogia a mensagem que está nas páginas da Bíblia, muitas vezes, proporcionando uma busca à leitura original do texto sagrado, o que, obviamente, é um resultado positivo na reflexão sobre esse assunto. Uma ficção bem construída gera identificação do leitor com a trama.

Então, como a ficção atrelada ao texto bíblico pode exercer uma influência perigosa para a espiritualidade do jovem leitor? Segundo a obra *Psicologia da Adolescência*, da psicóloga Fernanda Parolari Novello, “na adolescência, Deus renasce de uma forma diferente em todos os níveis da sociedade”. Além disso, “Como religião é um elemento de contestação, é atacada indistintamente, seja ela qual for. O questionamento do jovem é a busca pessoal de seu sentido de vida. Em resposta às dúvidas, torna-se presa fácil de seitas novas e muitas vezes perigosas” (Novello, 2009, p. 172–173).

Portanto, segundo Novello, a formação da espiritualidade está relacionada à busca pelo sentido da vida. Assim, na avaliação de tudo o que lhe é ofertado sob o ponto de vista existencial, o jovem constrói uma visão espiritual que possivelmente o acompanhará. Tal premissa torna fundamentalmente relevante o contato do jovem com a Bíblia, como Palavra de Deus, e não meramente como uma obra literária.

No entanto, de acordo com a BBC News e a revista Christian Today, uma pesquisa foi realizada em 2015 na Inglaterra com 4.000 pessoas entre 18 e 34 anos de idade, das quais 57% diziam ser cristãs, e demonstrou que quase metade das pessoas não acredita em um Jesus, considerando-O uma figura ficcional. Entre os que admitem Sua existência real, 43% creem na ressurreição, porém com ressalvas quanto à literalidade do relato bíblico. Esses dados englobaram cristãos e não cristãos; contudo, no recorte específico dos cristãos, menos de 10% revelaram o hábito de leitura bíblica regular.

Apesar da ausência de investigações análogas contemplando especificamente a juventude cristã no Brasil, a realidade nacional possivelmente apresenta contornos semelhantes. Segundo a última edição do *Projeto Retratos do Brasil*, realizada pelo Instituto Pró-Livro¹, a população brasileira tem pouco hábito de leitura. As motivações declaradas distribuem-se da seguinte forma: gosto pessoal (25%), atualização cultural ou conhecimento geral (19%), distração (15%), motivos religiosos (11%), crescimento pessoal (10%), exigência escolar ou acadêmica (7%), atualização profissional ou exigência do trabalho (7%), outros (1%) e 5% não responderam. Em um cenário de crise cultural, apenas 11% da população busca a leitura por motivação religiosa – índice que abrange não somente a Bíblia, mas toda a produção editorial cristã no território nacional.

Esses indicadores evidenciam que: (1) a leitura é uma prática escassa; (2) uma parcela expressiva de cristãos não se aprofunda no conteúdo bíblico para permitir a transformação pessoal pretendida pelo texto; e, (3) mesmo sem o exame adequado das Escrituras, boa parte desse grupo convenceu-se de que a figura central do cristianismo – Jesus Cristo – constitui apenas um personagem ficcional. Essa descrença pode ser gerada de forma súbita, por meio da decepção, ou gradativamente, pela dessensibilização sistemática em relação aos temas da fé.

Conclui-se que, toda vez que a Palavra de Deus é questionada, a própria natureza divina é posta em dúvida. Quando a figura da Bíblia é reduzida a uma

¹ Para mais informações, ver: Instituto Pró-Livro. "Retratos da Leitura no Brasil – 4ª edição" in: http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf. Acessado em: 08 abr. 2026.

obra de ficção, a Bíblia perde seu caráter sagrado e passa a ser classificada, conforme o pensamento cético, com mera produção mitológica.

CONSTATANDO A FÉ

Em um estudo realizado nos Estados Unidos pelo *Barna Group* e divulgado em 24 de janeiro de 2018, detectou-se um crescente aumento de ateus. O que mais surpreendeu nesse estudo é que, entre os declaradamente ateus ou agnósticos, a proporção da geração Z (nascidos entre 1999 e 2015) era o dobro da população adulta. “Mais de um terço da geração Z (37%) acredita que não é possível saber com certeza se Deus é real” (*Barna Group*, 2018). Muitos deles tiveram educação cristã e, ao longo da adolescência e do início da juventude, experimentaram algum revés que os levou a uma ruptura com a fé, fazendo-os questionar a existência de Deus e Sua atuação efetiva na vida do cristão. Esses resultados são bastante próximos dos apresentados pela *BBC News* e pela *Christian Today*, em 2015, já citados. Em um país como o Brasil, com política e configuração social próxima às dos Estados Unidos, pode-se entender que as estimativas seriam as mesmas ou muito semelhantes.

O que pode ser considerado um revés apto a transtornar a fé de um jovem? Entre tantos fatores, destacam-se: (1) Orações não atendidas conforme os interesses do próprio jovem, o que lhe dá a impressão de não estar sendo ouvido por Deus; (2) Relacionamentos conturbados com os pais, que em geral são a representação da religiosidade da família; (3) Colocar em xeque o texto bíblico, de modo a ter dúvidas a respeito de sua veracidade. E a ficção correlacionada ao conteúdo bíblico pode inadvertida ou propositalmente, desempenhar esse papel.

J, O DESCONCERTANTE E FASCINANTE PAI DE JESUS QUE NÃO ESTÁ NA BÍBLIA

Um exemplo de que a ficção pode ser um agente para colocar em xeque a veracidade bíblica está no trabalho realizado por Robert Coover, um romanista norte-americano, autor do livro *Pricksongs and Descants* (1970), que contém contos de fadas e relatos bíblicos. Em um desses contos, intitulado *J's Marriage*, Coover pretende lançar um olhar paralelo ao que está descrito

no texto sagrado. Para isso, ele parte do conhecido relato do nascimento de Jesus, mas sob a suposta ótica de J (ou José). A partir daí, em vez de o texto de Coover acrescentar dados, contextos e informações que possam ser úteis para entender o tempo e o local em que a história se passou – a fim de torná-la vívida ao leitor –, o autor cria um ambiente de intriga e desconfiança. J e Maria ingressam em um casamento de fachada, porque Maria está grávida, e J é apenas um elemento funcional na história, já que o filho de Deus precisa de um pai na Terra, função que, segundo Coover, J recebeu da própria Maria, sem qualquer aviso divino. O relacionamento marital abordado com minúcias, descrevendo as tentativas fracassadas de J de ter intimidade com a esposa. O J de Coover não reconhece em Jesus a figura do Messias e possui uma vida sem sentido, duvidando de todos, até mesmo de Deus.

Analisando a obra de Coover, a pesquisadora Sylvestre (2008, p. 150, *grifo nosso*) conclui que:

O conto em questão realiza uma crítica aos textos tidos como verdade, como os da Bíblia. Através de um fato histórico – o bíblico – Coover força o leitor a repensar o passado histórico da bíblia, através de sua ficção, e enfatiza, também, o caráter ficcional da história de Maria e José da Bíblia. Agindo assim, Coover muda o olhar dos leitores, que passam a questionar a veracidade do texto sagrado tal como ele chega ao homem hoje e percebem que ficção e história se equivalem enquanto construções narrativas.

Obviamente a obra de Coover destoa com exagero do texto bíblico. No entanto, tendo em vista a atração que a ficção exerce sobre os leitores – por seu poder de prender a atenção, encantar, intrigar, fascinar, fazer o leitor visualizar as cenas e ansiar por seu desfecho –, não é difícil que um ávido apreciador de literatura ser capaz de abrir mão do relato bíblico para deter-se um outro olhar. Há o risco, inclusive, de que, envolvido pela narrativa, o leitor

passa a compreender o fato como ficção e a ficção como fato. Isto também não está na Bíblia!

Para os jovens leitores convictos de seu cristianismo, talvez um conto como *J's Marriage*, de Coover, não represente uma ameaça à espiritualidade, mas há mais saberes aparentemente bíblicos que, na realidade, não constam no texto sagrado, como veremos abaixo:

1. É possível, por exemplo, que alguém afirme que a Bíblia menciona o profeta Elias sendo levado ao céu em uma carruagem de fogo, quando o relato bíblico descreve um carro de fogo, com cavalos de fogo, apenas passando entre Elias e Eliseu, para separá-los; e, em seguida, Elias sobe “ao céu num redemoinho”;
2. Ademais, os reis magos não eram reis nem estiveram na estrebaria para presentear o menino Jesus, recém-nascido. Quando foram levar as ofertas, os magos entraram na casa em que o menino, com aproximadamente dois anos, morava com seus pais.
3. Na parábola das dez virgens, não há menção a cinco virgens loucas que dormiram e cinco virgens prudentes que ficaram acordadas. Na história contada por Jesus, o noivo tardava, todas dormiram e, quando se ouviu um grito dando conta de que ele tinha chegado, todas acordaram. As loucas não tinham azeite suficiente em suas lâmpadas, pediram emprestado às prudentes, foi nesse momento que perderam a chegada do noivo.
4. Certamente causaria espanto descobrir que a Bíblia não relata nada a respeito de Saulo caindo de um cavalo a caminho de Damasco, por mais que isso pareça plausível, dada a distância que ele percorria e a pressa que aparentemente tinha em capturar homens e mulheres seguidores de Jesus.

Portanto, convém não acreditar cegamente nessas tradições. É preferível conferir as informações na fonte primária, a Bíblia: 2Reis 2:11; Mateus 2:1, 7, 11, 16; Mateus 25:2-7; Atos 9:1-9. Existem, ainda, outros aspectos de relatos bíblicos amplamente divulgados, mas não se encontram no texto original.

Em que momento da caminhada cristã as pessoas incorporaram esses e muitos outros “detalhes” à história bíblica original, reproduzindo-os até os nossos dias? Hoje, é pretensioso tentar identificar como essas pequenas ficções foram criadas e ganharam crédito a ponto de serem mencionadas até mesmo em púlpitos como se fossem verdades.

Para tornar essa reflexão ainda mais ampla, é importante observar que não são apenas as histórias bíblicas que sofrem essas corrupções. Há muitos conceitos e conselhos popularmente creditados à Bíblia que, de fato, não nela constam. Como tais afirmações não estão presentes no texto, seria necessário ler as Escrituras na íntegra para atestar a veracidade desta observação. Dentre esses ditados, destacam-se: “Deus é o Médico dos médicos”, “Mente desocupada é oficina de Satanás”, “É dando que se recebe” e “A voz do povo é a voz de Deus”. Para não creditar à Bíblia textos que não lhe pertencem, além da investigação acurada por meio da leitura metódica, cabe inquirir àqueles que mencionam tais expressões sobre a localização exata de sua fundamentação bíblica.

Ditados populares que ganharam o crédito de pertencerem à Bíblia, mas que de fato não estão ali registrados, causam danos à fé de alguém? O que a queda de Saulo – com cavalo ou sem cavalo – tem a ver com a salvação das pessoas? Por que um ou outro detalhe acrescentado pela tradição oral pode desencaminhar um recente leitor das Escrituras? Quando um jovem leitor descobre que essas partículas não estão realmente no texto sagrado, existiria o risco de ele lançar dúvida sobre a Bíblia ou sobre os livros que apresentaram narrativas ficcionais baseadas no relato bíblico? Se confrontado, esse jovem teria argumentos para defender a veracidade da Bíblia, tendo em vista que, em algum momento de sua jornada espiritual, seu conteúdo lhe foi apresentado de forma corrompida?

PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO DE OBRAS DE FICÇÃO

Na infinidade de produtos literários que seguem o gênero ficcional para abordar conteúdos bíblicos, como avaliar, de maneira prática, quais poderiam ser benéficos para o crescimento espiritual e de fato aproximariam o jovem da

Palavra de Deus? Quais poderiam trazer alguma dificuldade ou, até mesmo, colocar em dúvida a veracidade do texto sagrado?

A ficção pode ser adotada para leitura ou produção literária, contudo, não deve comprometer o relato bíblico nem desestimular o uso da própria Bíblia. Afinal, a história com detalhes ficcionais deve ser o retrato, mesmo que contextualizado, das histórias encontradas nas páginas sagradas.

O Departamento de Educação da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia lançou, em 1971, um documento para nortear o ensino de literatura nas escolas adventistas, o *Guide to the teaching of literature in Seventh-day Adventist schools*. Segundo esse documento, a escritora Ellen White, cujos escritos são referência para os cristãos adventistas do sétimo dia, criticou duramente os livros que seguem esse gênero literário. No entanto, ela teria usado

o termo “ficção” para se referir a obras com as seguintes características: (1) viciantes; (2) sentimentalistas, sensacionalistas, eróticas, profanas ou inúteis; (3) escapistas, fazendo com que o leitor se volte para um mundo de sonhos e seja incapaz de lidar com os problemas da vida cotidiana; (4) que inabilitam a mente para o estudo sério e a vida devocional; e (5) que consomem tempo carecem de valor (1971, p. 4).

Desse modo, estabeleciam-se critérios para a rejeição de determinado tipo de ficção; mas qual seria aceitável escolher? O documento também contempla esse aspecto. Em instituições educacionais adventistas, ambiente essencialmente frequentado por crianças, adolescentes e jovens, uma boa obra de ficção deve: 1) “Ser uma arte séria. Isso levará a uma visão significativa da natureza do homem na sociedade e será compatível com os valores adventistas do sétimo dia”; 2) “Evitar o sensacionalismo (exploração do sexo ou da violência) e o sentimentalismo (exploração de sentimentos mais brandos em detrimento de uma visão de vida sã e equilibrada)”; 3) “Não ser caracterizada por palavrões ou linguagem grosseira e ofensiva”; 4) “Evitar elementos que pareçam fazer o mal desejável ou insinuar que a bondade seja trivial”; 5) “Evitar histórias simplórias, cheias de suspense ou dominadas por enredos que estimulem uma leitura apressada e superficial”; 6) “Estar adaptada ao

nível de maturidade do grupo ou indivíduo” (1971, p. 3, 4). Obviamente, essas orientações relacionam-se a quaisquer tipos de ficção.

Na trajetória cristã, é essencial crer que a Bíblia é a expressão da verdade. Por isso, é imprescindível que qualquer alteração do seu conteúdo original seja explicitamente comunicada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ficção desempenha um importante papel na sociedade, visto que pode exercer influência psicológica, e até material ou científica. Na literatura, ela tem sido utilizada como um facilitador da comunicação.

Na literatura cristã, a ficção demonstra utilidade ao representar a mensagem bíblica. Essa relevância fundamenta-se na premissa defendida pelo professor adventista Scott Moncrieff (2008), para quem nenhuma narrativa constitui uma exposição exclusiva de fatos históricos, visto que toda história exige uma estruturação para ser comunicada. Segundo o autor, o escritor seleciona recortes específicos – início, meio e fim – de um fluxo ininterrupto de eventos reais. Moncrieff argumenta que, mesmo em relatos baseados na realidade, as exigências narrativas frequentemente extrapolam os dados disponíveis; a ausência de diálogos literais ou a existência de lacunas fáticas impele o autor a deduzir motivações e a recorrer à justaposição de eventos e à criação de diálogos.

Constatamos que a literatura cristã tem oferecido materiais criteriosos. No entanto, quando uma obra se propõe a tornar a Bíblia mais acessível ou atraente a determinados públicos e, para isso, vale-se da ficção mesclando-a indiscriminadamente a fragmentos da história bíblica, ela expõe perigosamente a Palavra de Deus a um julgamento inadequado por parte dos leitores.

Com a crescente dessacralização do sagrado na atual sociedade, surgem grupos humorísticos que satirizam importantes símbolos do cristianismo. Se o respeito à Bíblia for violado, como assegurar que a juventude preservará tal reverência, evitando uma crise espiritual? Nesse raciocínio, obras ficcionais alusivas à Bíblia necessitariam de uma cuidadosa avaliação antes de serem

publicadas, a fim de detectar os benefícios, os malefícios ou a neutralidade de seu conteúdo diante do texto bíblico original.

A produção, a publicação e a adoção de livros ficcionais cristãos precisam de critérios ao serem referendadas. Apesar de não se entender que haja um problema com o gênero ficcional em si – haja vista sua utilidade na compreensão de uma mensagem –, não se pode incautamente acreditar que uma obra ficcional, em especial a correlacionada à Bíblia, seja neutra e não surta efeito positivo ou negativo no leitor, a médio ou longo prazo.

Assim, o presente artigo se presta, principalmente, a dois propósitos:

O primeiro deles é convocar uma reflexão quanto às obras de ficção que se coadunam com o texto bíblico, a fim de que sejam produzidas com responsabilidade em relação ao original. Tomando o *Guide to the teaching of literature in Seventh-day Adventist schools* como referência para estabelecer diretrizes, pode-se usar seus critérios e acrescentar outros: 1) Não distorcer os fatos da história. O novo texto deve facilitar a compreensão do que já está revelado, e não confundir o leitor ou induzi-lo à dúvida; 2) Não acrescentar informações que não possam ser confiavelmente sustentadas; 3) Quando houver personagens ficcionais, eles devem ser claramente descritos como tais no início da obra, a fim de evitar confusão e indicar, ainda que indiretamente, que os demais personagens são reais; 4) Fornecer ao leitor a localização da história no conteúdo bíblico. Citar o livro, o capítulo e os versículos poderão, efetivamente, conduzir o leitor da ficção à leitura da Bíblia, a fim de constatar o relato em sua obra original.

O segundo propósito deste artigo é apelar à leitura da Bíblia original – atividade acessível ao leitor brasileiro – capaz de preservar o jovem cristão, e qualquer leitor, de ser induzido a equívocos.

REFERÊNCIAS

- Barna Group. Atheism Doubles Among Generation Z. **Barna**, 24 jan. 2018. Disponível em: <https://www.barna.com/research/atheism-doubles-among-generation-z/>. Acessado em: 08 abr. 2026.
- BBC News. Jesus 'not a real person' many believe. **BBC**, 31 out. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/uk-34686993>. Acessado em: 08 abr. 2026.

COOVER, R. **Pricksongs & descants**. New York: New American Library, 1970.

GENERAL CONFERENCE OF SEVENTH-DAY ADVENTIST. Guide to the teaching of literature in Seventh-day Adventist schools. Washington, DC: General Conference of Seventh-day Adventist, 1971.

MONCRIEFF, S. E. "Adventistas e ficção: outra consideração". **Diálogo Universitário**. Disponível em: http://circle.adventist.org/files/CD2008/CD2/dialogue/articles/08_3_moncrieff_p.htm. Acessado em: 08 abr. 2026.

NOVELLO, F. P. **Psicologia da Adolescência**: despertar para a vida. São Paulo, SP: Edições Paulinas, 2009.

SYLVESTRE, F. A. **Mitos bíblicos e contos de fadas revisitados na metaficção de Robert Coover**. 205 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/entities/publication/b4932299-9f-82-4a71-b441-f3a4cf03fffc>. Acessado em: 08 abr. 2026.

TORRES, M. L. Ellen G. White e a ficção literária. **Kerygma**, Engenheiro Coelho, SP, v. 9, n. 2, p. 153–162, 2013. Disponível em: <https://revistas.unasp.edu.br/kerygma/article/view/88>. Acessado em: 8 maio. 2026.

VILLAR, M. S.; HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

VEJA. "Porta dos Fundos: especial de Natal da Netflix revolta grupos religiosos". Veja in: <https://veja.abril.com.br/religiao/porta-dos-fundos-especial-de-natal-revolta-grupos-religiosos/>

WALTY, I. L. C. **O que é ficção?** São Paulo: Brasiliense, 1985.

O efeito Dunning-Kruger em influencers adventistas sul-americanos de língua hispânica

É Umberto Eco quem relata – não sem humor e ironia – o que lhe aconteceu em uma viagem a Londres em 1986 (Eco, 2020). Aproveitando sua estadia, adquire num mercado um interessante pedaço de salmão congelado. Como terá de ficar vários dias no hotel, esvazia a pequena geladeira do quarto. Retira todas as latas de refrigerante e as garrafinhas de vinho e as guarda na gaveta do armário. Em seguida, deposita seu precioso tesouro gastronômico no refrigerador. Com assombro e pesar, ao retornar de uma de suas confraternizações, descobre que o peixe foi colocado sobre a mesa e que a geladeira está novamente repleta de cervejas e vinho. Com paciência, o grande escritor italiano esvazia a geladeira mais uma vez e recoloca o salmão. Ao retornar ao quarto no dia seguinte, depois do trabalho, ocorreu o mesmo. O salmão jazia sobre uma grande poça de água em cima da mesa, e a geladeira transbordava de licores e bebidas. Havia sido preenchida novamente.

Finalmente, na hora do *check-out*, Eco descobre com assombro a cifra astronômica que lhe cobram pelo consumo de bebidas. Em vão tenta explicar ao funcionário que não consumiu nada, que apenas as guardou em uma gaveta para colocar o peixe na geladeira. A resposta que recebe o estupefaz: o sistema diz que é preciso pagar (é “a invasão dos computadores”, ao dizer de Eco) porque a geladeira foi preenchida várias vezes. Em vão ele argumenta que é impossível que um ser humano consuma tantas bebidas em dois dias, mas sua reclamação não tem validade. Se o computador diz assim, é preciso pagar. “Meu editor agora está furioso. O salmão está intragável. Meus filhos me disseram que eu deveria beber um pouco menos”, conclui.

Em tempos tecnológicas, é complexo “viajar com um salmão”. Diante dessa realidade, seria também difícil comunicar nossa mensagem adventista distintiva de forma didática e criativa, a fim de alcançar as novas gerações? A tecnologia é benéfica quando se sabe utilizá-la: é útil quando se extrai dela o melhor proveito. Trata-se de uma ferramenta poderosa, desde que mediada pelo bom senso.

Vivemos em tempos complicados. A chamada “morte do especialista” (Nichols, 2017; ver também Deresiewicz, 2021) desembocou numa multidão de jovens que desconhecem o ABC das doutrinas bíblicas, mas as ensinam

nas redes. Essa instrução nem sempre é positiva e, muitas vezes, possui uma interpretação bíblica errônea. Por isso, em diversas ocasiões, observamos um profundo desconhecimento das doutrinas fundamentais da Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD). Em essência, a maioria dos influencers não age por má fé. A priori, esses indivíduos agem com boas intenções em diversos casos; em outros, porém, geram confusão. “Eu entendo assim”, disse-me um jovem adventista. “Não creio no que o senhor ensina porque (nome do influencer) me explicou de outra maneira”. Tal situação ocorreu-me dezenas de vezes. Semanalmente, vejo vídeos e postagens no Instagram em que jovens – com expressivo número de seguidores – emitem mensagens que não são plenamente corretas do ponto de vista bíblico. O perigoso reside na mistura da verdade com o erro. Não se trata de um erro puro. Para ilustrar, é como à água pura contaminada por uma pequena dose de veneno, cujo consumo é extremamente nocivo.¹

Entra em jogo aqui uma teoria que em psicologia social se conhece como efeito Dunning-Kruger (EDK)². Trata-se de um viés cognitivo no qual indivíduos com baixo desempenho tendem a superestimar suas próprias habilidades, enquanto indivíduos altamente competentes tendem a subestimá-la. Nos primeiros, tal fenômeno resulta em uma percepção de superioridade ilusória.

Dentre as conclusões que esses autores extraíram de suas pesquisas na Universidade de Cornell (Nova Iorque, EUA), destacam-se as seguintes (Dunning; Kruger, 1999): 1) indivíduos com proficiência limitada tendem a superestimar seu próprio desempenho; 2) tais indivíduos geralmente carecem da habilidade de reconhecer a competência alheia; 3) esses sujeitos não conseguem perceber a disparidade entre sua percepção e sua real competência;

¹ Tudo isso conduz a uma nova hermenêutica. Existe uma teologia inclusiva que quer desconstruir a interpretação tradicional da Bíblia. Isso nos arrasta ao que se chama de “Igreja Emergente” ou “Igreja Progressista”, um movimento espiritual que se opõe ao que denominamos “Igreja Tradicional” e que possui posturas equivocadas acerca do caráter de Deus e de como o homem pode obter a salvação. Lamentavelmente, essas ideias vão permeando a IASD. Agora, e graças a esses especialistas em “nada”, é possível acessar uma religião à la carte, onde cada um faz o que quer (e assim desenvolve sua vida cristã, sob o lema “Deus me ama e você não pode me dizer nada de ruim porque senão me sinto julgado/a”). Desse modo, as tendências espirituais do mundo de hoje baseiam toda a sua “Teologia” no que uma pessoa sente ou experimenta. As histórias de relatos, as meditações bíblicas lights e a música atraente transformam o culto em uma espécie de entretenimento. Assim, quando se estuda a Bíblia de maneira sistemática, ela parece árida, fria e entediante (cf. Dorneles, 2020).

² Doravante será utilizado a abreviação EDK.

4) quando submetidos a treinamento para aumentar suas capacidades, tornam-se aptos a reconhecer sua incompetência pretérita.

Sob esse prisma, o EDK pode ser aplicado aos influenciadores que abordam temas teológicos. Eles creem que sabem e se superestimam, atingindo um público variado e numeroso. Por sua vez, os profissionais da Teologia, que possuem um conhecimento claro do que a Bíblia ensina e o que não ensina, não se atrevem resolutamente a pregar com as novas tecnologias, nem tentam fazê-lo de maneira criativa. Atualmente, não são muitos os pastores e docentes que conseguem cativar os jovens nesses assuntos doutrinários. Pelo contrário, outras vezes que não contam com toda a instrução necessária conseguem atrair as novas gerações.

É preciso entrar em ação para ajudar as novas gerações a estudar e a entender corretamente a Bíblia. A encruzilhada de caminhos torna esta situação totalmente relevante, dado que, por um lado, contamos com quem tem alcance junto ao nosso público-alvo, mas não possui o conhecimento adequado; e, por outro, temos quem possui os conhecimentos adequados, mas não tem alcance. A solução reside na integração de ambos.

DE OLIVER TWIST A IBAI LLANOS

“É muito pequeno!” – a surpresa da senhora Sowerberry, esposa do dono da funerária onde trabalharia Oliver Twist (de nove anos, recém-saído do orfanato). “Sim, é bastante pequeno, mas não se preocupe, senhora”, disse o senhor Bumble, “já vai crescer” (Dickens, 1837).

É sabido que *twist*, em inglês, significa giro. Nessa obra clássica de Dickens, a vida de Oliver sofre uma guinada – de fato, um giro de 180° – inesperada e culmina em um final feliz. Entretanto, antes do desfecho, o protagonista atravessa um sem-fim de peripécias urbanas. Assim, esse primeiro romance inglês a ter uma criança como protagonista é também um dos primeiros romances sociais na história da literatura. A transição da infância para a vida adulta, sem escalas, estava consumada.

“Quem é Ibai Llanos?”. A pergunta foi lançada ao ar sem qualquer traço de ironia por Gustavo López (53 anos), em um dos programas radiais esportivos

mais ouvidos da Argentina. O questionamento teve uma origem específica: um destacado jogador de futebol não lhe concedera uma entrevista, optando por falar a um tal Ibai Llanos (26 anos). López atua na ESPN, a rede esportiva internacional mais reconhecida do mundo. Entre suas atribuições no rádio e na televisão (meios tradicionais), permanece sete horas no ar diariamente; trata-se de um verdadeiro especialista.

Por sua vez, Llanos é um influente *streamer* espanhol que conta com mais de sete milhões de seguidores na plataforma Twitch. Com um estilo descontraído e informal, convoca para suas transmissões um amplo leque de atletas e artistas. Como se sabe, não é especialista em área alguma.

“Falta apenas que Messi fale com Ibai agora. Antes, eu perdia a pauta para jornalistas experientes; agora, pero para o Ibai”, expressou em 26 de abril de 2021 (Lopez, 2021). Seu vaticínio pessimista cumpriu-se com folga quase quatro meses depois, em 11 de agosto de 2021. Nesse dia, Lionel Messi foi apresentado como jogador no PSG, em Paris. Milhões de pessoas aguardavam ansiosamente por esse acontecimento. Milhares de jornalistas almejavam entrevistar o astro argentino, mas nenhum obteve êxito, à exceção de Ibai Llanos. Ele entrevistou Messi com exclusividade. Inclusive, Llanos estava no gramado e indagava a todos, de maneira sarcástica, se haviam visto López. “Não está, não o temos visto até o momento. É certo que verificamos várias personalidades e não estava”, declarou (Llanos, 2021). Enquanto o influenciador pisava o gramado do Parque dos Príncipes, o profissional esportivo acompanhava a notícia transcendental confinado em um estúdio de televisão em Buenos Aires. A “morte do especialista” estava consumada.

Sim, Oliver Twist crescerá e se tornará um homem; e Gustavo López terá de se resignar às novas regras das audiências das redes sociais.

Desde o século 19 até a atualidade, os Oliver(s) e os Gustavo(s) sobreviveram como puderam, sob a esperança de uma mudança – ainda que esta os amparasse tenuemente. Nunca foi fácil para as novas gerações adaptar-se ao *status quo*, nem para a geração anterior compreender os novos fenômenos aos quais foi exposta.

PASTORES ANALÓGICOS, JOVENS DIGITAIS

De fato, os tempos mudaram. A realidade contemporânea aponta que, em uma população global de aproximadamente 7,476 bilhões de habitantes, 50% são usuários de internet e 37% possuem contas em redes sociais – totalizando cerca de 2,789 bilhões da população mundial! (Igado, 2021). O nível de desenvolvimento tecnológico é inaudito. Já na década de 1960, Marshall McLuhan posicionava a televisão no centro da vida familiar, política e social, argumentando que o meio exige a participação holística do ser: “Não funciona como um segundo plano. Nos compromete... projeta suas imagens sobre nós. Somos a tela... nos envolve”, escreveu. Complementarmente, o autor afirma que, mercê da televisão e do telefone, habitamos um mundo de que graças à televisão e ao telefone vivemos “flamante repentinidade” (McLuhan; Fiore, 1964).

Consideremos, portanto, as implicações hodiernas das redes sociais, das plataformas de vídeo e o conteúdo *on-demand*. os vídeos do YouTube e a televisão “à la carte” como a Netflix. No dizer de Sá Martino (2020), os meios de comunicação não são mais instâncias externas à sociedade, vinculadas a ela apenas de forma episódica. Pelo contrário, eles estão dentro da sociedade, conectando indivíduos – que não são mais apenas receptores, mas também autores e emissores (Sá Martino, 2020). Ao que parece, a internet e tudo o que ela implica têm longa vida. A metáfora borgeana da “rede de redes” ganha hoje muito sentido. Ele prediz: “A Biblioteca perdurará: iluminada, solitária, infinita, perfeitamente imóvel, armada de volumes preciosos, inútil, incorruptível, secreta” (Borges, 2000).

Por isso, como líderes de jovens e como igreja, devemos estar presentes nas redes, visto que é nelas que hoje os jovens desenvolvem seus relacionamentos e adquirem seus conhecimentos. Assim, “o Evangelho deve fazer-se presente nessa nova realidade”, porque a rede não apenas configura uma nova linguagem que gera um novo pensamento, mas também um novo modo de ver, entender e julgar a realidade (Igado, 2021).

Sem dúvida, isso dá origem a um novo conceito de comunidade no qual os cristãos deveriam estar inseridos. Tal postura implica uma estratégia

de missão no campo das redes sociais, já que não se trata simplesmente de abrir uma conta no Instagram por mera formalidade e postar conteúdo esporadicamente.

Para trabalhar com essas ferramentas, é indispensável recorrer à ajuda e aos conselhos das novas gerações, pois são eles que melhor compreendem a linguagem das redes e suas implicações. Não obstante, estudos sobre o tema mostram que a apatia, o individualismo, a baixa tolerância à frustração e o desânimo são características marcantes dos *millennials* e *centennials*, que também são criativos, solidários e inconformistas. Extrair deles suas virtudes e ajudá-los a enfrentar seus desafios constituirá a tarefa do Ministério Jovem, tendo em vista que esses grupos “foram tratados como adultos durante a maior parte do tempo ao longo da história e agora foram infantilizados” (Kelly, 2016).

Outra problemática central que se enquadra nas características das novas gerações é o deslocamento dos temas da autoridade e da legitimidade para um segundo plano. Pouco importa se o emissor de um conselho ou de uma ordem é um pastor, um líder ou um professor. Para as novas gerações, a legitimidade é construída sob outros paradigmas, tal como comentava Lipovetsky (1986) em *A era do vazio* (em relação à escola) argumenta que o declínio da autoridade é mais evidente no ensino, onde o prestígio dos professores se desgastou rapidamente. Para o autor, o saber acadêmico foi banalizado e colocado no mesmo nível das informações de massa, resultando em um sistema educacional marcado pela apatia e pelo ceticismo dos alunos. Nesse cenário, a escola deixa de ser um local de disciplina rígida para se tornar um ambiente de desinteresse, onde os jovens permanecem sem motivação ou objetivos claros.

Estarão os jovens da igreja vegetando e sem motivações? Parece que o “exército de jovens bem-preparados” que proclamaria com celeridade a mensagem de um Salvador crucificado, ressuscitado e prestes a voltar (White, 1984) tornou-se uma utopia ou algo tão distante quanto os tempos de Ellen White. Muitos jovens na igreja são “aptos para fazer uma obra excelente”, mas “alcançam pouco porque tentam pouco” e “passam a vida como se não

tivessem nenhum grande fim a perseguir, nem nenhum ideal elevado a alcançar” (White, 1984).

No entanto, como empreendedores natos, os jovens das novas gerações realizam atividades. Uma delas é pregar nas redes sociais (principalmente no TikTok, no YouTube e no Instagram). Ninguém nega as boas intenções; contudo, como adverte o provérbio popular: “O caminho do inferno está cheio de boas intenções”. Por carecerem de uma preparação lógica e suficiente, muitos influencers emitem mensagens equívocas do ponto de vista bíblico. Alguns amparam-se em maneiras criativas e inovadoras de (re)interpretar o texto sagrado, enquanto outros evitam proferir a verdade de forma resoluta para guardar certas formas e não inquietar seus seguidores.

Além disso, esse fato se enquadra em duas questões que os próprios influencers costumam expressar:

1. Emitir mensagens de interpretação bíblica com formas criativas e inovadoras de contar uma história da Bíblia gera mais seguidores;
2. Não se comprometer a dizer as coisas como são (ou seja, “assim diz o Senhor”) em temas que podem ser objeto de debate (como o sábado, o aborto, a cultura LGBT+, etc.) os protege de ser cancelados e de perder seguidores.

Em ambos os casos, a reputação e o prestígio valem mais que a verdade bíblica. É mister, sem dúvida, um chamado de atenção para reencontrar esses jovens talentosos que tentam pregar pela Internet.

COMO CONVIVEM GUTENBERG E ZUCKERBERG

Sem temor de nos equivocarmos, poderíamos dizer que as novas gerações nascem e crescem ao abrigo da “Galáxia Zuckerberg” (usando uma expressão “McLuheana”). O criador do Facebook é hoje também o dono do WhatsApp e do Instagram, entre outras empresas. Todas elas estão congregadas sob uma *holding*: *Meta Platforms, Inc.* O nome “meta”, sem dúvida, faz alusão ao “metaverso” (literalmente “além do universo”) – uma realidade virtual que se pretende consolidar, na qual seres humanos interagem e compartilham experiências virtuais por meio de avatares.

Nesse sentido, as novas gerações são multialfabéticas, nativas digitais e transitam por múltiplas plataformas. Por sua vez, os integrantes da “Galáxia Gutenberg” são alfabéticos, imigrantes digitais e moldados pela linearidade da escrita impressa.

As inovações exponenciais conduziram ao que conhecemos como “brecha geracional”. Essa divergência de visões decorre das disparidades socioculturais dos contextos em que cada grupo se desenvolveu. Tal divisão manifesta-se claramente no que tange ao vestuário, à gastronomia, à música, aos costumes, às perspectivas, às crenças, ao consumo de conteúdo e ao uso das tecnologias.

Surge, então, a pergunta: como podemos conviver na igreja com esse marcado hiato que aumenta conforme os anos passam? Se não conseguirmos responder a esse questionamento, sempre cairemos no perigo de pensar que um dos extremos da divisão está correto, enquanto o outro está errado. Para que não exista “ruído” na comunicação e que a relação entre líderes e influenciadores não se torne uma Torre de Babel (onde cada um fala sua linguagem e torna-se presa da confusão e do abandono da missão), propõem-se estas cinco considerações:

1. Considerar que as novas gerações não são más em si e que têm grandes dons para servir. É mister considerar o conselho de Paulo aconselha seu filho espiritual, o jovem Timóteo: “Ninguém te despreze por seres jovem; pelo contrário, sê o exemplo dos fiéis na palavra, no procedimento, no amor, no espírito, na fé e na pureza” (1Tm 4:12). Longe do caminho da rebeldia, um jovem também pode ser exemplo. Da mesma forma, alguns versículos adiante, Paulo adiciona o seguinte ao conselho inicial: “Não repreendas asperamente o ancião; antes, exorta-o como a pai; e aos moços, como a irmãos; às mulheres idosas, como a mães; às jovens, como a irmãs” (1Tm 5:1–2, ARC). Ao seu turno, Joel 2 destaca o papel protagonista dos jovens no movimento remanescente, antes da Segunda Vinda. Sem dúvida, isso deve ser um fator de motivação e deve ser apresentado constantemente aos jovens. Tanto no AT quanto no NT, encontram-se muitos exemplos

de jovens que marcaram a história sendo utilizados por Deus para levar adiante Sua obra;

2. Considerar que Deus chama os líderes a fugirem dos extremos e a encontrarem um equilíbrio – um ponto em comum – no qual o obstáculo da lacuna geracional seja uma oportunidade de interação. As agendas dos adultos e dos integrantes das novas gerações devem complementar-se e coordenar-se. Não se deve fomentar a ideia de uma igreja segmentada, pois a Bíblia não respalda isso (Jl 2:28–29; Ap 19:5). Isso aprofundaria ainda mais as diferenças. Biblicamente, já sabemos o que acontece quando se buscam as agendas próprias; o caso de Roboão, ilustra-o perfeitamente (1Rs 12:1–24). Nem sempre o “novo” é o melhor, tampouco “as novas gerações” contribuem sempre com algo transcendente. Após a popularização da Internet, a democratização do conhecimento afastou os especialistas de seu papel, criando a falsa ilusão de que qualquer um pode vir a sê-lo – inclusive, o Ibai;
3. Considerar que é tarefa de todo líder capacitar, treinar, preparar e ser mentor dos jovens que buscam servir dentro da igreja nos ministérios on-line. Se há um eixo de unidade entre gerações, esta é a missão em comum que Deus deixou à Sua Igreja. Nesse sentido, as novas gerações são fundamentais, pois podem realizar uma obra que ninguém mais consegue. Esta é a sua notável responsabilidade: “Jovens homens e mulheres, Deus os chama a trabalhar, a trabalhar por Ele. Mudem completamente de conduta. Vocês podem fazer uma obra que os que servem por meio da palavra e da doutrina não podem fazer. Podem alcançar uma classe à qual o pastor não consegue comover” (White, 1984). Os especialistas não precisam morrer; podem educar os jovens e reinventar-se no cumprimento da missão.
4. Em relação ao ponto anterior, cada União deveria organizar seminários ou encontros de influenciadores com o objetivo de capacitá-los e instruí-los em temas teológicos. Esses eventos permitirão não apenas o intercâmbio cultural, mas também fortalecerão o compromisso com seu ministério e manterão viva a chama da missão. Nesse sentido, deveriam ser oferecidas obras de teologia, a fim de que os participantes se aprofundem nessa nobre área do conhecimento. Deveria existir, além disso, um registro dos

influenciadores de cada União e seus contatos, com o intuito de estabelecer uma comunicação célere.

5. Considerar que se devem realizar ações em conjunto que se afastem da verticalidade e se aproximem de uma gestão horizontal ou diagonal, na qual tanto influenciadores quanto especialistas dialoguem, planejem, troquem ideias e cultivem o senso de cooperação e mantenham a unidade sem personalismos. Hoje é tempo de levantar em cada igreja os David(s), os Ezequiel(s), os Daniel(s) e os Timóteo(s) que lá estão. Ao trabalhar com esses modelos bíblicos, os líderes podem ajudar a reforçar a identidade dos jovens e desafiá-los a ter um estilo de vida coerente com os conselhos do Criador, vivendo em santidade. Por outro lado, eles também serão um exemplo de integração com a comunidade da fé, aspecto que os ajudará a se desenvolver e crescer com boas bases e referências. Quando isso não acontece, corre-se o risco de que surjam casos como o de Sansão ou de Roboão (talentosos, mas desviados). É nosso dever zelar para sanar o hiato intergeracional com um plano estratégico e integrador.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A colisão de gerações não precisa fragmentar a unidade da igreja. Ao contrário, pode resultar em uma integração saudável que dissemine esperança.

Por meio das cinco considerações anteriores, é possível mitigar os efeitos do EDK em influenciadores adventistas, a fim de unir ideias, critérios e conteúdo para levar a mensagem adventista a todo o mundo nesta geração. Longe de ser uma quimera, isso deveria ser uma realidade.

Sim, os tempos mudam, mas nossa mensagem e nossa missão permanecem inalteradas. A mensagem adventista é relevante, mas deve ser compreendida pelas novas gerações como tal e, conseqüentemente, comunicada com eficácia. Esse será nosso ministério.

Temos plena ciência de que o inimigo é poderoso, mas o amparo divino é onipotente. Ainda assim, como líderes e pastores, não devemos ceder à distrações, nem ficar paralisados ou inertes sem fazer nada diante do avanço

das novas tecnologias. Para que não nos aconteça o mesmo é preciso seguir o conselho de White (2015, p. 42):

Nas cidades da atualidade, onde existem tantas coisas que atraem e agradam, não se pode lograr interessar o povo com esforços comuns. Pastores designados por Deus acharão necessário pôr em contribuição esforços extraordinários a fim de captar a atenção das multidões. E quando têm êxito em reunir grande quantidade de público, devem apresentar mensagens de um caráter tão diferente do acostumado que o povo desperte e se sinta admoestado. Devem usar todos os meios que lhes seja possível imaginar para apresentar a verdade de forma clara e distinta. A mensagem de prova para este tempo deve ser dada de forma tão simples e decidida que sobrepuje os ouvintes e os induza ao desejo de estudar as Escrituras.

Que não alcançaremos as novas gerações com esforços comuns é mais que evidente. Exige-se um trabalho extraordinário e a utilização de todos os meios disponíveis, sempre amparados na verdade bíblica que sustentamos.

Um provérbio popular diz: “Quando sopram ventos fortes, muitos têm medo e se escondem em cavernas; outros constroem moinhos de vento e enriquecem”. A mesma crise que amedronta a alguns é transformada por outros em trampolim para o êxito. Os ventos hoje sopram mais forte. Mediante esforços extraordinários, saíamos ao seu encontro.

Os detratores do novo dirão: “Todo tempo passado foi melhor...”

Os amantes das novidades exclamarão: “O melhor ainda está por vir...”

E, sem aderir a nenhum dos dois enunciados anteriores, daqui podemos exclamar: “Por que não agora... e juntos?”

REFERÊNCIAS

- BORGES, J. L. **A biblioteca de Babel**. Em: BORGES, J. L. Ficções. São Paulo: Planeta DeAgostini, 2000.
- DERESIEWICZ, W. **A morte do artista**. Madrid: Capitán Swing Libros, 2021.
- DICKENS, C. **Oliver Twist**. 1837. Disponível em: <<https://biblioteca.org.ar/libros/131510.pdf>>. Acessado em: 12 out. 2020.
- DORNELES, V. **Em busca do êxtase**. Buenos Aires: ACES, 2020.
- DUNNING, D.; KRUGER, J. Unskilled and unaware of it: how difficulties in recognizing one's own incompetence lead to inflated self-assessments. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 77, n. 6, p. 1121–1134, 1999. Disponível em: <<https://www.researchgate.net>>. Acessado em: 20 jul. 2022.
- ECO, U. **Como viajar com um salmão**. Buenos Aires: Lumen, 2020.
- IGADO, M. F. Presencia del clero español y latinoamericano en redes sociales. **Revista OBETS, [S. L.]**, v. 16, n. 1, p. 101–114, 2021. DOI: 10.14198/OBETS2021.16.1.07. Disponível em: <https://revista-obets.ua.es/article/view/2021-v16-n1-presencia-del-clero-espanol-y-latinoamericano-en-red>. Acessado em: 6 mai. 2026.
- KELLY, P. G. A theology of youth. **The Baptist Center for Theology and Ministry**, v. 13, n. 1, p. 5–12, 2016.
- LIPOVESKY, G. **A era do vazio**. Barcelona: Anagrama, 1986. p. 38–39.
- LLANOS, I. Declarações publicadas em 11 ago. 2021. Disponível em: <<https://www.lanacion.com.ar/deportes/ibai-llanos-se-acordo-de-gustavo-lopez-en-su-cobertura-de-la-presentacion-de-messi-en-el-psg-nid11082021/>>. Acessado em: 12 out. 2021.
- LOPEZ, G. Declarações publicadas em 26 abr. 2021. Disponível em: <<https://ar.marca.com/claro/trending/2021/04/26/6086d04146163fe7ad8b45a5.html>>. Acessado em: 12 out. 2021.
- McLUHAN, M.; FIORE, Q. **O meio é a mensagem**. Buenos Aires: Ediciones Paidós, 1988.
- NICHOLS, T. **The death of expertise: the campaign against established knowledge and why it matters**. Oxford: Oxford University Press, 2017.
- SÁ MARTINO, L. M. Mediatization of religion: three dimensions from a Latin American/Brazilian perspective. **Religions**, v. 11, n. 482, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/rel1100482>. Acessado em: 06 mai. 2026.
- WHITE, E. G. **O evangelismo**. Buenos Aires: ACES, 2015.
- WHITE, E. G. **Mensagens para os jovens**. Buenos Aires: ACES, 1984.

A tendência de crescimento dos “sem religião” entre os jovens brasileiros e o posicionamento dos jovens adventistas nesse contexto

É de conhecimento geral o fato de que a religião é um elemento intrínseco na história. Por isso ela nunca deixou de ser assunto primário no que se refere à explicação da humanidade em sua mais profunda e básica essência.

Muitos autores discutem a religião com as mais diversas visões. Para alguns, a religiosidade é um meio social por onde as relações dos adeptos transitam. Para outros, ela é a base da ética, norteando o comportamento das pessoas. Também se referem a ela como o que dá sentido à existência. Outros ainda simplificam a religião como um conjunto de conhecimentos específicos aderidos por aqueles de gosto peculiar.

O QUE OS JOVENS ACHAM DA RELIGIÃO

Boff (2005, p. 28) traz uma abordagem a respeito da institucionalização da religião e suas consequências que pode ser a influência por detrás do atual pensamento predominante sobre religião:

Ao substantivar-se e institucionalizar-se em forma de poder, seja sagrado, social, cultural e milenar (como nos estados pontifícios de outrora), as religiões perdem a fonte que as mantém vivas – a espiritualidade.

Ele coloca em pontos opostos a espiritualidade e a religião institucionalizada, argumentando que regras eclesiásticas, rituais pré-estabelecidos ou estruturas religiosas não são necessários para que o indivíduo tenha uma experiência transcendente com o divinos. Em outras palavras, o contato de uma pessoa com Deus é algo singular e não restrito a nenhuma igreja.

Em sua pesquisa, Godinho, Carvalho e Souza entrevistaram jovens entre 18 e 29 anos a respeito de sua experiência religiosa. Alguns dos depoimentos foram contundentes a favor da não-religião. Por exemplo, Gabriel (Godinho; Carvalho; Souza, 2014, p. 142) disse:

Eu acho, na verdade, que a religião, qualquer que seja ela, ela reflete a sociedade como um todo, reflete as leis,

e digamos assim, são na verdade estruturas feitas para tentar colocar a gente numa determinada linha, digamos assim, normatizar a gente para tentar de alguma forma docilizar os corpos; o que é importante para que a gente consiga se constituir como seres sociáveis, mas acho que é uma forma de suprir, colocar as pessoas dentro de certos limites. Qualquer tipo de sistema de crenças que tenta me dar linha e queira dar uma diretriz para minha própria vida, eu acho isso limitador [...]. É lógico que existe uma dimensão na religião que é algo de ensinamento, de interiorização e de reflexão... O problema é como nós, enquanto seres humanos, nos apropriamos da religião, de como a utilizamos... É uma questão que eu identifico em praticamente todas as religiões, que é um 'q' de manipulação, de manipulação de trazer 'a verdade', as leis ou as leis divinas, o que é certo, o que é errado, e de dizer como a gente deve agir [...]. Então eu diria que religião, o termo religião, o caráter institucional da religião é poder [...]. Todas elas caminham juntas no poder, têm uma estrutura coercitiva.

Outra jovem entrevistada, Patrícia (Godinho; Carvalho; Souza, 2014, p. 143), completou:

Eu não acredito no sentido de você ter uma religião como um dogma. Eu vejo muitas pessoas que vão à Igreja Católica, por exemplo, e está o padre falando e elas estão rezando aquilo automaticamente e quando saem dali esquecem tudo o que foi falado ali dentro e fazem o oposto. Então eu acho que além de uma religião, de ter uma religião em si, você tem que ter fé em alguma coisa,

acreditar, mesmo que seja: “eu acredito no meu modelo interior, em ser bom, em fazer o bem, ser uma pessoa digna e honesta”. Não estou dizendo que não acredito na Igreja Católica, só que não preciso estar lá diariamente, como outras pessoas, para ter minha fé.

Um país outrora essencialmente católico, que perpassou pelo crescimento evangélico e pentecostal, agora testemunha o crescimento dos “sem religião” – pessoas normalmente cristãs, mas que não são ligadas nem comprometidas a nenhuma denominação.

CONCLUSÃO

O distanciamento dos jovens brasileiros da religião é real e perceptível. Entretanto, essa descredibilidade à instituição religiosa dentre os jovens pode ser resultado de movimentos juvenis da década de 60, além da influência das teorias de Leonardo Boff.

Segundo Anderson (1995), os hippies nos EUA rejeitaram o status quo de uma sociedade formal e protestaram contra a guerra do Vietnã e o modelo de consumo, subvertendo as normas sociais e morais em nome da paz e amor. No mesmo período, estudantes na França questionavam duramente o sistema educacional rígido a que eram submetidos, seguidos por estudantes de outros países europeus na mesma condição. E no Brasil, a mobilização da juventude, chamada de movimento tropicalista, se ergueu inclusive contra o governo militar vigente, em busca de liberdade de expressão (Pereira, 2016).

Todavia, em meio a esse contexto crescente, ainda existem os que se declaram a favor da instituição religiosa. E dentre esses, estão os jovens adventistas que, além de serem adeptos à ideia da religião, são, em sua maioria, apaixonados defensores e propagadores de sua igreja. De certa forma, os jovens adventistas do sétimo dia são os remanescentes de uma visão que lentamente vai morrendo dentre seus pares. Por isso, recai sobre essa juventude a responsabilidade profética de avisar ao mundo que sua igreja é um braço provisório de Deus, aqui para ajudar na nossa salvação.

REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, D. Pesquisa sobre jovens e religião. **G1**, 2013. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/442-dos-jovens-entre-16-e-24-anos-sao-catolicos-diz-data-popular.html>. Acesso em: 07 maio 2026.
- ANDERSON, T. The Movement and the Sixties: Protest in America from Greensboro to Wounded Knee. **History: Reviews of New Books**, 24(1),1995.
- BOFF, L. **Espiritualidade: um caminho de transformação**. Rio de Janeiro, RJ: Sextante, 2005.
- CARDOSO, R. A fé da juventude. **Espiritismo.net**, 2008. Disponível em: <https://www.espiritismo.net/node/16306/>. Acesso em: 07 maio 2026.
- DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IASD. Pesquisa Adventista: Recorte Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Tocantins. 2018.
- GODINHO, D. **Juventude e religião: modos de subjetivação na contemporaneidade**. 327 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.
- GODINHO, D.; CARVALHO, C.; SOUZA, S. Experiências religiosas da juventude contemporânea: indagações sobre fé, secularização, ética e política. **Revista de Psicologia Política**, v. 14, n. 29, p. 261–278, 2014.
- NOVAES, R. Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos: notas preliminares. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 317–330, 2004.
- NOVAES, R. Religião e política: sincretismos entre alunos de Ciências Sociais. In: **A dança dos sincretismos**. Rio de Janeiro, RJ: Instituto de estudos da religião, 1994. p. 141–161.
- NOVAES, R. Juventude e religião: o que há de novo?. **Revista Senso**, 2017.
- PEREIRA, C. Os jovens e a contracultura brasileira. 2016. IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte, vol. 8 n 2, 2016. Disponível em: https://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistaiara/wp-content/uploads/2016/03/61_lara_artigo_revisado.pdf. Acesso em: 7 maio 2026.

**Depressão
em alunos
universitários:
uma abordagem
de uma
problemática
crescente**

É de conhecimento geral que a depressão assumiu um papel protagonista na vida de milhões de pessoas, independente do gênero ou faixa etária – até as crianças estão sendo afetadas. Além disso, considera-se que os transtornos do estado de ânimo, como a depressão, estão entre as principais causas de incapacidade laboral. Em um artigo datado de 2013, esperava-se que a depressão fosse a segunda maior causa de incapacidade de qualquer condição médica em 2020 (Barquín; García; Ruggero, 2013), depois das doenças cardíacas.

Ao mesmo tempo, a depressão apresenta alta correlação com outro fator da psique: a ansiedade. Ambas estão presentes em diversos quadros de afecção da mente. Não é estranho observar depressões com grande carga de ansiedade ou quadros de angústia obscurecidos por sintomatologia depressiva (Serrano Barquín; Rojas García; Ruggero, 2013). Vallejo e Gastó (1990) afirmam que o humor depressivo não é raro nos estados de ansiedade e os sintomas ansiosos contaminam os quadros depressivos.

Dentre os fatores que podem gerar tais quadros encontram-se a competitividade no trabalho, situações no âmbito familiar ou pressões acadêmicas nas etapas de escolarização e formação profissional.

No presente trabalho, será dispensada maior atenção a esta última causa, analisando quais são as razões pelas quais a vida acadêmica pode iniciar ou reforçar uma depressão, e como a IASD pode trabalhar com as pessoas que atravessam esse quadro.

ESTRESSE, ANSIEDADE E DEPRESSÃO EM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS E SUAS PRINCIPAIS CAUSAS

Antes de prosseguir com a abordagem dessa temática, é necessário definir os seguintes conceitos:

- **Estresse:** A Organização Mundial da Saúde (OMS) define o estresse como o conjunto de reações fisiológicas que prepara o organismo para a ação (Oliva, 2007).
- **Ansiedade:** A ansiedade é uma reação normal e saudável que se ativa diante de uma ameaça ou perigo. A ansiedade torna-se um transtorno quando essa reação se ativa em situações habitualmente não ameaçadoras ou de

maneira persistente, ao ponto de interferir de forma importante na vida diária (Clinic Barcelona, 2022; Fullana, 2022).

- **Depressão:** Estado mental caracterizado por sentimentos permanentes de tristeza, desespero, perda de energia e dificuldade para lidar com a vida cotidiana normal (Instituto Nacional Del Cáncer, 2022).
- Conhecendo essas definições, não é difícil identificá-las na vida cotidiana das pessoas. Um dos grupos humanos mais afetados é o dos alunos universitários. É de conhecimento geral que a vida universitária atravessa momentos de grande tensão e estresse. Em 2009, a Universidad Católica San Antonio de Murcia apresentou um estudo sobre a prevalência de ansiedade e depressão em seus estudantes. Referido estudo foi realizado com uma amostra de 700 alunos, utilizando a Escala de Ansiedade e Depressão de Goldberg (EADG). A pesquisa chegou à conclusão de que 47,1% dos alunos sofriam transtornos de ansiedade e 55,6%, depressão (Balanza; Morales; Guerrero, 2009). Ou seja, praticamente metade dos alunos sofre com algum desses transtornos, ou ambos.

Assim como a Universidad Católica San Antonio de Murcia realizou esse estudo, outras universidades também o fizeram, como a Universidad Complutense de Madrid e a Université de Nice, na França. Para esses três estudos europeus, os fatores comuns de risco associados foram o sexo feminino, morar fora do domicílio familiar, dificuldades familiares e carga acadêmica extra (Garcia *et al.*, 2019). Esses números não diferem dos estudos realizados na América Latina.

Por essa razão, torna-se necessário abordar alguns desses principais aspectos ao se identificar esse fenômeno na vida dos universitários.

ASPECTOS FAMILIARES

É interessante notar como o contexto familiar pode afetar o surgimento de ansiedade, estresse e depressão nos alunos universitários. Garcia *et al* (2019) apontam que não morar com a família durante o período letivo pode ser um fator estressante associado ao risco de ansiedade por parte do aluno. É esperado que o deslocamento para um novo local de residência seja uma possível

causa de estresse. Adaptar-se a um novo lugar traz os desafios de sentir-se confortável no novo ambiente, ou o temor de fracassar ao não conseguir. O desapego dos pais ou tutores e a forma de enfrentar os novos desafios da vida acadêmica também são ingredientes que podem provocar ansiedade nos alunos. Além disso, destaca-se que 64,7% dos alunos que afirmaram ter outras obrigações extra-acadêmicas, como cuidar de filhos ou pais, apresentam transtornos depressivos (Balanza; Morales; Guerrero, 2009).

ASPECTOS ECONÔMICOS

O fator econômico também está relacionado a esses índices de ansiedade e depressão. Conciliar uma (ou mais) atividade laboral com a vida acadêmica acarretará suas consequências. Não são poucos os alunos que precisam enfrentar essa realidade para custear seus estudos. Isso pressupõe um grande desafio no planejamento do tempo para alcançar os objetivos acadêmicos, ao mesmo tempo em que se cumprem as exigências profissionais. Garcia et al (2019) encontraram uma associação entre os sintomas de ansiedade e o fato de o aluno ter cursado escolas subvencionais ou municipais, indicando uma relação entre a condição financeira da família e o desenvolvimento de transtornos de ansiedade e depressão.

E, em sentido contrário, os alunos de escolas particulares pagas apresentaram níveis inferiores de sintomatologia ansiosa, o que sugere maior associação de problemas de ansiedade com níveis socioeconômicos baixos (Garcia et al., 2019).

ASPECTOS ACADÊMICOS

Esses aspectos podem ser rapidamente identificados com a ansiedade nos alunos. As exigências acadêmicas variam muito entre o ensino médio e o superior. Entretanto, o estudo realizado em Madri destacou que o único fator do ambiente acadêmico que apresentava grande correlação com situações de estresse ou depressão entre os estudantes era o das disciplinas pendentes de anos anteriores. No entanto, parece que são outros os fatores – tanto

pessoais quanto familiares e sociais – que exercem maior influência no risco de elevados níveis de estresse e depressão (Balanza; Morales; Guerrero, 2009).

ASPECTOS RELACIONADOS AO SEXO

Em relação a esse estudo, revelou-se que, de todas as variáveis, o sexo é a que apresenta maior associação com os transtornos de ansiedade: 57,5% das mulheres frente a 36,3% dos homens apresentaram esse tipo de transtorno (Balanza; Morales; Guerrero, 2009). Isso também se correlaciona com a depressão, em que a população feminina apresenta maiores índices de depressão, 60,5%, frente a 51,4% dos homens (Balanza; Morales; Guerrero, 2009).

Entretanto, é interessante notar que, segundo um estudo realizado na Universidad San Sebastián de Concepción, no Chile, o consumo problemático de álcool entre alunos universitários é maior nos homens (59,1%) do que nas mulheres (19,7%), como produto da ansiedade (Garcia *et al.*, 2019).

Outros fatores mencionados em diversos estudos como desencadeadores de estresse e ansiedade são: longos deslocamentos diários para acessar a universidade, orientação sexual diferente da heterossexual, disfunção familiar moderada e grave, e ter presenciado pelo menos um evento traumático (Garcia *et al.*, 2019).

FATORES PROTETORES CONTRA A ANSIEDADE, O ESTRESSE E A DEPRESSÃO EM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS

Ao compreender melhor quais são as principais causas que levam os alunos universitários a experimentar ou desenvolver esses transtornos psicológicos, é possível trabalhar diferentes fatores protetores para contrabalançar seus efeitos adversos.

A compilação de estudos realizada por Garcia *et al.* (2019) destaca que foram identificados como fatores protetores a realização de atividade física regular, pertencer a um grupo e ter boa qualidade de sono (Garcia *et al.*, 2019).

Isso pode ser um bom ponto de partida para pensar em propostas que auxiliem no trabalho com universitários que padecem desses transtornos, e na prevenção deles em outros que estão iniciando sua vida acadêmica.

PERTENCER A UM GRUPO

O fato de afastarem-se do contexto sociofamiliar coloca o estudante diante de um grande desafio para adaptar-se ao novo ambiente em que passará os próximos anos de sua vida. A distância e a falta de tempo ou recursos os deixam sem uma rede de apoio social para enfrentar os novos desafios acadêmicos e sociais.

Por isso, é imperativo construir novos ambientes em que o estudante possa encontrar o acolhimento emocional próprio de cada ser humano. Nesse sentido, a IASD pode desempenhar um papel importante, não apenas convocando os estudantes às reuniões semanais de adoração, mas tornando-se a “família” dos alunos universitários. Muitos dos que professam o adventismo buscam sua formação profissional em instituições adventistas. Portanto é necessário que tais instituições ofereçam esse acolhimento nos diferentes espaços em que transcorre a vida universitária, como as salas de aula, as residências, os espaços de alimentação e recreação e, obviamente, a igreja. Toda a instituição deve estar comprometida com essa visão e missão de “adotar” cada estudante, não apenas para lhe oferecer formação acadêmica, mas também para criar uma rede de acolhimento que cuide de cada aspecto da vida do estudante.

Mas essa não é a realidade de todos os alunos universitários adventistas. Muitos deles buscam sua formação em outras instituições – não adventistas – por diversas razões. Nessas situações, tanto as igrejas quanto os “centros universitários adventistas” devem assumir o desafio de “acolher” esses alunos que estão longe de suas casas, assim como os que estão perto.

Isso não apenas ajudará os alunos a enfrentar os desafios acadêmicos, mas também pode diminuir a evasão deles nessas universidades.

ATIVIDADE FÍSICA E BOA QUALIDADE DE SONO

Outros fatores apontados como “protetores” contra a ansiedade, o estresse e a depressão são os relacionados à atividade física e ao sono. É de conhecimento geral que a boa administração do tempo é essencial para que o estudante possa, não apenas render academicamente, mas também fazê-lo

com boa saúde emocional, física, social e espiritual. Embora isso represente um grande desafio, é possível.

As novas tecnologias e os meios de comunicação em massa, como as redes sociais, modificaram os hábitos das pessoas, dentre eles, o descanso. A exposição às telas a altas horas da noite produziu um desequilíbrio nos períodos de descanso, nos quais se comprovou que esse ciclo de sono alterado gera maior desgaste.

Por isso, propõe-se que estudantes universitários reservem tempo de seus horários de estudo para realizar atividades recreativas, tais como atividades físicas, sociais e espirituais. Também é importante ter maior controle do tempo que se passa diante das telas dos dispositivos e estabelecer períodos de descanso que sejam úteis para a mente e o corpo.

A crença no sábado desempenha um papel importante nesse assunto. Poder ter um descanso semanal das atividades cotidianas ajudará a contrabalançar os efeitos do estresse e da ansiedade, próprios da vida universitária. Nesse aspecto, novamente a IASD tem um papel a cumprir. Programas que motivem os universitários a descansar das atividades acadêmicas normais podem gerar um resultado altamente positivo no dia de sábado. É necessário planejar diferentes ações em que o repouso e o serviço ao próximo possam ser fundamentais, juntamente com o congregar-se em um espaço físico para louvar a Deus, como propõem as reuniões de culto religioso.

PROJETOS DE AJUDA FINANCEIRA

A IASD também pode realizar ações que auxiliem os universitários financeiramente, uma vez que este fator figura entre os que contribuem para o surgimento de transtornos de ansiedade e depressão nos estudantes.

Podem-se pensar diversas formas de contribuir com os alunos universitários, tais como propor uma oferta especial para ajudar os que têm maiores necessidades financeiras, coleta de alimentos ou produtos de higiene pessoal. Além disso, eles podem ser orientados sobre como dedicar os períodos de recesso escolar à colportagem, método que tem ajudado milhares de

universitários a obter seus recursos financeiros, ao mesmo tempo em que desenvolvem um ministério missionário por meio da literatura.

As famílias e membros da IASD também podem “adotar” diferentes universitários para tornarem-se seus “padrinhos espirituais”, zelando, não apenas pelo seu bem-estar econômico, mas também pelo social e espiritual. Isso contribui para cumprir o primeiro ponto proposto sobre o acolhimento dos estudantes.

A ANSIEDADE, O ESTRESSE OU A DEPRESSÃO NÃO SIGNIFICAM FALTA DE FÉ

Muitos cristãos podem ser tentados a pensar que sofrer de ansiedade ou depressão é uma questão de falta de fé e, portanto, percebê-la como pecado. Embora o temor e o medo sejam consequências da entrada do pecado na vida de Adão e Eva (Gn 3:10), não seria justo afirmar que padecer dessas enfermidades esteja relacionado a um comportamento pecaminoso ou à falta de fé por parte de quem as sofre. É aqui que a igreja, por meio de seus líderes e membros, deve transformar-se em “cidades de refúgio” para essas pessoas que são perseguidas pelo temor. Portanto, nossa tarefa, como irmãos em Cristo, é acompanhar àqueles que estão atravessando o deserto da depressão durante suas horas mais escuras. Isso coloca a igreja e sua comunidade em um lugar em que fazem parte do acolhimento e do acompanhamento que deve ser oferecido aos que estão passando por esses “vales de sombra e de morte”.

A ESPIRITUALIDADE COMO FERRAMENTA FRENTE À DEPRESSÃO E À ANSIEDADE

Lamentavelmente, por muito tempo as igrejas – e a adventista não é exceção – não têm sido espaços em que as pessoas sentem que podem compartilhar suas dificuldades emocionais. Fields comenta que muitas igrejas tornaram-se lugares em que é impossível revelar seus sentimentos mais íntimos quando se está ferido (Fields, 2017). Isso é dito em alusão à ideia equivocada de que os cristãos não podem sentir desânimo, e, se o sentem, é porque algo não vai bem com sua espiritualidade.

Compreender erroneamente o porquê da depressão e da ansiedade na vida das pessoas fez com que não apenas se obstruísse o espaço para a

identificação e o tratamento, mas também que o mal-estar e o transtorno se intensificassem, tornando a espiritualidade um fardo ainda mais pesado, em vez de fonte de consolo e orientação. No entanto, compreender esse assunto de forma equilibrada pode transformar a espiritualidade em uma ferramenta no combate contra a ansiedade e a depressão. Existe evidência empírica de como a espiritualidade afeta positivamente o bem-estar dos estudantes universitários (Morales, 2014). Por isso, é de grande importância compreender e abordar correta e equilibradamente com a depressão e o estresse se relacionam com a espiritualidade, já que esta pode ser uma grande ferramenta para enfrentar aqueles transtornos – em vez de um estressor ainda maior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, procurou-se obter mais informações sobre a ansiedade e a depressão em alunos universitários, as principais causas que provocam esse mal-estar e quais podem ser algumas das formas eficazes de combater esse fenômeno.

Ao estudar as principais causas pelas quais os universitários se encontram em quadros de ansiedade ou depressão, nota-se que a IASD pode exercer um papel salutar, por meio dos membros das igrejas que recebem esses estudantes. É necessário entender que a igreja foi chamada a acolher os alunos universitários e que, ao mesmo tempo, estes serão trabalhadores eficazes na pregação do evangelho, uma vez cumprida sua etapa de formação profissional.

Esse é um assunto no qual as instituições, igrejas e organizações da IASD podem se aprofundar, a fim de combater os transtornos relacionados a essas afecções e, ao mesmo tempo, criar conscientização nos estudantes universitários sobre como podem prevenir e lidar com situações de ansiedade e estresse ao longo de sua vida acadêmica e da posterior vida profissional.

REFERÊNCIAS

BALANZA, S.; MORALES, I.; GUERRERO, J. Prevalencia de Ansiedad y Depresión en una Población de Estudiantes Universitarios: Factores Académicos y Sociofamiliares Asociados. **Clínica y Salud**, v. 20, n. 2, p. 177-187, 2009.

BARQUÍN, C.; GARCÍA, A.; RUGGERO, C. Depresión, ansiedad y rendimiento académico en estudiantes universitarios. **Revista Intercontinental de Psicología y Educación**, v. 15, n. 1, 2013.

CLINIC BARCELONA. Trastornos de ansiedad. Disponível em: <https://www.clinicbarcelona.org/asistencia/enfermedades/trastornos-de-ansiedad>. Acesso em: 7 maio 2026.

FIELDS, D. Por qué me siento de esta manera. **Líder 6-25**: Depresión, la amenaza silenciosa, nov./dez. 2017, p. 32-33.

GARCÍA, J.; CASTILLO-JIMÉNEZ, R.; CEPEDA, A.; LÓPEZ, L.; PACHECO, A. Ansiedad y depresión en estudiantes universitarios: relación con rendimiento académico. **Interdisciplinary Journal of Epidemiology and Public Health**, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342962914_Ansiedad_y_depresion_en_estudiantes_universitarios_relacion_con_rendimiento_academico. Acesso em: 7 maio 2026.

INSTITUTO NACIONAL DEL CÁNCER. Diccionario de cáncer: depresión. Disponível em: <https://www.cancer.gov/espanol/publicaciones/diccionarios/diccionario-cancer/def/depression>. Acesso em: 25 jul. 2022.

MORALES, S. Relación entre la espiritualidad, el bienestar físico y el bienestar psicológico de los estudiantes universitarios. **Revista Griot**, v. 7, n. 1, p. 7-18, 2014.

OLIVA, S. Estrés y burn out: Definición y prevención. **Offarm: farmacia y Sociedad**, vol. 26, n. 10, 2007.

PELT, R. La importancia del acompañamiento en medio de la crisis. **Líder 6-25**: Depresión, la amenaza silenciosa, nov./dez. 2017, p. 30.

VALLEJO, J.; GASTÓ, C. **Trastornos afectivos**: ansiedad y depresión. Barcelona: Salvat, 1990.